

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Processos Psicológicos Básicos

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

**Estudos sobre a disponibilidade esquemática, expertise e pertença religiosa:
Normas de associação semântica, julgamentos de tipicidade e similaridade**

MATHEUS FERNANDO FELIX RIBEIRO

Brasília

Dezembro

2023

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Processos Psicológicos Básicos

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

**Estudos sobre a disponibilidade esquemática, expertise e pertença religiosa:
Normas de associação semântica, julgamentos de tipicidade e similaridade**

MATHEUS FERNANDO FELIX RIBEIRO

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Wânia Cristina de Souza

COORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Goiara Castilho de Mendonça

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento do Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção o título de Doutor em Ciências do Comportamento, na área de concentração: Cognição e Neurociências do Comportamento.

Brasília

Dezembro

2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Goiara Mendonça de Castilho

Departamento de Processos Psicológicos Básicos - Instituto de Psicologia - Universidade de Brasília

Presidente

Profa. Dra. Mary Rute Gomes Esperandio

Programa de Pós-Graduação em Bioética e Programa de Pós-Graduação em Teologia - Pontifícia Universidade

Católica do Paraná

Membro externo

Profa. Dra. Renata Ferrarez Fernandes Lopes

Programa de Pós-Graduação - Instituto de Psicologia – Universidade Federal de Uberlândia

Membro externo

Prof. Dr. Cláudio Vaz Torres

Departamento de Processos Psicológicos Básicos - Instituto de Psicologia - Universidade de Brasília

Membro interno

Prof. Dr. Mauro Silva Dias Júnior

Departamento de Processos Psicológicos Básicos - Instituto de Psicologia - Universidade de Brasília

Membro suplente

Agradecimentos

À minha orientadora Profa. Dra. Wânia de Souza, cuja disponibilidade, seriedade e preocupação para seus alunos é sem precedentes. Sou grato por ter sido seu orientando.

À minha co-orientadora Profa. Dra. Goiara de Castilho, quem apoiou desde o início meu desenvolvimento científico e pessoal com gentileza, atenção e cuidado. Afirmo convicto que estou sobre o ombro de duas gigantes da Psicologia Cognitiva e Neurociência brasileira e, por isso, agora posso ver mais ao longe e mais claramente o horizonte.

Aos membros da banca de doutoramento e também de qualificação por suas valiosas considerações críticas.

Aos participantes da pesquisa, que dedicaram seu tempo.

Ao meu pai, João Batista Ribeiro. O silêncio contempla minha saudade. Obrigado por ter sido meu pai. Eu não poderia ter sido mais feliz.

À minha mãe, Sônia Felix Ribeiro, a pessoa mais forte e bondosa que jamais conheci. Você é meu modelo.

Ao meu irmão, Marcus Felix Ribeiro, meu melhor amigo. Dotado de uma moral inquestionável e de uma inteligência admirável. Para mim, nossa amizade transcende nossos vínculos sanguíneos.

À minha namorada, Roberta de Souza. Este trabalho não teria sido realizado sem você. Você foi meu apoio emocional e intelectual.

À minha família, vocês são minha base.

Aos meus amigos que toleraram meus momentos de ausência e souberam compreender a relevância dessa etapa.

Aos meus colegas e amigos dos meus grupos de pesquisa e trabalho na UnB, da USP, da PUC-PR e Uniube.

À agência de fomento Capes, que financiou o desenvolvimento dessa pesquisa.

Por fim, agradeço ao antropólogo Benson Saler, quem deixou esse mundo para habitar algum outro em 2021. Saler e eu trocamos e-mails sobre a possibilidade de investigar sua teoria de religião de maneira empírica, o que não havia sido feito até então. Essa tese jamais teria ocorrido sem sua influência. Acredito que ele teria ficado contente em saber que sua teoria possui agora um lastro empírico.

Religion is the way it is because the mind is the way it is.

Jason Slone (2005)

Tutto è santo, tutto è santo, tutto è santo.

Non c'è niente di naturale nella natura, ragazzo mio, tienelo bene in mente.

Quando la natura ti sembrerà

naturale

tutto sarà finito — e

comincerà qualcos'altro.

Medea – Pier Paolo Pasolini

RESUMO

A presente tese teve como objetivo criar um banco normativo padronizado em português brasileiro das associadas de religião, bem como a apresentação dos atributos, exemplos, tamanho de categoria e cálculo de força associativa. Ademais, também foi investigado se a disponibilidade esquemática, a expertise e a pertença religiosa estão relacionadas com julgamentos de tipicidade e de similaridade. No estudo das normas, foram coletados dados de 229 participantes universitários. Os resultados sugerem que as palavras mais citadas são ligadas ao componente de crença e que os exemplos de religião mais citados são aqueles que tem maior prevalência demográfica. No estudo experimental, foram coletados dados de 126 participantes e foi verificado que há uma assimetria no julgamento de tipicidade dos exemplos com maior força associativa do que os com menor, e que os atributos foram julgados de maneira equivalente, independente da probabilidade de sua evocação. Também foi verificado uma assimetria nos julgamentos de similaridade dos exemplos de diferentes forças associativas. Em nenhum julgamento foi detectado um efeito significativo da disponibilidade esquemática ou da expertise. Porém, foram encontradas diferenças nos julgamentos de participantes quanto à pertença religiosa. Foi proposto um esquema de religião baseado nas normas geradas. Sugere-se que os julgamentos de similaridade possam ser reinterpretados à luz da acessibilidade conceitual e que a pertença religiosa tenha um impacto na cognição religiosa, mas não houveram evidências de que a disponibilidade esquemática ou expertise religiosa estivessem envolvidas nesses tipos de julgamentos.

Palavras-chaves: Teoria do esquema; Julgamento; Religião; Normatização semântica;

Acessibilidade conceitual

ABSTRACT

The aim of this study was to create a standardized normative database in Brazilian Portuguese of associates of religion, as well as the presentation of attributes, examples, category size and calculation of associative strength. It was also investigated whether schematic availability, expertise and religious identity were related to judgments of typicality and similarity. In the norm collection article, data was collected from 229 university participants. The results suggest that the most cited words are linked to the belief component rather than to ritualistic, institutional or dogmatic elements, and also that the most cited examples of religion are those with the highest demographic prevalence. In the experimental article, data was collected from 126 participants and it was found that there was an asymmetry in the judgment of the typicality of the examples with greater associative strength than those with less, and that the attributes were judged in an equivalent way, regardless of the probability of their evocation. There was also an asymmetry in the similarity judgments of examples of different associative strengths. These results are consistent with the conceptual accessibility hypothesis. In view of this, it is argued that this can be extended to both types of judgments for the semantic category religion. No significant effect of schematic availability or expertise was detected in any judgment. However, differences were found in the judgments of participants who had more than one religious' affiliation. It is suggested that similarity judgments can be reinterpreted in the light of conceptual accessibility and that single/multiple religious belonging has an impact on religious cognition.

Keywords: Schema Theory; Judgment; Religion; word norms; Conceptual accessibility

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANOVA

ANÁLISE DE VARIÂNCIAS

CEP/IH/UNB

COMITÊ DE ÉTICA / INSTITUTO DE
HUMANIDADES / UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA

IES

INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR

TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE
E ESCLARECIDO

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

FIGURA 1. Um possível esquema de religião, cujas dimensões se baseiam nas sugestões de Saler (2008)	36
FIGURA 2. Exemplo do esquema ovo. Adaptado de Davis (2014)	39
FIGURA 3. Nuvem de palavras	61
FIGURA 4. Análise de similitude	64
FIGURA 5. Um possível esquema de religião, cujas dimensões se baseiam nas sugestões de Saler (2008)	78
FIGURA 6. Fluxograma dos experimentos.....	89
Figura 7. Diagrama descritivo do escore do julgamento dos atributos pela pertença religiosa....	91
FIGURA 8. Escores dos exemplos de baixa e alta força associativa e sua relação com a pertença religiosa	93
Figura 9. Escore na tarefa de similaridade e centralidade religiosa.....	98
Figura 10. Escore na tarefa de similaridade e pertença religiosa.....	99
Figura 10. Escore na tarefa de dessemelhança e pertença religiosa.....	105
TABELA 1. Dados sociodemográficos da amostra	58
TABELA 2. Exemplos da categoria religião e suas forças associativas	65
TABELA 3. Relação entre centralidade e pertença religiosa	81
TABELA 4. Frequência de pertença religiosa	82
TABELA 5. Distribuição dos atributos em termos de frequência	83
TABELA 6. Organização dos estímulos para o experimento de julgamento de similaridade	89

Tabela 7. Valores das dimensões exemplos e atributos do esquema religião estabelecidos por meio da coleta de normas.....	106
---	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	19
1. Religião.....	20
2. As representações mentais	22
2.1. Teorias de conceitos	27
2.1.1. Teoria Clássica.....	28
2.1.2. Teoria Prototípica.....	30
2.1.3. Teoria teórica (<i>theory theory</i> ou <i>naïve theory</i>)	37
2.1.4. Teoria dos esquemas	39
3. Julgamentos	49
3.1. Heurística de representatividade	51
3.2. Heurística de disponibilidade.....	53
4. A acessibilidade conceitual.....	54
JUSTIFICATIVA	17
OBJETIVOS	17
OBJETIVO GERAL	17
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
ESTUDO 1 – REPRESENTAÇÃO SEMÂNTICA DA PALAVRA RELIGIÃO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO POR MEIO DE COLETA DE NORMAS	56
CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	61
MÉTODO.....	62

ANÁLISE DE DADOS	66
ESTUDO 2 – UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A DISPONIBILIDADE ESQUEMÁTICA, A EXPERTISE E A PERTENÇA RELIGIOSA COMO MEDIADORES DE JULGAMENTOS DE TIPICIDADE E SIMILARIDADE ..	80
PRESENTE ESTUDO.....	88
CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	91
EXPERIMENTO 1 – JULGAMENTOS DE OCORRÊNCIA DE EVENTOS E DE TIPICIDADE.....	91
EXPERIMENTO 2 – JULGAMENTO DE SIMILARIDADE	102
PARTICIPANTES E DELINEAMENTO	102
DISCUSSÃO GERAL	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	128
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	1566
APÊNDICE B – ESCALA DE CENTRALIDADE RELIGIOSA	1588
APÊNDICE C – RESULTADOS DO CAMPO SEMÂNTICO RELIGIOSO ..	160

Introdução

A presente tese se situa no campo da Psicologia Cognitiva Experimental. Esta é uma vertente da Psicologia vinculada a um conjunto de outras disciplinas englobadas nas chamadas Ciências Cognitivas, tais como a Filosofia, a Antropologia, a Linguística, a Inteligência Artificial e a Neurociência (Castañon, 2018). Estas se dedicam a estudar a cognição humana a partir de diversas perspectivas epistemológicas (Carvalho et al., 2016). Tendo a cognição humana como objeto de estudo primário, a Ciência Cognitiva se preocupa em compreender os processos envolvidos na aquisição, representação, armazenamento e utilização do conhecimento, ou seja, em todos os processos pelos quais a informação é transformada. Segundo Castañon (2018), cognição abarca o conjunto de representações mentais e suas regras de transformação. O presente trabalho utiliza essa noção de cognição para nortear seu desenvolvimento.

Como um recorte necessário e específico em todo trabalho acadêmico, sobretudo dentro de um universo tão vasto quanto a Ciência Cognitiva, objetiva-se investigar um dos aspectos vinculados ao processamento da cognição religiosa (Cresswell & Rivas, 2016). Mais especificamente, objetiva-se aclarar as relações pelas quais a relevância do fenômeno religioso pode alterar a maneira pela qual processamentos as informações. Isso pode ser ilustrado pelo seguinte exemplo.

O conquistador espanhol Pedro de León, ao narrar as primeiras incursões europeias ao atual Peru, assim descreve sua percepção sobre um aspecto da cultura local: “não observamos religião alguma, segundo nosso entendimento, nem há nenhum templo de oração a ser encontrado” (tradução livre) (Smith, 1998, p.169). Essa frase deve ser historicamente contextualizada. A invasão espanhola naquele país teve início em 1531. É importante citar que, no período, a Espanha era uma potência econômica e marítima, assim como era um dos maiores

representantes da expansão imperialista europeia e a Instituição Igreja Católica Apostólica Romana apoiou abertamente esse processo colonizador. O fato que impossibilitou ao conquistador encontrar religião alguma segundo seu entendimento pode ser traduzido, em termos científicos segundo a Psicologia Cognitiva, como a maneira como uma informação é mentalmente organizada, agrupada, percebida ou classificada. Em termos técnicos, isso se chama representação mental.

Se a representação mental se desenvolve a partir da experiência (Murphy, 2002; Sternberg & Sternberg, 2017), e a experiência do conquistador espanhol com a religião esteve ligado com as tradições abraâmicas¹ (Nongbri, 2013; Saler, 1993), portanto é de se esperar que ele também buscasse por qualquer coisa que fosse semelhante àquilo que ele estava familiarizado, que estivesse disponível em sua rede representacional, tais como símbolos, cultos, performances corporais, expressões artísticas e doutrinas (Greco & Moretti, 2017). Nesse sentido, a representação atuaria como uma espécie de filtro da realidade, permitindo que as pessoas reconheçam aquilo que suas estruturas permitem e tenderão a ignorar o resto (Neisser, 1977). Assim qualquer julgamento pode ser compreendido à luz do que é ativado ou acessado na memória, como um eco do conhecimento prévio, cujo acesso poderia ser facilitado por pistas ou informações contextuais mais relevantes ou fortemente associadas às categorias representacionais armazenadas na memória.

¹ Termo utilizado em Ciência da Religião para designar um conjunto de religiões monoteístas cuja origem comum é descenderem de um mesmo profeta, Abraão. Se referem a três principais, quais sejam, o cristianismo, o judaísmo e o islamismo.

A busca por atributos que fazem parte da categoria, bem como o reconhecimento de quais os membros (ou exemplos) fazem parte da mesma são culturalmente construídos em função da experiência (Daniels et al., 2007). Assim, é possível perceber que a relação estabelecida entre cognição e a cultura se dá a partir de mudanças impressas na categoria religião quando contrastados distintos períodos históricos. A título de ilustração: na época das Grandes Navegações, período em que o conquistador europeu viveu, e onde se evidenciava predomínio das religiões de matriz abraâmicas, concorreu possivelmente para que apenas aquilo semelhante à matriz religiosa do conquistador pudesse ser utilizado como critério de categorização para religião.

A própria estrutura representacional da categoria religião pode ter sofrido, em um momento mais hodierno, uma outra reconfiguração em termos representativos. Tais transformações podem ter ocorrido a partir de fenômenos sociais, tais como a popularização e massificação da educação formal, consolidadas nos séculos XX e XXI, com globalização, com a emergência de novas religiões e do universo digital. A própria noção de identidade religiosa, em que fenômenos como o pertencimento a mais de uma religião é não apenas possível, mas comum, sobretudo em um país constitutivamente diverso como o nosso (Camurça, 2020).

Apesar dessas novas possíveis configurações, algumas questões ainda permanecem irresolutas no campo da representação mental da categoria religião, tais como:

(1) O conceito de religião estaria assentado na ideia de um conjunto de atributos necessários e suficientes, ou seja, para que uma pessoa julgue que algo seja religião, haveria algo que seja necessário para esse julgamento? Se sim, o que seria? Por exemplo, a existência de uma entidade sobrenatural seria um critério de definição *sine qua non* para definir o que é religião ou não?

(2) Ou, de outra forma, seriam considerados atributos probabilísticos para definir o conceito? Por exemplo, a existência de um ser sobrenatural poderia ser um atributo altamente provável entre os diversos tipos de religião, mas não exatamente um atributo necessário e suficiente para a definição do termo?

(3) Existem evidências de que a identidade religiosa (qual religião a pessoa se identifica) afeta a cognição (Colzato et al., 2008; Colzato, Beest, et al., 2010; Colzato, Hommel, & Shapiro, 2010; Hommel & Colzato, 2010), assim como também a diferença entre pessoas mais e menos religiosas (Rotolo, 2020; Streib et al., 2010; van Elk et al., 2016). No entanto, permanece desconhecido (até onde foi possível apreciar pela revisão de literatura) como a identidade, sobretudo a questão da pertença religiosa, e a importância da religião na vida das pessoas afetam os julgamentos de similaridade e tipicidade.

Justificativa

A presente pesquisa se justifica como uma tentativa de encontrar pontos comuns às religiões em um mundo multiétnico e multicultural. Um dos maiores fatores de conflito entre as religiões é a desumanização gerada como uma negação de características humanas em que os membros do exogrupo são percebidos como menos humanos (Kteily & Landry, 2022; Over, 2021). Se for possível estabelecer um conjunto de características/atributos similares entre membros de diferentes religiões, espera-se que essa tese contribua para a diminuição da desumanização, a partir do reconhecimento da semelhança (Paluck et al., 2019).

Objetivos

Objetivo geral

Coletar normas de associação semântica para a categoria religião. Investigar se a disponibilidade esquemática religiosa, a pertença religiosa e a expertise afetam julgamentos de

tipicidade e similaridade. Propor valores para as dimensões “exemplos” e “atributos” do esquema religião.

Objetivos específicos

São propostos dois estudos para lograr o objetivo geral:

Estudo sobre a representação da categoria religião

- Coletar normas de força associativa, tamanho de categoria, de primeiras associadas, de atributos e exemplos de religião em uma amostra brasileira;
- Estabelecer se existem propriedades necessárias e suficientes que compõem a categoria religião.

Estudo experimental de julgamentos de ocorrência de eventos, julgamento de tipicidade e de similaridade

- Investigar se julgamentos de ocorrência de eventos, de tipicidade e de similaridade em uma amostra de adultos brasileiros é dependente da disponibilidade esquemática religiosa;
- Investigar se julgamentos de ocorrência de eventos, de tipicidade e de similaridade em uma amostra de adultos brasileiros é dependente da pertença religiosa;
- Investigar se julgamentos de ocorrência de eventos, de tipicidade e de similaridade em uma amostra de adultos brasileiros é dependente da expertise religiosa;

- Investigar se julgamentos de ocorrência de eventos, de tipicidade e de similaridade em uma amostra de adultos brasileiros é dependente da força associativa dos membros da categoria religião;

Organização do Trabalho

Esta tese se subdivide em três partes principais. A primeira relativa à fundamentação teórica, na segunda parte são evidenciados os objetivos e a justificativa e a terceira parte será dedicada aos dois estudos realizados.

A fundamentação teórica está dividida em quatro tópicos, quais sejam:

- (1) Breve análise sobre o que é religião. Neste tópico será discutido de maneira sucinta uma perspectiva cognitiva de religião, assim como algumas lacunas recentes que especialistas da área apontam para o desenvolvimento deste campo em nosso país.
- (2) As representações mentais. Neste tópico será dada uma breve ênfase às teorias oriundas da Psicologia Cognitiva Experimental, embora sejam citadas também algumas fontes filosóficas relevantes. Será caracterizada a ontologia dos conceitos e serão também examinadas algumas funções das representações mentais relevantes para o conceito religião.
- (3) Os julgamentos. Neste tópico será inicialmente feita uma diferenciação entre julgar, decidir e escolher. A seguir serão analisados os tipos de heurísticas de representatividade e disponibilidade, essenciais para compreender os julgamentos de tipicidade.

(4) Acessibilidade conceitual. Neste tópico será burilada a teoria da acessibilidade conceitual, com especial ênfase aquela desenvolvida por Janczura e Nelson (1999, 2006) para julgamentos de tipicidade.

Religião

Algumas estimativas assumem que existem mais de 10.000 distintas religiões no mundo (Epley et al., 2007), ao passo que outras, mais parcimoniosas, assumem valores bem mais discretos, com menos de 10% daqueles estimados inicialmente (Murdock & White, 1969). Seja qual for a quantidade de religiões existentes, do ponto de vista evolutivo, estas parecem fazer parte da disposição mental e cultural humana (Barrett & Hornbeck, 2017; Brown, 1991).

Desde a Modernidade, com especial destaque para os séculos XIX e XX, quando o estudo formal da religião migrou do campo teológico e apologético para o científico (Usarski, 2014), inúmeros acadêmicos das humanidades desenvolveram teorias, cada qual com especial ênfase sobre um aspecto da miríade religiosa, de maneira a responder questões fundamentais sobre o que significa, o que faz, porque é como é, por que existe e qual seria a essência da religião.

Do ponto de vista epistemológico, o filósofo Dilthey sugeriu no século XIX uma organização do conhecimento bipartida, com métodos próprios de investigação, as chamadas Ciências da Natureza e as do Espírito (Evangelista, 2021). Esta divisão normalmente é representada a partir de dois polos epistemológicos distintos, a saber, a primeira caberia a tarefa de explicar (*Erklären*) por meio do método científico ao passo que as segundas adotariam uma postura compreensiva/explicativa (*Verstehen*) sobre os indivíduos, a sociedade e as instituições (Campos, 2018). Essa própria postura epistemológica traria diferentes maneiras de se pesquisar e

pensar o objeto. Ao longo do tempo, ambas epistemologias foram utilizadas em se tratando de religião (Prandi & Filoramo, 2012).

Durante todo o século XX, propostas dos mais diversos fundamentos teóricos utilizaram esses marcos epistêmicos ora citado para alicerçar suas pressuposições e pesquisas. Sob a perspectiva cognitivista, no entanto, prevaleceu um caráter eminentemente explicativo quando esta tinha como objeto a religião ou a fenômenos correlatos, tendo em vista o caráter essencialmente experimental da própria disciplina (Boyer, 1994; Carvalho et al., 2016; Dennin et al., 2022; Richert & Corriveau, 2022).

Na década de 1990, houve uma confluência de pesquisadores de diversas formações tais como Psicologia, Filosofia, Biologia, Antropologia, Ciência da Religião, Arqueologia e História, todos fundamentados pelo cognitivismo e pela nascente Psicologia Evolucionista da escola de Santa Bárbara (Califórnia, EUA), interessados em explicar os mecanismos evolutivos e funcionais da religião (Silva et al., 2019). Tal tradição ficou conhecida como Ciência Cognitiva Evolutiva da Religião e se tornou, nos dizeres de Benson Saler (2010, p. 331) “o que há de mais interessante por aí no estudo sobre religião” (tradução livre).

Recentemente, houve uma publicação no país de um livro, fomentada pela agência de pesquisa *John Templeton Foundation*, denominado *Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: Estado Atual e oportunidades futuras* (Ladd et al., 2019). O livro traz como conteúdo o mapeamento da Psicologia da Religião no país por meio da identificação de grupos de pesquisa, bem como recapitula a história e identifica o estado da arte Psicologia da Religião. Adicionalmente, apresenta três tópicos emergentes em capítulos separados sobre a área de Psicologia Cognitiva da Religião, quais sejam, um dedicado ao estudo das identidades, o segundo sobre a atribuição e o terceiro é sobre o papel das representações mentais. Essas são temáticas

consideradas tanto pela agência de fomento quanto pelos pesquisadores que escreveram os capítulos como críticas para a maior compreensão da religião ancorados pelo Psicologia Cognitiva da Religião.

Nessa esteira, diversos psicólogos ocidentais e orientais buscaram compreender dinâmicas da formação da identidade a partir de fenômenos que são considerados localmente, de maneira autóctone (Smith et al., 2023). A cosmologia de uma determinada tradição religiosa circunscreve a maneira pela qual determinados valores e comportamentos são mais típicos e esperados em determinados contextos. Rothman e Coyle (2018) conduziram uma pesquisa com experts islâmicos sobre a concepção religiosa de uma psicologia humana. Foram identificadas algumas categorias centrais, quais sejam, a natureza, a estrutura, os estágios e o desenvolvimento da alma/psiquê humana. Nesse caso, compreender a dinâmica constituinte da natureza identitária de um grupo religioso, que se estende também para sua organização ética, política, pedagógica, nutricional, práticas psicoterapêuticas e laboral, é um passo premente para compreender seus atos cognitivos (Rothman & Coyle, 2018).

As representações mentais

É importante fazer uma distinção terminológica entre alguns termos usualmente utilizados nessa área, quais sejam: definição, conceito, categoria e representação mental. Segundo um dicionário de termos filosóficos (Branquinho & Murcho, 2006), uma definição estipula o significado a um símbolo novo em termos de conceitos anteriormente conhecidos. Conforme sugerem os autores, as definições são maneiras de introduzir abreviaturas aos termos que já eram conhecidos, de maneira a facilitar a comunicação. Em se tratando de religião, podemos citar que a religião seria uma abreviatura – cuja convenção filosófica denomina formalmente de *definiendum*, ou seja, aquilo que se pretende definir – a partir de características como ritos e

crença no sobrenatural (estas seriam aquilo que define a abreviatura e que a convenção filosófica nomeia como *definiens*), ou seja, aquilo que define.

Em uma obra seminal sobre as origens dos conceitos, Carey (2009) assume que conceitos são equivalentes as representações mentais. Para a autora, essas representações são estados do sistema nervoso que possuem conteúdo e que se referem tanto a entidades concretas ou abstratas, propriedades ou até mesmo eventos (Carey, 2009). No entanto, assim como em praticamente toda ciência, essa definição sobre conceito varia em função da perspectiva teórica adotada (Cohen & Lefebvre, 2017), mas para a presente tese, a utilizaremos em função de ser uma noção amplamente utilizada.

Uma vez que lidamos com inúmeros conceitos ao longo de nosso ciclo de vida, precisamos criar estratégias eficazes para lidar com essa grande quantidade de informações. Assim, na tentativa em lidar com um vasto conhecimento armazenado na memória, podemos criar categorias organizadas hierarquicamente e adotar princípios de equivalência entre conceitos. Nesse sentido, é possível dizer que religião é, ao mesmo tempo, uma categoria e um conceito. Ela é uma categoria na medida que cria hierarquias e relações contrastivas entre os diferentes exemplos de religião, por exemplo, ao abarcar diferentes tipos de religião, tais como o budismo, pentecostalismo e neopentecostalismo. Em um nível hierárquico mais subordinado do pentecostalismo, poderiam ser encontrados denominações tais como a Congregação Cristã, a Igreja Universal do Reino de Deus ou a Assembleia de Deus. Portanto, assim como ocorre para quaisquer tipos de categorias, que são um conjunto de objetos que se unem por alguma razão (Murphy, 2010), o mesmo pode ser estendido para a categoria religião, tal como foi exemplificado acima.

Mas religião pode ser também considerada um conceito. Se tomamos como equivalentes conceitos e representação mental na medida em que existe algum substrato neural subjacente para seu processamento simbólico (Wildman et al., 2018), pode-se dizer que conceitos seriam representações que ocorrem a um nível mental, com suas regras formais, específicas de transformação e processamento de informação.

Do ponto de vista das funções dos conceitos, Minda (2021) sugere que os conceitos guiam as nossas experiências, uma vez que ao classificarmos os objetos em uma categoria, agimos em relação a ele como se este fosse um membro desta. Uma função aparece em termos da comunicação, pois ao referenciarmos sobre a categoria, podemos sumarizar informações. Outra função das categorias/conceitos, conforme Minda (2021) aponta, é a solução de problemas, o autor comenta que a aplicação da solução de problemas baseado em conceitos ocorrem em diversos domínios, como por exemplo a diferença entre as estratégias de *experts* e *novatos*.

Já foi sugerido também que os conceitos tiveram um papel evolucionário importante para o desenvolvimento do pensamento humano moderno (Reboul, 2017). Conforme argumenta a autora, os conceitos seriam os blocos de construção (*building blocks*) do pensamento humano. Estes possuiriam uma capacidade generativa, tal qual a linguagem (Hauser et al., 2002), podendo gerar, a partir de elementos finitos, uma quantidade infinita de combinações. Segundo argumenta a autora, essa capacidade generativa seria especificamente humana. No entanto, outros autores destacam o caráter antropocêntrico das pesquisas sobre conceitos e argumentam favoravelmente sobre a existência desses em animais não-humanos, destacando características de processamento de informação destes, tais como raciocínio analógico e aprendizado sobre classes relacionais (Zentall et al., 2008).

Os conceitos nos fornecem uma base para a indução, um processo mental pelo qual generalizamos propriedades de exemplos conhecidos para desconhecidos. Mas a maneira pelo qual fazemos isso parece ser diretamente afetada pela nossa cultura e por estilos de pensamento (Greco & Moretti, 2017). Portanto, as categorias, que se definem como um agrupamento de objetos considerados semelhantes, podem variar, pois as características consideradas relevantes e os exemplos conhecidos variam tanto historicamente quanto contextualmente, justificando, pelo menos parcialmente, a estranheza do conquistador espanhol em seu primeiro contato com as civilizações pré-colombianas.

Quaisquer conceitos podem compor conjuntos distintos de categorias que podem ter diferentes níveis hierárquicos que variam quanto à amplitude ou extensão do que abarcam (Rosch, 1975b). Por exemplo, em uma categoria de nível hierárquico mais subordinado podemos ter as religiões pentecostais brasileiras. Uma categoria hierarquicamente superior poderia abranger o conjunto de religiões cristãs, que é uma categoria mais ampla por abranger as religiões pentecostais e as neopentecostais, por exemplo, enfim, tudo aquilo que está representado nesse conjunto. Outra forma de categorizar os conceitos incluem a distinção das categorias quanto às suas naturezas ontológicas (Keil, 1989; Margolis & Laurence, 2007; Markman, 2002; Minda, 2021).

No que se refere às distinções ontológicas das categorias, uma recorrentemente mencionada na literatura é entre aquelas do tipo artefato e natural. A primeira se refere aos objetos socioculturais, normalmente construídos ou inventados pela humanidade, ao passo que a segunda se refere as entidades que ocorrem naturalmente no mundo (Cosentino, 2019).

Na década de 1980, o termo categorias *ad hoc* foi criado para investigar as categorias que não eram desses dois tipos anteriores (Lawrence & Margolis, 1999), mas faziam parte de uma

construção espontânea que os sujeitos faziam quando eles precisavam atingir determinados objetivos, por exemplo, quando uma pessoa precisa ir ao mercado, ela pode criar uma categoria de “coisas para comprar no mercado” e esta será altamente específica, pois se refere ao objetivo por ela elegido (Barsalou, 2021).

No que concerne as distinções ontológicas das categorias, ao analisar a categoria religião, Boyer e Barrett (2015) argumentam que esta se configura como uma categoria do tipo difusa, assim como diversos outros conceitos sociais. Nesse sentido, os autores argumentam, que não existe algo em si que pode ser chamado de religião, com atributos necessários e suficientes, mas sim um conjunto de atributos típicos, tais como crença em agentes sobrenaturais, ritos e códigos morais, por exemplo.

Ainda sobre as distinções ontológicas da categoria da religião, Ribeiro (2018) e Barrett e Keil (1996) demonstraram que o efeito de antropomorfismo na representação de Deus faz com que este agente seja representado, respectivamente, tanto de maneira abstrata quanto concreta para crianças brasileiras e universitários estadunidenses, o que sugere que pelo menos para uma dimensão específica da categoria religião relacionada aos seres sobrenaturais, esta abarca ambos os níveis concretos e abstratos. Em um estudo conduzido na África do Sul sobre o conceito de doença (Legare & Gelman, 2008), também foram reportados resultados semelhantes em que tanto causas naturais (biológicas) e sobrenaturais ou abstratas (bruxaria) fazem parte de uma mesma coexistência explanatória. Nesse sentido, a categoria religião é de difícil demarcação ontológica por comportar ao menos esses dois níveis representacionais (abstrato e concreto).

Ainda no que concerne à religião, uma série de investigações vinculadas sobremaneira à tradição da Ciência Cognitiva Evolutiva da Religião procuraram elucidar as especificidades dos conceitos religiosos, buscando compreender a transmissão de informação, o desenvolvimento

conceitual e sua relação com rituais (Barlev & Shtulman, 2021; Barrett & Hornbeck, 2017; Boyer & Barrett, 2015; Greenway et al., 2017).

De maneira sintética, os autores sugerem que os conceitos religiosos não constituem um tipo a parte de conceito no sentido ontológico, embora tenham sim suas particularidades (Pyysiäinen, 2021). Uma de suas idiossincrasias seria a capacidade de agregar em sua rede representativa a existência de algo natural e algo sobrenatural (Boyer & Walker, 2010; Legare & Gelman, 2008), aumentar o comportamento pró-social (Tsang et al., 2021) ou fomentar o preconceito (Johnson et al., 2010).

Teorias de conceitos

Se conceitos podem se equivaler a representações mentais, é possível compreender que diferentes teorias sobre como a mente funciona também traduzem diferentes concepções sobre o que são, como operam e quais as funções dessas mesmas representações. Nesse sentido, as teorias divergem, pois suas próprias epistemologias diferem. Por exemplo, o conceito de doença pode ser compreendido de inúmeras maneiras, variando conforme distintas teorias dos conceitos (Hofstad et al., 2020).

Algumas teorias serão apresentadas a seguir. Esta seção não pretende ser exaustiva, mas ilustrativa, pois não se trata propriamente de um trabalho sobre História da Psicologia Cognitiva, mas de uma seção componente da Fundamentação Teórica. Por certo, outras teorias relevantes que não serão aqui discutidas também foram propostas (Bach & Fodor, 2000; Blouw et al., 2016; Lieto, 2014; Murphy, 2016), porém as aqui expostas foram selecionadas por serem consideradas seminais tanto para o campo das representações mentais quanto por haver produção significativa na área dos estudos sobre religião. As teorias que serão expostas estão ainda mais pormenorizadas nos manuais sobre representação mental na literatura especializada em

Psicologia Cognitiva (Lomônaco, 1997; Minda, 2021; Murphy, 2002; Pozo, 2002; Sternberg & Sternberg, 2017).

Deve-se destacar que, embora as teorias apresentadas possam parecer ou contraditórias ou excludentes, algumas vezes elas podem ser complementares. Dois modelos computacionais contemporâneos propõem uma arquitetura cognitiva em que sistemas representativos possuem diferentes estruturas representacionais, tais como o *proxytype* (Lieto, 2014) e os *semantic pointers* (Blouw et al., 2016). Para além desses, em seu seminal livro sobre conceitos, Murphy (2002) argumenta que, após avaliar as teorias contemporâneas sobre conceitos, ele acredita que uma teoria que se ocupa sobre conceitos deve: (1) considerar os efeitos dos protótipos, na medida em que as características possuem distintos graus de relevância; (2) ao mesmo tempo estas características devem fazer parte de uma representação de conhecimento esquemática que o liga a outros conceitos; e (3) o conecta com conhecimentos específicos sobre domínios capazes de gerar hipóteses e predições sobre aquele conceito. Murphy (2002) assevera que esses aspectos dos conceitos se ativam em função da demanda contextual, da tarefa, não necessitando estarem ativados a todo o momento, o que caracteriza sua proposta sendo realmente integrativa.

Teoria Clássica

Conforme argumenta Oliveira (1991), a teoria clássica é a mais antiga e mais influente teoria dos conceitos, possivelmente por seu caráter essencialmente intuitivo. Sua base filosófica remonta a Aristóteles e aos seus estudos sobre a lógica (Aristóteles, 1985). Na obra *Órganon*, o estagirita afirma que as categorias se definem por características como propriedades únicas que caracterizam as mesmas e as diferenciam de outras. Ele estabeleceu também o critério de pertencimento categorial a partir da posse ou não de características da categoria, de maneira que o pertencimento seja dicotômico: ou tal membro pode ser considerado ou não pode ser

considerado membro da categoria, sem a existência de termos intermediários ou áreas cinzentas de difícil categorização.

Essa tradição propõe que as categorias se estruturam em função de propriedades necessárias e suficientes. Em um exemplo já clássico, a categoria de homem solteiro seria definida a partir de pessoas não casadas e identificadas como homens (Oliveira, 1991). Se os membros satisfizessem os critérios, eles poderiam, assim, serem enquadrados nessa categoria.

Essa concepção sobre a estrutura categorial foi absoluta até o século XX (Machery, 2007) e na Psicologia Experimental foi o subsídio teórico que fundamentou grande parte das investigações sobre a estrutura conceitual até meados de 1970. Em linhas gerais, a teoria clássica assume que existem atributos definidores que são partilhados por toda a classe. Essa teoria pressupõe limites bem definidos entre as categorias, ou seja, se determinado membro pertence a uma categoria, ele não pertence a outra. Também pressupõe que todos os membros possuem os atributos críticos da categoria. A partir dessas características, deriva-se que é a igualdade das representatividades dos membros, ou seja, todos eles são membros igualmente representativos (Minda, 2021; Sternberg & Sternberg, 2017).

O caráter intuitivo da teoria clássica pode ser responsável pela sua longa influência no pensamento Ocidental. Afinal, é intuitivo considerar que membros ou pertencem ou não às categorias e que estas são construídas a partir de critérios necessários e suficientes, denotando a existência de atributos de definição ou essenciais para a caracterização dos conceitos.

Sob essa perspectiva teórica, ao longo do tempo diversas proposições definitórias foram sugeridas para o termo religião (Stausberg & Gardiner, 2016), desde a crença em seres espirituais, até a necessidade de quatro domínios (tipos específicos de discursos e de práticas, comunidade e instituições). Cohen e colaboradores (2008) realizaram uma pesquisa exploratória

sobre a definição de religião e espiritualidade com 29 idosos estadunidense de três identidades religiosas distintas (Judaísmo, Protestantes Caucasianos e Protestantes Afro-americanos) utilizando grupos focais, foi encontrado que os três grupos sustentam definições semelhantes para ambos os termos e que suas definições estão próximas as utilizadas por Durkheim (1996), que enfatiza a existência de crenças e práticas socializadas relacionadas aos elementos sagrados, sendo que na pesquisa esse elemento foi identificado com a crença em Deus, especificamente. Esse resultado da pesquisa é digno de nota uma vez que, embora idosos considerassem a religião e a espiritualidade aspectos importantes em suas vidas, a falta de uma compreensão sobre os constituintes dos termos poderia ser um limitador sobre quais os fenômenos estavam englobados relacionados nos mesmos (Cohen et al., 2008). Embora a perspectiva teórica clássica seja a menos empregada em pesquisas atuais na área de representação mental, isso não implica que a mesma não seja utilizada por outras áreas e tampouco que as pessoas não sustentem conceitos aplicando critérios necessários e suficientes (Lomônaco et al., 2000), sobretudo no processo de desenvolvimento conceitual (Lee et al., 2020).

Teoria Prototípica

Inicialmente desenvolvida por Eleanor Rosch e colaboradores a partir da década de 1970 (Rosch, 1975a, 1978; Rosch & Carolyn, 1975), a teoria prototípica é uma das mais bem estabelecidas e populares teorias de categorização.

Tal qual ocorreu com a teoria clássica, a teoria prototípica também sofreu forte influência da Filosofia, cujo livro *Investigações Filosóficas* do filósofo alemão Ludwig Wittgenstein (1991) foi de especial contribuição. Neste livro, o filósofo alemão tece uma crítica sobre a concepção de uma linguagem, destacadamente das noções de categorização baseadas exclusivamente na tradição aristotélica.

Embora Wittgenstein reconheça que os processos classificatórios se apresentem também a partir de critérios necessários e suficientes como supôs a teoria clássica, como para definições científicas ou jurídicas, outros processos parecem não se estruturar assim. Nesse sentido, o autor introduz o conceito de semelhança de família para dar sentido a essa outra parte da categorização que escapa àquela maneira de classificação. De maneira a exemplificar esse conceito, o filósofo explicita:

Considere, por exemplo, os processos que chamamos de ‘jogos’. [...] O que é comum a todos eles? [...] – Pois, se você os contempla, não verá na verdade algo como fosse a todos, mas verá semelhanças, parentescos, e até toda uma série deles. [...] – E digo: os ‘jogos’ formam uma família (Wittgenstein, 1991, p.38).

Como pode ser visto por esse trecho, o filósofo procura algo comum que pudesse servir como um ponto de critério necessário e suficiente para o termo jogo, porém não logra encontrá-lo. Os jogos podem ser praticados sozinhos, pode-se almejar uma vitória, ter pontos, usarem cartas ou bolas. Nenhuma dessas características, no entanto, é definidora para o termo, mas é possível reconhecer, ainda sim, que todos tratam de jogos. Esse é apenas um exemplo ilustrativo sobre seu argumento, mas a relevância sobre a crítica da estrutura da linguagem em termos de categorização é a grande novidade teórica do autor. Esse reconhecimento ocorre, conforme argumenta o filósofo, a partir de uma série de semelhanças e características típicas aos jogos e não de um conjunto limitador. É a partir dessa nova concepção, no qual se alheia à estrutura das definições da Lógica Clássica, é que Wittgenstein considera que parte da linguagem se estrutura.

A partir da sua tese de doutoramento sobre o filósofo Wittgenstein, a psicóloga norte-americana Eleanor Rosch e seus colaboradores trouxeram para o campo dos processos psicológicos a crítica da estrutura das categorias clássicas. A parte central do argumento

desenvolvido pelo filósofo é apontar que a linguagem não consiste em uma descrição do mundo e que o sentido das palavras e das proposições não são adquiridos a partir daquilo a que elas se referem tão somente, mas a partir de um jogo de relações com outras palavras (Rosch & Lloyd, 1978). E é a partir desse jogo de relações que as palavras estabelecem seus significados. Nesse sentido, conhecer o significado de uma palavra/sentença deixa de ser meramente uma descrição semântica de atributos, mas passa a ser contextual, ecológica e histórica.

Assim, a teoria prototípica propõe que a representação mental de uma categoria se vincula a uma abstração dos atributos de um determinado conceito que se distribuem de maneira desigual entre os membros daquela categoria (Hampton, 2006). Alguns membros, em função dessa característica, teriam atributos mais salientes, críticos da categoria, o que daria vantagens em termos de representação, configurando-o como um melhor exemplo ou um exemplo típico da categoria. Nesse sentido, a teoria se organiza a partir da díade centralidade e periferia, no qual os melhores exemplos daquela categoria ocupariam as posições centrais e teriam maior quantidade de atributos críticos, ao passo que membros menos considerados representativos ocupariam posições mais periféricas. Por sua vez, os membros típicos teriam mais similaridade em relação aos outros membros da categoria ao mesmo tempo que se distanciariam de outras categorias (Janczura, 1995).

Outra característica marcante dessa teoria é a imprecisão categorial, ou seja, para os membros mais periféricos, por vezes é difícil determinar a regra de categorização, de pertencimento a determinada categoria (Hampton, 2006), sendo considerados os limites das categorias, bastante difusos. Hampton (2006, p.79, tradução livre) exemplifica essa questão da seguinte maneira: "... [a cor vermelha] não é definida por um intervalo fixo no espectro de cor, mas é um nome para uma região imprecisa de contornos vagos". Nesse sentido, existiria uma cor

vermelha identificada com o protótipo, mas à medida que outros exemplos forem se distanciando daquela, sua inclusão na categoria vermelho pode ficar incerta e eles podem ser classificados como outras cores, inclusive, considerando que cada pessoa possui uma representação própria das categorias.

Foi verificado também que essa díade afeta a velocidade de julgamento e sua acurácia em termos de categorização, bem como a identificação das características centrais, consideradas mais salientes do que as periféricas (Fehr, 1988; Santos & Michaels, 2020). Assim, quanto maior o tempo de reação, maior a dificuldade – ou a incerteza – na classificação da característica ou exemplo, o que resulta em maior afastamento do centro da organização prototípica.

Em uma representação sumária, as características são descritas em forma de lista sem que haja uma relação entre estas. Não há a pressuposição de relacionamento entre as características, de maneira que estas fiquem estruturadas e com coerência interna. Uma lista típica das características dos mamíferos não faz com que necessariamente compreendamos o que é um mamífero. Por exemplo, sabemos que olhos são frequentes em mamíferos, mas precisamos de mais informações além das características, como quais as cores possíveis e qual a posição os olhos ficam.

Para uma categoria exibir uma estrutura prototípica, é necessário que algumas condições sejam cumpridas. Rosch (1975) argumenta que se deve ser ao mesmo tempo capaz de identificar e julgar a centralidade das características e que essa centralidade afeta a maneira como a informação é processada. Hampton (2006) sugere que, para uma categoria possuir estrutura prototípica, ela deve possuir quatro características, quais sejam: 1) vagueza, que trata da incerteza da classificação de alguns exemplos em função de sua regra de classificação; 2) tipicidade, os itens diferenciam-se em o quanto são bons exemplos; 3) genericidade (*genericity*), as pessoas

descrevem a verdade genérica da classe, mas que não é aplicável a todos os membros; 4) opacidade, a regra de categorização não é muito clara ou intuitiva.

Um estudo seminal conduzido com itens de uso doméstico pode ilustrar a fluidez desse tipo de classificação e apontar detalhes críticos da teoria clássica (Labov, 1973). Labov apresentou para os participantes desenhos de itens como copos, canecas, tigelas e vasos de diferentes tamanhos e lhes perguntou o que lhes era apresentado. Em um exemplo, um dos desenhos que possuía uma área circular que se afinava ao fundo, sendo então reconhecido como xícara. Quando este mesmo desenho tinha sua largura e profundidade aumentadas, era reconhecido como tigela. Quando este mesmo desenho tinha sua profundidade aumentada, era reconhecido como vaso. Esse estudo ilustra que tal tipo de manipulação das características dos exemplos da categoria artefato itens de uso doméstico nos permite ver que o critério de opacidade está presente, pois não é muito evidente um ponto de corte em que um desenho passa a ser reconhecido como outro, pois suas fronteiras são acinzentadas.

No que se refere à definição de religião, na década de 1990, o antropólogo estadunidense Benson Saler se valeu da semelhança de família do filósofo Wittgenstein e da teoria prototípica e aplicou ambas para conceituar religião (Saler, 1993). Dessa forma, ele sugere que religião seria uma categoria graduada (no sentido de os membros da categoria terem diferentes níveis de representatividade categórica) e que estariam ligados por semelhança de família, ou seja, sem que haja um critério necessário e suficiente para que aqueles membros estejam vinculados à categoria. De acordo com Saler (1993), as religiões mais típicas, por ocasião do desenvolvimento histórico do termo, seriam os monoteísmos ocidentais (islamismo, cristianismo e judaísmo). A proposta de Saler foi considerada como um dos avanços recentes mais importantes em termos de

uma possível definição de religião no campo da Ciência da Religião (McCutcheon & Geertz, 2000).

No *Handbook of Psychology of Religion and Spirituality*, especificamente no capítulo dedicado a definição de religião e espiritualidade, Oman (2015) apresenta vários estudos que investigaram temas como sagrado, meditação e perdão na perspectiva da teoria prototípica e reconhece nela uma possível via explicativa para fenômenos relativos ao campo da Psicologia da Religião e Espiritualidade no que se refere às representações mentais. Outros autores, mais recentemente, também se valeram dessa teoria e investigaram o conceito de oração (Lambert et al., 2011) e espiritualidade (Santos & Michaels, 2020).

A partir do mesmo referencial teórico, May e Fincham (2018) investigaram a representação de divindade através de quatro estudos acerca da estrutura do conceito de Deus monoteísta em adultos ocidentais. O estudo foi realizado com estudantes universitários estadunidenses e uma comunidade cristã. No primeiro estudo, os participantes foram solicitados a listar as características e os atributos da palavra “Deus” em uma tarefa de associação livre sem restrição de tempo. Como resultados, foram contabilizados apenas respostas não idiossincráticas (produzidas por mais de duas pessoas), totalizando 85 atributos para os universitários e 69 para a comunidade. Os autores do trabalho destacam a relevância de se utilizar múltiplos participantes para aumentar a confiabilidade na representação dos atributos identificados.

No segundo estudo, foi solicitado a um outro conjunto de participantes que julgassem os atributos previamente identificados em termos de quão centrais ou periféricos estes eram sobre o conceito de Deus. Os participantes foram de dois grupos, um de universitários estadunidenses e outro pelo Amazon Mechanical Turk, que é serviço da Amazon em que pesquisadores pagam para encontrar participantes a nível mundial para suas pesquisas a partir da inserção de

características que consideram relevantes. Como material, foi passado para os participantes a lista de atributos de Deus para que pudessem realizar os julgamentos da centralidade desses. No entanto, não está explícito no artigo se a lista julgada foi a produzida pela comunidade, a dos universitários ou alguma combinação entre ambas. De toda forma, ficou evidenciado para ambos os grupos desse estudo dois que houve uma diferença nos julgamentos de centralidade/periferia, o que preenche o primeiro critério de uma estrutura prototípica.

O terceiro estudo avaliou o tempo de reação dos participantes em julgar os atributos como pertencentes ou não a Deus. A hipótese desse estudo é que os atributos mais importantes seriam mais rapidamente identificados, com menor latência, do que os atributos periféricos em função de serem mais acessíveis na memória. Os resultados desse estudo demonstraram que as características centrais foram categorizadas mais rapidamente do que as periféricas. Esses resultados estavam alinhados com o segundo critério estabelecido por Rosch (1975) para uma estrutura prototípica em que há uma influência do processamento de informação nos atributos.

O último estudo, por sua vez, avaliou o reconhecimento e a recordação – processos de evocação da memória que se caracterizam por um menor e um maior esforço cognitivo, respectivamente (O'Neill et al., 2022) – em uma tarefa de completar sentenças. Se a estrutura prototípica influencia o processamento de informação, logo estes processos mnemônicos também estariam afetados. Os autores hipotetizaram que as características centrais seriam mais corretamente recordadas e reconhecidas do que as periféricas. Os resultados estavam alinhados com as hipóteses aventadas. A partir dessa pesquisa, os autores concluíram que este conceito possui uma estrutura prototípica.

Esse método de investigação é amplamente utilizado por essa perspectiva teórica para os mais diversos conceitos em diversas culturas (Elshout et al., 2015; Fehr, 1988; Fehr., 1994; Fehr

& Russell, 1984; Fincham et al., 2019; Lambert et al., 2009, 2011; May & Fincham, 2018; Santos & Michaels, 2020).

Teoria teórica (theory theory ou naïve theory)

Assim como ocorreu com a teoria clássica e com a teoria prototípica, a teoria teórica também teve como um de seus berços a Filosofia. Quine (1977) sugere que o uso da similaridade como estratégia classificatória deve ser estendido de maneira a incluir o conhecimento teórico. Ele também sugere que o conhecimento é organizado em diferentes classes (*kinds*) e que o raciocínio sobre essas é particular daquela classe.

Os primeiros trabalhos psicológicos vinculados à teoria teórica podem ser localizados na década de oitenta (Keil, 1989; Murphy & Medin, 1985). O sentido de teoria adotado aqui tem a ver com o estabelecimento das relações entre os conceitos. Segundo essa perspectiva, a aprendizagem de conceitos não ocorre como uma descrição sumária, como se cada conceito ou característica fosse uma unidade isolada em si, mas estes fazem parte de uma rede compreensiva de um universo ao nosso redor. As teorias são definidas como “estruturas mentais complexas que representam fenômenos de um domínio e seus princípios explanatórios relacionados” (Carey, 2009, p. 14). As teorias seriam a “cola” responsável por manter a coerência a partir do conhecimento passado estruturado ou de teorias implícitas (Murphy & Medin, 1985).

Nesse sentido, as teorias seriam as relações e os conceitos, suas unidades. Por certo, uma teoria não existe de maneira independente de suas unidades e um conceito obteria parte de seu significado derivado de quais teorias ele faz parte, destacando que não é necessário para todos os usos de um conceito invocar todas as teorias implícitas a ele relacionadas. Os conceitos e as teorias, portanto, se influenciaram em uma via de mão dupla, os conceitos seriam restritos

(*constrained*) pelas nossas teorias ao mesmo tempo que, ao incorporar novos conceitos, atualizaríamos nossas teorias (Murphy, 2002).

Três domínios são largamente investigados na perspectiva da teoria teórica, o biológico, o físico e o psicológico (Foster-Hanson et al., 2021). O domínio físico está relacionado ao estabelecimento de percepções intuitivas acerca da existência, dos movimentos e das interações de objetos físicos. O domínio psicológico, diz respeito ao estabelecimento de intuições relacionadas ao que motiva um agente, como desejos e metas. O domínio biológico, por sua vez, se ocupa da classificação do mundo em coisas vivas e não-vivas, do raciocínio sobre os processos biológicos como o crescimento, reprodução e adoecimento.

A teoria teórica tem sido largamente utilizada como fundamentação para compreender o desenvolvimento cognitivo de conceitos religiosos (Barlev & Shtulman, 2021; Barrett & Hornbeck, 2017; Roazzi et al., 2015). Por exemplo, Ribeiro (2018) investigou o viés de antropomorfismo² no conceito Deus em crianças brasileiras de três grupos religiosos cristãos, os Espíritas, Assembleianos e Católicos Apostólicos Romanos. Participaram 90 crianças, igualmente distribuídas entre os grupos religiosos de 9 a 11 anos de idade da região Sudeste do país. O pesquisador estava interessado em saber se esse viés cognitivo podia ser predito pela exposição às imagens religiosas presentes nos seus grupos religiosos e se o conceito Deus que as crianças sustentavam estavam em acordo com as suas doutrinas teológicas. Para isso, foram utilizados três instrumentos: um questionário que avaliava alguns atributos de Deus (se ele poderia passar por paredes ou se tinha emoções), outro em formato de narrativa no qual os participantes liam narrativas no qual Deus era personagem e assinalavam sim ou não para as opções e o último era

² Atribuição de características humanas a agentes não-humanos.

um instrumento sobre exposição às imagens e religiosidade. Foi descoberto que as crianças com maiores níveis de exposição às imagens religiosas exibiam um padrão mais antropomórfico de Deus. Concluiu-se que os participantes tendiam a antropomorfizar esse agente sem perceber que o faziam, mesmo que isso fosse contrário à sua crença teológica explícita (Barrett, 1999; Slone, 2005).

Teoria dos esquemas

A origem moderna da teoria dos esquemas no campo da Psicologia se remete aos trabalhos de Sir Bartlett, que a estruturou em sua *magnum opus Remembering* (Bartlett, 1933). Nesta obra, o autor apresentou resultados de estudos conduzidos por ele na área de percepção, imaginação e memória e apresentou uma teoria que fosse capaz de explicar os dados. Nesse capítulo, ele desenvolve a teoria dos esquemas. Esquema, nos dizeres de Bartlett (1933, p.201), “se refere a uma organização ativa das reações ou experiências pretéritas, que deve sempre ser assumida como operando em um organismo de maneira bem-adaptada”. Esse conceito proposto por Bartlett assume que as informações estão sempre agrupadas, influenciadas pela experiência anterior, servindo de guia para o comportamento, e não são processadas de maneira unitária em qualquer área, seja no processamento visual, auditivo ou até semântico.

Embora a origem do termo esquema na tradição Psicológica possa ser remontada à década de 1930, foi apenas na década de 1970 que esse conceito ganhou atenção dos pesquisadores. Um esquema pode ser definido como uma estrutura mental organizada do conhecimento armazenado na memória. Ela representaria o conhecimento sobre um conceito ou um tipo de estímulo, incluindo seus atributos e as relações que estes estabelecem entre si (Busselle, 2017). O esquema é uma estrutura ativa, que provê contexto para o aprendizado e interpretação, mas que também pode ser modificada pela experiência. Os esquemas teriam função de organização do

conhecimento a partir do desenvolvimento dos esquemas e da relação que estes estabelecem entre si, criando uma espécie de blocos de construção da cognição.

A teoria dos esquemas propõe que a representação está organizada em dimensões (*slots*) e dentro dessas existem valores (*fillers*) (Rumelhart & Ortony, 2014). Os primeiros possuem restrições em relação ao que pode ser compreendido dentro daquela dimensão específica. Uma dimensão relativa à cor apenas possui valores relacionados às cores e não ao tamanho ou forma. Rumelhart e Ortony (2014) assumem que os esquemas são representações que vão se formando ao longo de nossa experiência com aquele conhecimento, portanto, as restrições relacionadas as dimensões também se aplicam a esse conhecimento. Nesse sentido, cita-se o exemplo religião. Uma possível dimensão de religião seria entidade sobrenatural. Nessa dimensão possível, estariam listados os valores vinculados à própria restrição da dimensão, que seria restrita aos seres sobrenaturais, por exemplo.

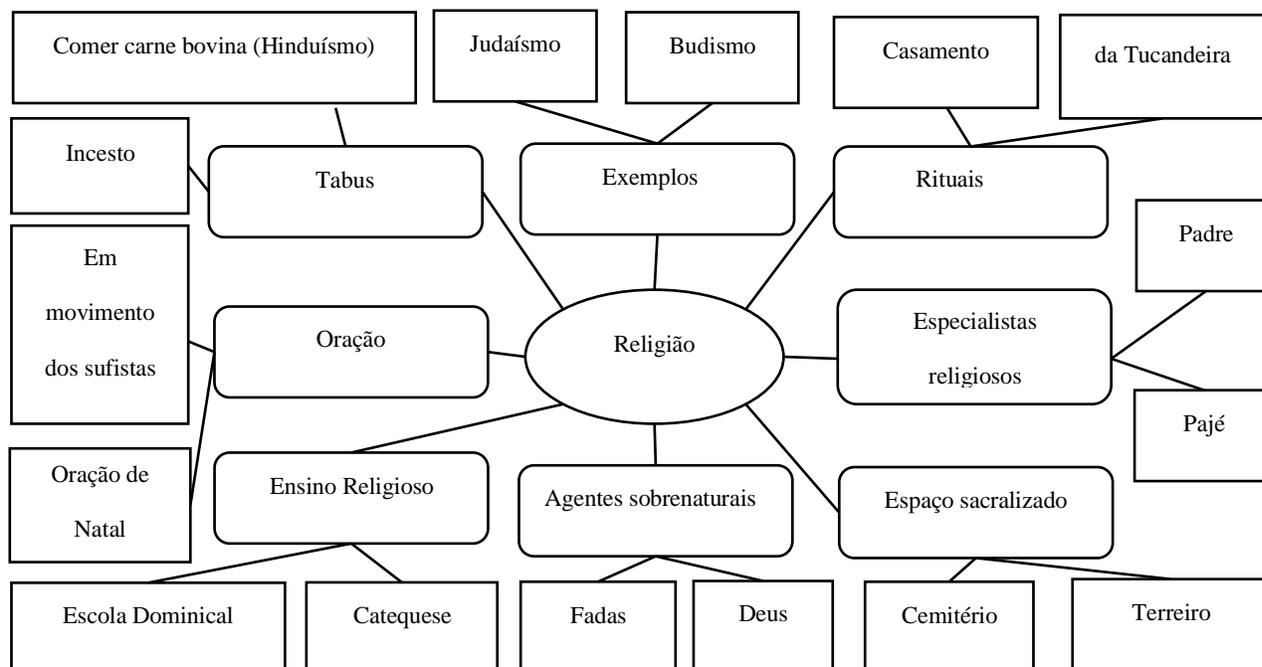
Nesse sentido, um esquema é uma representação estruturada em domínios altamente específicos cujos membros possuem certas restrições relacionadas às informações que foram adquiridas ao longo da vida. Por exemplo, na dimensão relacionada ao tamanho, apenas informações sobre tamanho podem estar circunscritas e não outras.

A Figura 1 a seguir ilustra um possível esquema de religião. Ela é composta por três componentes principais, cada qual com figuras geométricas representando suas especificidades. A mais central em formato oval é o esquema que está sendo analisado, religião. Próximo a esse esquema, são ilustradas oito dimensões. Essas são derivadas das características mais típicas de religião arroladas pelo antropólogo estadunidense Benson Saler (2008), não extinguindo a totalidade do esquema (Saler, 2008). As oito dimensões possuem formatos retangulares com

bordas arredondadas. De cada dimensão, são derivados dois valores, que podem ser visualizados pelas figuras geométricas de retângulos com bordas retas.

Figura 1

Um possível esquema de religião. Adaptado de Saler (2008).



Segundo a teoria dos esquemas, as informações dos domínios são consideradas competidoras entre si, o que pode gerar o índice de tipicidade em relação às mesmas (Markman, 2002). Conforme o esquema proposto acima de religião, as informações em cada um daqueles domínios não são igualmente prováveis, mas, em função da experiência prévia, algumas informações se tornam mais facilmente identificadas como sendo prováveis do que outras. Em um país majoritariamente católico, por exemplo, é esperado que essa seja a religião mais típica, portanto, que haja um maior nível de tipicidade do que outras, como budismo ou judaísmo, por exemplo.

No que concerne às tarefas psicológicas, um conjunto de evidências favoráveis foram amplamente estudadas segundo a perspectiva da teoria dos esquemas. Usualmente, os teóricos dos esquemas, independente do conteúdo de suas investigações, não se ocupam de estudar uma estrutura esquemática representacional inteira (Bem, 1981), mas de compreender uma determinada porção do esquema em função de uma tarefa específica ou de um grupo específico. Nesse sentido, aqueles que estudam a Psicologia Cognitiva da Religião via teoria dos esquemas usualmente se dedicam a analisar uma das dimensões do esquema religião, como a capacidade que ele dá para o enfrentamento das situações cotidianas (*coping*) (McIntosh, 1995), o impacto nas habilidades relacionadas ao pensamento crítico (Kirby, 2008) ou memorabilidade dos conceitos (Porubanova et al., 2014).

Quanto ao desenvolvimento dos esquemas, Rumelhart e Ortony (2014) propuseram que estes se desenvolvem a partir de três processos principais: acumulação (*accretion*), ajuste (*tuning*) e reestruturação (*restructuring*). O primeiro processo denominado acumulação se refere às experiências com novos membros relativos às dimensões que são a elas incorporadas, sem que isso implique em uma reestruturação do domínio ou do esquema. O segundo processo ajusta o esquema existente face às novas informações em função da necessidade imposta pelo processo de aprendizagem. O terceiro processo ocorre quando um novo esquema é formado para lidar com novas informações. Este novo esquema reorganiza a experiência pretérita para ajudar a compor o novo esquema formado.

Enquanto aparato cognitivo para auxiliar na compreensão do mundo, os esquemas se tornam pedras angulares para lidarmos com os eventos. No entanto, estamos inseridos em um universo que demanda constante aprendizagem, ainda mais em um mundo globalizado. Frequentemente, os esquemas que formamos ao longo de nossa vida podem ser insuficientes para

darmos conta da complexidade e diversidade do mundo que nos cerca. Nesse sentido, como nossos esquemas lidam com esse contexto de constante aprendizado? Rubínová e colaboradores (2021) investigaram os efeitos do esquema em uma situação no qual os participantes estadunidense foram expostos a um conjunto de quatro histórias coreanas em formato de vídeo não familiares para eles. Os pesquisadores investigaram a recordação imediata e tardia, bem como os efeitos de distorção das informações nessas duas condições. Eles encontraram que a distorção aumentou consideravelmente quando comparados com estudos anteriores que utilizaram eventos familiares (Rubínová et al., 2021). Os resultados desse estudo sugerem que os eventos que encontramos cotidianamente tendem a ser interpretados a partir do conjunto de informações que já possuímos, o que pode gerar distorções nas novas informações ou na dificuldade de integralizá-la, em consonância com os antigos achados de Bartlett (1933) em procedimento semelhante.

O estudo de Rubínova e colaboradores (2021) demonstra o papel do nosso conhecimento esquemático armazenado na memória de longo prazo na maneira como aprendemos novas informações. No caso de não haver informação disponível, como no caso das histórias coreanas supracitadas, há um aumento de carga cognitiva em função da necessidade de aprendizado (Kalyuga et al., 2010). Nesse sentido, é possível vislumbrar uma das principais características dos esquemas, a de que a presença de um esquema altera o processamento das informações relacionadas àquele esquema específico.

O efeito da expertise também foi investigado a partir da teoria dos esquemas. Lanseng e Sivertsen (2019) investigaram as estratégias de aprendizagem de um grupo de novatos e experts. Eles encontraram que esses dois grupos se diferenciam no conhecimento de características críticas ou superficiais dos esquemas, o que modifica sua capacidade de compreender e agir sobre

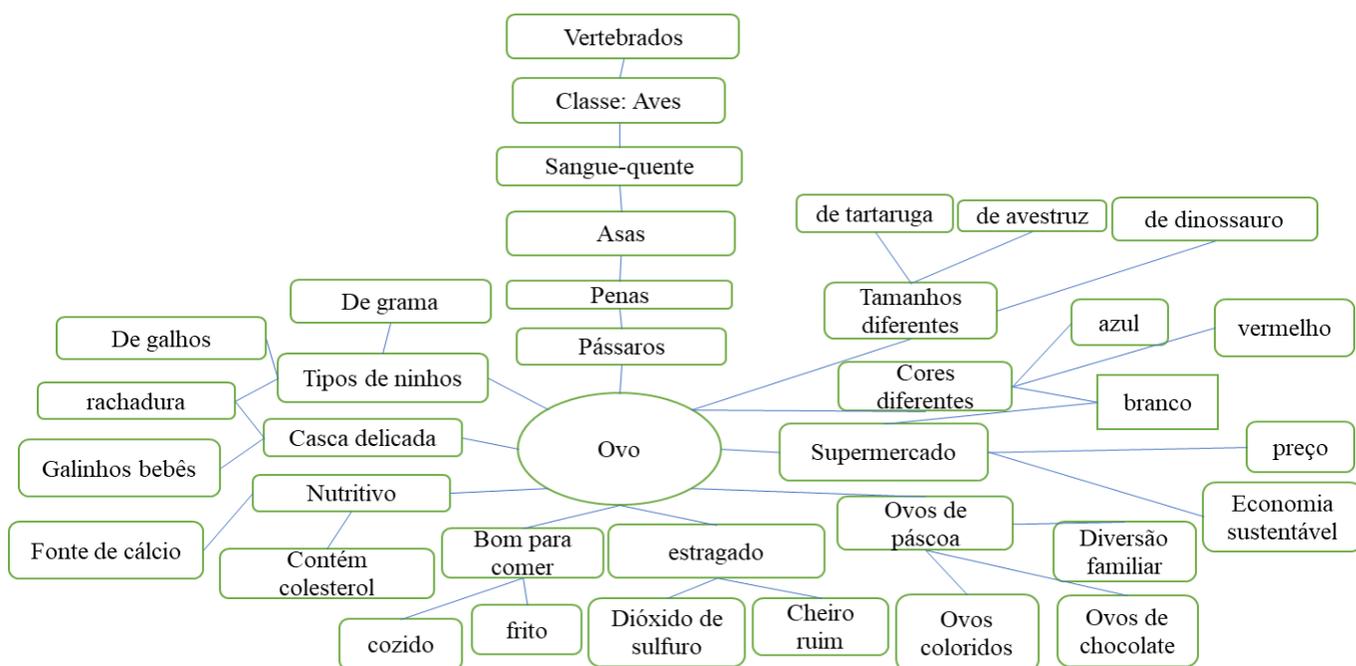
estes. Sem instrução direta ou sem uma estrutura capaz de discriminar o conteúdo relevante, os novatos têm que testar diferentes estratégias ao longo da aprendizagem. Ao passo que sua experiência aumenta, é possível perceber uma mudança na estrutura do esquema, reduzindo o tempo de categorização e aumentando a generalização (Lanseng & Sivertsen, 2019).

Alguns tipos de estruturas esquemáticas foram investigadas e sugeridas ao longo do tempo, como os *scripts*, estereótipos e os esquemas culturais (Busselle, 2017). Os *scripts* são definidos como uma sequência determinada de ações que caracterizam uma situação conhecida cujos elementos são temporalmente identificáveis. Esse tipo de esquema pode ser utilizado para compreender uma série de eventos, tais como pedir algo em rituais fúnebres e matrimoniais (Tran & Nguyen, 2022), conceitos de saúde (Dang et al., 2019) e eventos traumáticos (Chentsova-Duto & Maercker, 2019).

Davis (2014) ilustrou o diagrama do esquema ovo de maneira a tornar mais clara como uma organização esquemática seria, qual segue abaixo na Figura 2. Conforme pode-se ver, nessa organização esquematiza, tal esquema possui diversas dimensões, tais como, cores ou tamanhos diferentes, entre outros. Dentro de cada uma dessas dimensões, é possível visualizar valores específicos. Ilustrando, dentro da dimensão cores diferentes, observam-se ovos brancos, vermelhos e azuis.

Figura 2

Exemplo do esquema ovo. Adaptado de Davis (2014).



Por meio desse exemplo ilustrativo na Figura 2 acima, é possível visualizar como as informações envolvidas em um esquema não estão fragmentadas, unitárias, mas articuladas entre si, inclusive entre os diferentes esquemas, como pode ser visto na relação estabelecida entre os esquemas “ovo” e “pássaro”. Isso se relaciona com as proposições iniciais formuladas por Bartlett (1933) de que um esquema não trata de uma área em específico, mas de uma articulação de informações que pode se associar com outras vias perceptuais inclusive.

Um dos primeiros trabalhos experimentais a investigar religião na linha da teoria dos esquemas foi realizado por Lau (1989). Segundo a autora, o efeito do esquema é altamente dependente de sua disponibilidade, conforme foi observado também a partir das pesquisas sobre esquemas de gênero (Bem, 1981). Este último autor incorporou a heurística da disponibilidade de Tversky e Kahneman (1973) e aplicou esse conceito à luz da teoria dos esquemas, cunhando o termo disponibilidade cognitiva. Esse, conforme definido por Bem (1981), se refere a prontidão com que um indivíduo invoca um esquema ao invés de outro. Lau (1989) sugere o termo

disponibilidade esquemática (*schema availability*) para se referir especificamente ao quanto um determinado esquema está disponível cognitivamente.

Em sua pesquisa, a autora investigou o julgamento sobre valores em uma amostra de universitários crentes e não-crentes estadunidenses e chineses. Na tarefa, os participantes deveriam ranquear em importância determinados valores (harmonia, amizade, por exemplo) de acordo com suas preferências individuais, bem como indicar se eles achavam que tinham determinados valores.

Para avaliar a disponibilidade esquemática dentro da teoria que criara, Lau (1989) utilizou duas escalas que investigavam valores. Inicialmente, ela utilizou o valor religiosidade da *Personal Value Scale de Scott* (Scott, 1959) para classificar os participantes entre crentes e não crentes. Em seguida, ela utilizou o valor salvação para classificar o nível de religiosidade dos participantes (baixa e alta) da escala *Rokeach Value Survey* (Itzès et al., 2017). A partir dessa classificação, a autora pôde investigar tanto participantes que se identificam como crentes, mas assumem baixos níveis de religiosidade, assim como quem não se identifica como crente, mas sustenta atitudes positivas frente à religião ou espiritualidade em seu cotidiano por alguma razão.

A hipótese da disponibilidade esquemática para a religião inicialmente formulada por Lau (1989) assume que as pessoas teriam diferentes níveis representacionais e apenas aquelas cujos esquemas estariam disponíveis e fossem proeminentes afetariam o julgamento dos valores. Isso se deve ao fato de que “o esquema representa uma dimensão muito mais central e significativa no sistema cognitivo dos crentes” (Lau, 1989, p.142).

Entre seus resultados, Lau (1989) confirmou sua hipótese na medida em que diferenças significativas foram encontradas tanto nas comparações entre religiosos e não religiosos quanto entre aqueles com baixa religiosidade e alta religiosidade em termos de julgamento de valores.

Essa pesquisa revela como diferentes níveis de representações esquemáticas religiosas imprimem de fato diferentes julgamentos.

O estudo supracitado de Lau (1989), porém, não se tornou seminal apesar de seus preciosos e inovadores achados e é pouco referenciado na literatura especializada. O artigo produzido alguns anos mais tarde por McIntosh (1995), no qual este faz uma síntese de suas pesquisas, se tornou a referência nos estudos sobre religião compreendido sob uma perspectiva da teoria dos esquemas. Entre os resultados de pesquisas trazidos por ele, o autor cita uma pesquisa conduzida por ele e colaboradores no qual foi investigado como o esquema religioso se alterava após um evento traumático. Eles encontraram que pessoas que tinham um esquema religioso mais elaborado antes de um evento desse tipo tinham seus esquemas menos alterados após o ocorrido, provavelmente por causa da maior capacidade de enfrentamento (*coping*) que esse esquema suportava. De maneira geral, o McIntosh (1995) conclui no seu artigo que se religião for uma parte relevante na vida de uma pessoa, então seu esquema religioso é provavelmente ativado com frequência, o que fará com que este exerça maior influência em sua cognição quando informações relativas aquele esquema seja mais intensamente ativado do que em pessoas cujo esquema não tem a mesma relevância ou disponibilidade. Novamente, é possível vislumbrar que a relevância do conteúdo religioso nas representações dos participantes altera a maneira como informações são processadas.

No que tange aos aspectos psicométricos, foi proposta uma escala denominada *Religious Schema Scale* baseada nos estilos religiosos e nos estágios da fé de Fowler (Streib et al., 2010). Esta escala, porém, não foi ainda traduzida ou validada para uso no Brasil. Esta escala possui três fatores: (a) Diálogo interreligioso, (b) Justiça e Tolerância e (c) Verdade dos Textos Sagrados.

Segundo os autores, a escala objetiva medir o espectro com que as pessoas variam entre uma orientação mais fundamentalista de um lado e mais justa, aberta ao diálogo, e tolerante do outro.

Gibson (2006) investigou por meio da tarefa de Stroop diferenças atencionais, de memória e na velocidade de julgamento de ateus, cristãos não evangélicos e cristãos evangélicos. O autor encontrou que o grupo dos ateus tinha uma rememoração pior e mais lenta do que os outros grupos religiosos e entre estes, aqueles com centralidade religiosa mais alta tinham melhores níveis de rememoração e velocidade de processamento do que seus pares cuja centralidade do esquema de Deus não era tão relevante.

Porubanova e colaboradores (2014) realizaram um estudo no qual testaram conceitos que violam expectativas culturais (especificamente, um professor analfabeto), por eles denominados contra esquemáticas, versus conceitos que violam expectativas de domínios psicológicos (biológico, físico ou psicológico, por exemplo), tais como um gato falante. Os conceitos contra esquemáticos foram significativamente mais lembrados tanto em tarefas de rememoração imediata quanto reconhecimento tardio do que os que violavam os domínios (Porubanova et al., 2014). Há de se fazer uma ressalva que nesse estudo, assim como diversos outros que investigam os efeitos na memória dos conceitos que violam expectativas de domínio (Purzycki & Willard, 2015; Stubbersfield & Tehrani, 2013; Upal, 2010; Willard & Norenzayan, 2013), os conceitos utilizados como materiais são pouco relacionados com a temática religião³ (Holleman et al.,

³ Nesse estudo mencionado, o autor utilizou conceitos como uma cabra que é surda e uma cobra que está lendo (Gregory, 2014). Uma possível crítica em relação a utilização de conceitos artificiais como esses para o estudo sobre religião é a clara baixa validade ecológica do material utilizado.

2020) , o que é problemático considerando a pretensa generalização que se pretende fazer sobre esta.

Em sua tese de doutoramento, Gregory (2014) investigou a rememoração de conteúdo contra-intuitivo e contra esquemático em adultos e idosos no Reino Unido e na China e encontrou uma capacidade menor de rememoração em ambos os países e ambos os tipos de conteúdo para a faixa etária mais alta. No entanto, não houve controle quanto ao declínio cognitivo dos participantes idosos ou ao seu estado de saúde mental, o que limita a confiança de que os dados por ele gerados sejam realmente um padrão cognitivo etário ou são efeito do declínio cognitivo ou de depressão, doença esta muito prevalente nessa faixa etária, por exemplo.

Rotolo (2020) investigou como imagens esquemáticas (*image schemas*) ajudam a explicar as representações religiosas de estadunidenses. Nessa pesquisa, assim como na de Ribeiro (2018) mencionada na seção sobre conceitos religiosos segundo a perspectiva da teoria teórica, também foi encontrado que as imagens esquemáticas constituem um aspecto central na cognição religiosa, pois ajudam a estruturar a cognição implícita, por vezes incoerentes com o discurso teológico explícito expresso pelo participante.

Foi possível visualizar que foram realizados estudos sobre a temática religião em todas as perspectivas das representações mentais apresentadas, com diferentes amostras, objetivos, hipóteses e métodos. No entanto, uma área muito menos investigada no campo da cognição religiosa e das representações mentais é a questão dos julgamentos e tomada de decisão.

Julgamentos

Antes de avançar sobre o presente tópico dos julgamentos é importante explicitar sua definição operacional e contrastar termos que são utilizados por vezes como sinônimos, embora não o sejam. Estritamente falando, existe uma diferença conceitual entre julgar, decidir e escolher

(Rachlin, 1989). Julgamento, de maneira geral, se refere a uma estimativa, como utilizar uma métrica interna para avaliar algo. Ele é o tipo de processo relacionado a perguntas do tipo: “qual a altura daquele prédio?” ou ainda “quantas pessoas cabem num espaço de 100 metros quadrados?”. O julgamento dá base para o processo de decisão. Por sua vez, esta se configura como uma espécie de processo mental orientativo, mas ainda não realizado. Um exemplo desse processo seriam as compras em um supermercado. Após alguém julgar se determinado alimento mataria sua fome, por exemplo, a pessoa pode decidir ou rejeitar determinado alimento, pensando se isto serve ou não. Por sua vez, escolher é o ato comportamental que utiliza das informações anteriores para realizar uma ação. No exemplo supracitado do alimento, seria o ato de comprá-lo efetivamente após considerar o preço, se mata a fome, se é saudável, se o custo-benefício é bom e diversas variáveis. É importante dizer que todos esses processos são interconectados.

O julgamento é uma habilidade cognitiva que nos permite inferir, estimar e prever determinadas características de eventos desconhecidos ou não completamente compreendidos (Pachur et al., 2012). Daniel Kahneman e Amos Tversky se consagraram como dois nomes muito populares e destacados nessa área. Em um livro que se tornou *best-seller* mundial, Kahneman (2012) divulga a pesquisa na área de julgamentos e cognição com seu famoso livro “Rápido e devagar: duas formas de pensar”. Neste, o autor destaca que os julgamentos, por se referenciar em processos inferenciais, estimativos, estão sujeitos a erros sistemáticos conhecidos como vieses. Ao longo do livro, são apresentados vieses e heurísticas (método mental de investigação para se chegar à resolução de problemas) cujos efeitos se tornaram amplamente estudados. As heurísticas são os caminhos cognitivos e os vieses seriam os erros de estimativas, de julgamento

previsíveis desses. Duas das heurísticas serão destacadas abaixo, pois são de especial interesse para a presente investigação.

Heurística de representatividade

A heurística da representatividade está vinculada a uma tradição de pesquisa sobre as teorias decisórias que buscam compreender como as pessoas percebem, processam e avaliam as probabilidades de determinados eventos e como essas probabilidades afetam suas decisões (Kahneman & Tversky, 1972). Essa tradição de pesquisa está preocupada com a investigação sobre os critérios utilizados pelas pessoas para julgar probabilidades de eventos incertos (Kahneman, 2012).

Em termos dessa heurística em específico, Kahneman e Tversky (1972) argumentam que a heurística da representatividade é um atalho mental para estimar probabilidades. Quando se está tentando avaliar a probabilidade de ocorrência de um evento ou a probabilidade de pertencimento de um membro a uma categoria em específico tende-se a avaliar, tomar a decisão classificatória, a partir de uma avaliação de similaridade (ou representatividade) daquele membro em relação àquela categoria em específico (Bílek et al., 2018; Krawczyk & Rachubik, 2019). Em outras palavras, essa heurística envolve processos de julgamento relativos à aplicação de critérios de semelhança nos quais as pessoas avaliam o nível com o qual os atributos de determinado objeto são representativos aos atributos da categoria em questão. Usualmente, quando as pessoas julgam a probabilidade de um evento pela representatividade, elas comparam as características essenciais do evento (ou membro) específico com aquelas da categoria no qual ele pertence (Tversky & Kahneman, 1974).

Stolwijk e Vis (2021) investigaram se políticos holandeses utilizam a heurística de representatividade, especificamente a falácia de conjunção, para realizar julgamentos face a

eventos desconhecidos ou imprevisíveis. Os autores adaptaram uma série de experimentos clássicos de Tversky e Kahneman (1973, 1974) para o contexto holandês contemporâneo foi observada presença de tal heurística nessa amostra, mesmo quando o tempo para se realizar os julgamentos eram livres. Nesse sentido, destaca-se que políticos usam essas estratégias cognitivas para tomar decisões quando lidam com estereótipos. Em função desse achado, destaca-se que a maior consciência sobre os processos decisões que estão subjacentes a elaboração de políticas públicas, afinal, elas podem não serem alicerçadas em deliberações, mas em heurísticas como essa.

Nessa heurística, a probabilidade com que determinado membro seja classificado como pertencente à categoria “é avaliada segundo o grau em que ele é representativo de, ou similar ao estereótipo” (Kahneman, 2012, p. 525). A tese dos autores é que os eventos julgados mais prováveis variam em função do quanto aqueles eventos ou exemplos são considerados mais representativos por uma determinada população (Kahneman, 2012).

Segundo Zhao (2018), os efeitos da heurística de representatividade são perceptíveis quando, ao analisar situações do tipo “Qual provável é A dado B?”, participantes usualmente exibem erros sistemáticos ao fazer esse tipo de julgamentos, respondendo “O quão representativo é A de B (isto é, qual similares são A e B)?” ao invés da primeira opção.

Os julgamentos de similaridade, no entanto, não se dão unicamente em relação aos membros de uma categoria, senão também em relação as propriedades em relação aos membros (Wilhelm, 2020). Segundo a autora, uma definição formal sobre uma propriedade típica pode ser dada da seguinte forma: Considere o conjunto A e considere B como uma de suas propriedades. B é típico de A se e somente se praticamente todos os elementos de A exemplificarem B. Por exemplo, para a categoria religião (um conjunto A), pode-se considerar possuir uma entidade

sobrenatural (a propriedade B) como um de seus atributos característicos. Então essa seria um atributo característico se quase todos os membros da categoria tivessem esse atributo.

Conforme discutido, essa heurística se dedica ao estudo da representatividade, da similaridade intracategórica. Uma das maneiras mais tradicionais para se avaliar a similaridade entre itens é por uma tarefa de classificação de escala tipo Likert em que se pergunta para os participantes quanto determinados itens são semelhantes entre si (Minda, 2021).

As heurísticas levam a erros previsíveis, os chamados vieses cognitivos, quais foram também identificados por Tversky e Kahneman (1974) vinculados à heurística de representatividade. Alkhars e colaboradores (2019) investigaram o efeito do treino sobre a redução dos vieses. Inicialmente, foi identificado que cerca de 50% dos 302 participantes cometiam respostas enviesadas. Após o treinamento específico, houve uma redução significativa em relação ao padrão de respostas, o que indica que se tornar mais consciente do funcionamento dos vieses, leva a menor taxa de enviesamento.

Heurística de disponibilidade

Por sua vez, a heurística de disponibilidade é também uma estratégia de julgamento e se refere a uma outra medida de estimação de probabilidade. Ela afeta os julgamentos na medida em que as pessoas estimam a frequência de determinados exemplos pela facilidade com que os exemplos podem ser trazidos à mente (Tversky & Kahneman, 1973, 1974).

Pachur e colaboradores (2012) investigaram a percepção de risco e sua relação com as heurísticas de disponibilidade. Eles realizaram dois experimentos nos quais foram avaliados o risco percebido de letalidade de uma doença, o gasto público em relação à esta e a percepção de sua distribuição em termos epidemiológicos. Foi encontrado que a heurística de disponibilidade se correlaciona positivamente com a distribuição dos termos epidemiológicos e a heurística

afetiva em termos de letalidade. É interessante notar a relação estabelecida entre a percepção de risco e a heurística de disponibilidade, pois ambas são informativas para os julgamentos de risco, porém a diferentes níveis, um mais geral – a disponibilidade – e outra mais proximal – a afetiva (Pachur et al., 2012). Outro destaque importante sobre essa pesquisa é sobre o papel que a mídia exerce sobre a percepção de risco, qual seja, que as estimativas de morte são distorcidas pela cobertura da mesma, na medida em que a cobertura tende para a novidade e alarmismo, moldando destarte o interesse público, ao mesmo tempo que por ele é moldado (Kahneman, 2012).

A acessibilidade conceitual

Os estudos sobre acessibilidade conceitual se configuram como um tema clássico na literatura da Psicologia Cognitiva (Srull & Wyer, 1979; Tulving & Pearlstone, 1966). Mais recentemente, no final do século XX, Janczura e Nelson (1999) propuseram que a acessibilidade conceitual seria uma extensão da heurística de disponibilidade para o problema da representação categorial. Segundo essa teoria, os membros de categorias que são mais frequentemente encontrados se tornam mais acessíveis na memória e, em função disso, tendem a serem percebidos como mais típicos de suas categorias. É importante notar que antes dessa teoria, os estudos sobre tipicidade categorial explicavam os seus achados a partir da representatividade dos seus membros.

Janczura e Nelson (1999) testaram essa teoria pela primeira vez a partir de um estudo de julgamentos sobre rimas. Eles selecionaram a categoria de rimas, por encontrar nelas uma definição baseada na teoria clássica, fazendo com que todos os exemplos fossem equiprováveis, e que ao mesmo tempo, tivessem diferentes frequência de produção de cada exemplo, ou seja, embora todos sejam igualmente representativos da categoria, cada exemplo é produzido pelas

peessoas de maneira diferente. A hipótese dos autores é que os exemplos mais frequentes seriam considerados mais típicos por estarem vinculados ao aprendizado da categoria, tendo o efeito da acessibilidade, e não pela representatividade, uma vez que todos os exemplos seriam igualmente representativos. Os resultados encontrados coadunaram a hipótese prevista (Janczura & Nelson, 1999).

A par disso, Janczura e Nelson (1999) argumentaram que os efeitos de tipicidade refletiriam acessibilidade conceitual, esta determinada por aprendizado recente e anterior. Nesse sentido, os exemplos que são mais frequentemente experienciados, cuja interação é maior, seriam mais acessíveis à memória, o que faria com que eles fossem percebidos como exemplos mais típicos. Assim, eles argumentaram que, para julgamentos de tipicidade, especificamente para categorias conhecidas, a acessibilidade conceitual deve ser utilizada ao invés da representatividade. Esse resultado é importante, uma vez que traz uma nova compreensão sobre as possíveis relações entre as heurísticas de disponibilidade e representatividade no campo da representação mental e entre a teoria prototípica que assume a representatividade como um dos seus pressupostos.

Se, conforme argumentam Janczura e Nelson (1999, 2006), a acessibilidade conceitual deve ser utilizada para interpretar os julgamentos de tipicidade para categorias conhecidas, será que para outros tipos julgamento baseados na representatividade, tais como os julgamentos de similaridade (Tversky & Kahneman, 1974), este mesmo resultado se mantém? Para além disso, se a acessibilidade conceitual é determinada por aprendizado prévio e recente sobre as categorias, será que a saliência, a importância daquela categoria, possuiria um efeito mediador em termos de o quanto as informações estão disponíveis, conforme propõe os achados da teoria do esquema? Tais questões permanecem irresolutas. Para responder a tais questões são propostos dois estudos,

um em formato de coleta de normas e outro em caráter experimental, quais são apresentados a seguir.

Estudo 1 – Representação semântica da palavra religião em Português Brasileiro por meio de coleta de normas de palavras

Resumo

Por séculos, filósofos e cientistas das mais diversas áreas tentaram propor diferentes definições ou atributos de Religião. O presente estudo descreve um mapeamento da rede de palavras associadas à categoria religião, de tal forma a capturar as relações semânticas armazenadas na memória. Participaram desse estudo 229 universitários, pertencentes a IES privadas e públicas de quatro macrorregiões do país. Foram coletadas normas da palavra “Religião” por meio do paradigma de Associação Livre bem como a identificação de seus atributos e exemplos. Como resultados, verificou-se que Religião é uma categoria de tamanho médio (n=10), que “Católico Apostólico Romano” foi o exemplo mais citado, enquanto “fé, deus e crença” foram os três atributos mais destacados. Estes resultados sugerem que sobressai o aspecto da crença e não o ritualístico. Sugere-se que a visão clássica dos conceitos enquanto modelo representacional da categoria para “religião” não deveria ser utilizada por não corresponder a visão êmica de religião. Ademais, foi possível perceber a influência dos monoteísmos ocidentais na representação da palavra-tema. Sugere-se a coleta de novas normas dessa categoria em contextos transculturais para melhor compreender os efeitos locais da categoria em análise.

Palavras-chave: Religião; Associação Livre; Normas; Processamento semântico de palavras

Compreender o significado dos termos é crucial para a empreitada científica. Embora haja variabilidade individual, a Psicologia Cognitiva Experimental possui métodos fiáveis para estudar os fenômenos relativos aos significados, especificamente das palavras. O estudo de representação de palavras possui como um de seus objetivos estabelecer como uma amostra de pessoas avalia determinados atributos específicos (Brysbaert et al., 2018). Uma das metodologias para se acessar tais informações é pela coleta das normas de palavras.

Quanto a esta, é possível avaliar diversos atributos das palavras, como medidas de tamanho da categoria (Janczura, Castilho, & Oliveira, 2016), concretude (Janczura et al., 2007), valência emocional (Kapucu et al., 2021) e frequência (Sardinha, 2003). Há bastante tempo, os acadêmicos também se ocupam nas especificidades das categorias específicas, como o quanto determinadas palavras são consideradas tabu (Jay et al., 2008), o quanto elas se parecem com outras línguas (Lima & Buratto, 2021) e o quanto elas induzem humor (Engelthaler & Hills, 2018).

Nesse sentido, uma finalidade prática para a utilização das normas na pesquisa é para a construção de materiais experimentais. A partir do conhecimento de valência emocional das palavras, obtido pelas normas, por exemplo, é possível controlar as variáveis de interesse com maior rigor na construção de questionários ou em tarefas de memória (Hong et al., 2020) ou ainda para uso publicitário, ao selecionar estímulos que induzem humor.

Uma das peculiaridades dos estudos sobre normas possui é sua alta especificidade. Uma vez que as normas objetivam conhecer a representação coletiva de uma determinada população a respeito de uma ou mais categorias, deve-se com alguma frequência atualizar os bancos normativos, considerando os efeitos de coorte.

Nesse sentido, Battig & Montague (1969) publicaram um importante estudo de normas para 56 categorias semânticas, trabalho este que até o começo do século recebeu mais de 1.600 citações. Face à necessidade de atualização do banco de normas, Van Overschelde e colaboradores (2004) atualizaram e expandiram o banco de Battig e Montague (1969) para 70 categorias. Um dos achados relevantes presentes nesse novo banco e que denota a necessidade de atualização dos bancos normativos é sobre o tipo de dança que era comum nos anos de 1960 e que agora não fazem mais parte da representação contemporânea da categoria, o que reflete que a mudança histórico-cultural traduz mudanças representacionais.

Considerando que os atributos das palavras mudam com o tempo, justificando a coleta de normas, também há de se argumentar em favor da coleta com uma população específica, permitindo assim a exploração de seu universo representacional. Assim como ocorre em Psicometria quando da adaptação/validação transcultural de um instrumento psicológico, as normas precisam ser avaliadas em função da população específica para qual ela pretende avaliar, não se tratando, portanto, de uma mera transposição das mesmas entre culturas. A especificidade cultural também permite comparar questões relativas à representação do humor, do tabu e no caso específico dessa investigação, da religião. Quando as normas são coletadas em diversos locais, isso permite com que acadêmicos possam melhor compreender as particularidades envolvidas nas representações das palavras e de outros estímulos normatizados como imagens (Kurdi et al., 2016) e status sócio-econômico (A. B. S. M. Araújo, 2022).

Apesar de existirem diversos bancos de palavras já normatizados no país (Bordignon et al., 2015; Janczura, 1996, 2005; Janczura et al., 2007; Kristensen et al., 2011; Oliveira et al., 2013), esses não apresentam Religião como estímulo. Tampouco encontramos essa palavra num

dos bancos mais utilizados internacionalmente, o *Affective Norms for English Words* (ANEW), também normatizado no país (Kristensen et al., 2011).

Algumas produções foram encontradas na literatura nacional que utilizaram a teoria das representações sociais de Moscovici (Marková, 2017) para estudar objetos correlatos ao que propõe a presente pesquisa (Paiva, 1999; Viana, 2018). França et al. (2020) investigaram as representações sociais de Deus de 286 participantes de festividades católicas no Rio de Janeiro. Foram selecionados participantes que estavam presentes nas festas de São Jorge e de São Sebastião. Os autores utilizaram a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) requisitando aos participantes que produzissem cinco palavras relativas ao termo indutor “Deus”. Ficou evidenciado que o núcleo central da representação de “Deus” é “tudo”, “amor”, “pai” e “proteção”.

Outro estudo que utilizou a teoria das representações sociais no país buscou compreender a representação social de 25 docentes de cursos da área da saúde sobre religião e espiritualidade (Borges et al., 2015). Os autores encontraram que para a palavra indutora religião, as palavras com maior frequência foram fé (44%), Deus (28%), crença (16%) e paz (16%). Já para espiritualidade, os resultados foram fé (28%), crença (24%) e força (16%).

A palavra-alvo religião é encontrada nas normas produzidas pelo grupo português de Marques e colaboradores (2013). Neste trabalho, a palavra mais fortemente associada foi “Deus” seguida de “Igreja” e “católica”. A palavra-alvo também foi encontrada em manuais mais antigos e de outros países, conforme pode ser visualizado na coletânea *Norms of word association* (Postman & Keppel, 1970), em que os autores trazem normas coletadas por pesquisadores estadunidenses, franceses e alemães cuja palavra “Deus” também está presente.

Embora a literatura produzida na área das representações sociais seja interessante para a compreensão do fenômeno investigado, existem questões metodológicas que limitam seu uso para a produção de tarefas experimentais e da categoria em si. Assim, o presente estudo pode ser um complemento aos achados dessa literatura na área de produção de normatização. Janczura e colaboradores (2016) recomendam certos cuidados para aumentar a confiabilidade das normas, tais como, normatizar as palavras por um número elevado de participantes – em seus estudos os autores utilizam pelo menos 100 participantes por palavra – e a produção da primeira associada apenas ao invés de 3 ou 5 como se comumente se faz em pesquisas baseadas nas representações sociais, de maneira a evitar encadeamento semântico (Nelson et al., 1988). Essa última etapa é importante, pois dessa forma se assegura que a palavra evocada se vincula tão somente ao estímulo solicitado e não a resposta produzida anteriormente.

Quanto as questões metodológicas de coleta de normas, uma das maneiras possíveis para se proceder o estudo é pelo uso da Associação Livre. Trata-se de um método utilizado há décadas na Psicologia Científica (Galton, 1879). Esta pode ser descrita como uma tarefa no qual é solicitado ao participante que gere uma ou mais palavras a partir de uma palavra alvo. Este tipo de tarefa é comum para investigações de diferentes paradigmas teóricos, variando desde a teoria prototípica (Elshout et al., 2015; Fehr, 1988; Hampton, 1981; Lambert et al., 2011; May & Fincham, 2018), as representações sociais (Napoleão et al., 2015) a produção de listas de palavras normatizadas para o estudo das falsas memórias (Hong et al., 2020) e a Psicanálise (Rabêlo et al., 2022), que foi uma das responsáveis pela popularização do temo.

Se a representação mental se desenvolve a partir da experiência, do contato com o estímulo ao longo da história da pessoa e do grupo (Murphy, 2002; Sternberg & Sternberg, 2017), é provável então que haja uma especificidade cultural na produção dos atributos e da

verificação desses. No que concerne ao objeto da presente investigação, o termo religião originalmente era equivalente a maneira correta de se realizar um ato, relacionado aos tabus, maldições, transgressões, modos de culto e não necessariamente aplicado ao aspecto sobrenatural (Usarski, 2013). Ao final da Idade Média o termo adquire um significado radicalmente diferente quando passou a denominar grupos específicos (Schilbrack & Cruz, 2022). A partir desse momento, Nongbri (2013) e Saler (1993) sugerem que o conceito se aproxima da nossa representação hodierna, passando a significar algo que seja semelhante aos monoteísmos ocidentais modernos. Assim, cria-se uma espécie de modelo ideal que serve como referência para se contrastar e estabelecer equivalências categoriais.

Posto acima, o objetivo desse estudo foi realizar a coleta de normas da categoria religião (palavra-alvo), de maneira a compor um banco de dados e imprimir maior controle experimental em estudos posteriores que façam uso de tais materiais a partir de indexadores como força associativa e tamanho de categoria, por exemplo. Além do mais, foi possível mapear a rede de palavras associadas, de tal forma a capturar as relações semânticas armazenadas na memória relevantes para o conceito em análise a partir de um número grande de participantes, preenchendo os requisitos necessários para os estudos experimentais.

Considerações éticas

A presente pesquisa seguiu as prerrogativas do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Brasília, que por sua vez está de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde, nº 510 de 2016, estipulada pelo Ministério da Saúde. O número do CAAE do projeto é 69005422.0.0000.5540.

A participação de todos os participantes envolvidos foi voluntária, livre de qualquer benefício econômico e anônima. Os participantes consentiram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), qual estava eletronicamente vinculado à pesquisa.

Método

Participantes

A amostra foi composta por 229 participantes selecionados por conveniência de maneira não probabilística. Como critério de inclusão, seguiu-se que apenas poderiam participar aqueles com acesso à internet, com idade mínima de 18 anos, voluntários.

No que se refere aos aspectos sociodemográficos, observou-se que a média de idade dos participantes era de 28,45 anos (DP = 10,58). Nessa amostra, a maioria dos participantes era do sexo feminino ($f=171$, 74,67%), heterossexuais ($f=169$, 73,79%), brancos ($f=154$, 67,24%), solteiros ($f=163$, 71,17%), sem expertise religiosa⁴ ($f=133$, 58,07%), com pertencimento religioso único⁵ ($f=206$, 89,95%), do Sudeste ($f=175$, 76,41%) e com renda familiar entre 4 a 10 salários mínimos ($f=74$, 32,31%), como pode ser visualizado na Tabela 1.

Tabela 1

Dados sociodemográficos da amostra

	Variável	Frequência	Porcentagem
Estado civil	Casado	45	19.65%

⁴ A expertise religiosa foi operacionalizada como qualquer resposta positiva para treinamento formal na área de Ciência da Religião ou Teologia, ensino religioso ou pregação.

⁵ Define-se como pertencimento religioso único aqueles participantes que se identificam apenas com uma tradição religiosa. No questionário, era permitido aos participantes marcar mais de uma alternativa de identificação religiosa.

	Solteiro	163	71.17%
	União estável	20	8.73%
	Viúvo	1	0.43%
Expertise	Não	133	58.07%
	Sim	96	41.92%
Renda	Até 2 salários mínimos	21	9.17%
	2 a 4 salários mínimos	68	29.69%
	4 a 10 salários mínimos	74	32.31%
	10 a 20 salários mínimos	51	22.27%
	Acima de 20 salários mínimos	15	6.55%
Gênero	Feminino	171	74.67%
	Masculino	57	24.89%
	Não listado	1	0.43%
Identidade religiosa múltipla ou única	Múltipla	23	10.04%
	Única	206	89.95%
Orientação sexual	Bissexual	31	13.53%

	Heterossexual	169	73.79%
	Homossexual	19	8.29%
	Não listado	10	4.36%
Raça	Amarelo	3	1.31%
	Branco	154	67.24%
	Prefiro omitir	7	3.05%
	Pardo	50	21.83%
	Preto	15	6.55%
Macrorregião	Centro-oeste	28	12.22%
	Nordeste	19	8.29%
	Sudeste	175	76.41%
	Sul	7	3.05%

O perfil religioso da amostra foi de 58 Católicos Apostólicos Romanos, 45 Espíritas, 34 agnósticos, 28 sem religião, 22 espiritualistas, 20 ateus, 3 de matriz oriental, 4 de matriz afro-brasileira, 9 não se interessa por religião, 16 não sabem, 11 Protestantes Históricos, 6 Evangélicos Pentecostais e 9 Neopentecostais. 17 participantes assinalaram outros e foram descritas crenças como Testemunha de Jeová, União do Vegetal, Gaia. A soma total foi possível graças a 23 (10%) de participantes se identificarem com mais de uma alternativa, havendo casos de assinalarem até três.

Materiais

O estímulo selecionado inclui uma única palavra-tema (religião).

Procedimentos

Foi elaborado um formulário na plataforma sogosurvey.com. Trata-se de uma solução para desenvolvimento, armazenamento e distribuição de *surveys* disponível de maneira online. Os participantes fizeram a coleta de normas em seus próprios computadores pessoais ou celulares/tablets a partir do recebimento do link para pesquisa. Os participantes receberam o link a partir de sua vinculação institucional com suas respectivas IES.

Ao receber o link da pesquisa, era inicialmente apresentado o TCLE e para dar prosseguimento, o participante deveria aquiescer com o mesmo. Após, era apresentada a tarefa de Associação Livre, introduzida pela seguinte instrução:

“Você encontrará uma palavra a seguir. Sua tarefa é lê-la com atenção e escrever no local indicado a primeira palavra que vier à sua mente. Não pense muito, apenas escreva a primeira palavra que pensar. Não existem respostas certas ou erradas. Escreva somente uma palavra a seguir. Obrigado!”

Após realizar a tarefa de Associação Livre, o participante deveria clicar em um botão para finalizar a tarefa e seguir com as próximas. Então, tinha início a tarefa de geração de atributos. A seguinte instrução era exibida:

“Nessa segunda parte, solicitamos que você escreva uma característica para definir o que é religião. Por exemplo, se fosse pedido para alguém listar uma característica de uma ave, alguém poderia dizer que algo como ‘têm penas azuis’. Não existem respostas certas ou erradas. Você tem tempo livre para escrever. Obrigado!”

Após realizar a tarefa de Geração de Atributos, o participante deveria clicar em um botão para finalizar a tarefa e seguir para a última. Então, tinha início a tarefa de geração de exemplos. A seguinte instrução era exibida:

“Agora queremos saber sobre quais religiões você conhece. Se fosse pedido para listar os exemplos ou tipos de animais, você poderia dizer urso, cachorro, gato, abelha, grilo, baleia e formiga. Se fosse pedido para você listar os times de futebol do Brasil, você poderia dizer Cruzeiro, Atlético Mineiro, Flamengo ou Bahia, por exemplo. Não existem exemplos certos ou errados. Escreva abaixo os exemplos de religião que vier à sua mente.”

Cada tarefa foi calibrada com o tempo de execução máxima de 120 segundos, para evitar que os participantes buscassem em outras fontes informações que não proviessem de si. Depois da realização das tarefas foram coletados dados sociodemográficos.

Análise de dados

As análises descritivas foram realizadas com o apoio do software Jamovi versão 2.3.3. Foram calculadas as frequências, médias e desvios-padrão das variáveis sociodemográficas coletadas.

Para a análise lexicométrica foi utilizado o IRaMuTeQ. O Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRaMuTeQ) é um software gratuito cuja função é realizar a análise lexicométrica. Esta consiste em uma análise de dados textuais de uma maneira probabilística (Faiad et al., 2021). O programa utiliza critérios de lematização, ou seja, ele deflexiona as palavras de mesma origem, a partir do dicionário de Português dentro do programa, de maneira a determinar seu lema e agrupar palavras com o mesmo tema, proporcionando uma série de análises textuais.

Alinhados aos objetivos da pesquisa, foram realizadas três análises textuais com o IRaMuTeQ. No presente estudo, foram realizadas três análises, quais sejam: (1) Nuvem de palavras, que se configura como uma representação gráfica que apresenta a distribuição das palavras de acordo com sua frequência; (2) Análise de especificidades, que associa as produções lexicais com as variáveis; e (3) Análise de similitude, que permite identificar as coocorrências entre palavras, produzindo conexões entre as mesmas, auxiliando a visualização da estrutura da representação da associação (Camargo & Justo, 2013).

Resultados

As respostas dos participantes foram tabuladas em um arquivo Excel. Foi gerado um arquivo composto por 11 colunas, relativas às variáveis sociodemográficas e a resposta produzida na tarefa pelos participantes, e 230 linhas relativas aos 229 participantes. No que se refere às respostas, foram feitas correções pontuais quanto à grafia nas seguintes respostas: as palavras “fe” foram substituídas por “fé”, “salvacao” por “salvação”, “mandiga” por “mandinga”, “mentias” por “mentiras”, “forca” por “força e “encheria q a vida não acaba aqui” por “encheria que a vida não acaba aqui”. Tais correções no banco de dados são necessárias uma vez que para as análises lexicométricas serem processadas pelo Iramuteq não podem haver erros gráficos (Camargo & Justo, 2013).

Após a construção do banco de dados no Excel, este foi transferido para o Word, e, então salvo em um arquivo em formato .txt. Foram seguidos todos os parâmetros necessários descritos por Faiad e colaboradores (2021) para a construção do banco de dados para a realização das análises lexicométricas. O corpus para análise textual foi composto por 229 segmentos de texto (ST), com uma quantidade de 362 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 176 ocorrências distintas e outras 120 únicas.

Após computar a frequência absoluta das palavras evocadas por meio da análise da técnica Nuvem de Palavras, apresentada na Figura 3 adiante, verificou-se que as mais evocadas foram, na seguinte ordem: Deus (f=40), Fé (f=29), Crença (f=17), Amor (f=7), Controle (f= 7), Dogma (f= 6), Igreja (f= 6), Acreditar (f= 5), Católico (f= 4), Conexão (f= 4), Cultura (f=4), Prisão (f=4), Base (f=3), Conforto (f=3), Espiritualidade (f= 3), Jesus (f=3), Manipulação (f=3), Regra (f=3), União (f=3), União (f=3), Vida (f=3), Alienação (f=2), Catolicismo (f=2), Cristianismo (f=2), Cristão (f=2), Diferente (f=2), Doutrina (f=2), Esperança (f=2), Espiritismo (f=2), Homem (f=2), Intolerância (f=2), Ligação (f=2), Meio (f=2), Necessário (f=2), Preconceito (f=2), Religar (f=2), Religioso (f=2), Religião (f=2) e Sagrado (f=2). Foram excluídas das análises as respostas idiossincráticas, ou seja, com frequência igual a um, pois estas foram produzidas apenas por um participante.

Figura 3

Nuvem de palavras



Foi realizada uma análise de especificidades para todas as variáveis sociodemográficas, com critério de frequência mínima calibrado para cinco ocorrências. Por meio de tal análise, foi possível fazer comparações e descrições das evocações, considerando a frequência de incidência

de palavras e de seu escore hipergeométrico, entre as diferentes variáveis sociodemográficas coletas. Apenas foram reportados resultados cujo índice hipergeométrico foi maior do que 500.

As análises de especificidades realizadas em função da expertise religiosa demonstraram que aqueles que não possuem expertise religiosa ($n=133$) tiveram maiores associações com a palavra “controle” (1,14) e a segunda com aspectos relacionados à crença religiosa com “Deus” (0,79). Já para grupo com expertise religiosa ($n=96$), a crença também foi o elemento mais associado por meio da palavra “acreditar” (0,79), seguida de “amor” (0,72) e “dogma” (0,51).

Em termos de orientação sexual, o grupo identificado como homossexual ($n=19$) possui “fé” (1,65) e “controle” (0,59). Por sua vez, o grupo heterossexual ($n=169$) “amor” (0,75). Ainda, o grupo identificado como bissexual ($n=31$) teve como “crença” (1,02). Por fim, o grupo identificado como “não listado” ($n=10$) teve como maior frequência “dogma” (0,71) seguido de “fé” (0,59).

No que se refere à identidade religiosa múltipla ($n=23$) a palavra “fé” foi a mais associada (1,75), ao passo que para a identidade religiosa única ($n=20$), “crença” (0,89) foi a mais associada.

Em termos de gênero, para o grupo identificado como masculino ($n=57$), as duas palavras mais associadas foram “dogma” e “controle”, ao passo que para o grupo feminino ($n=171$), foram “deus” e “crença”.

No que se refere às macrorregiões, destaca-se para a região Centro-Oeste ($n=28$) uma associação com a palavra “controle” e para a região Sudeste ($n=175$) “crença”.

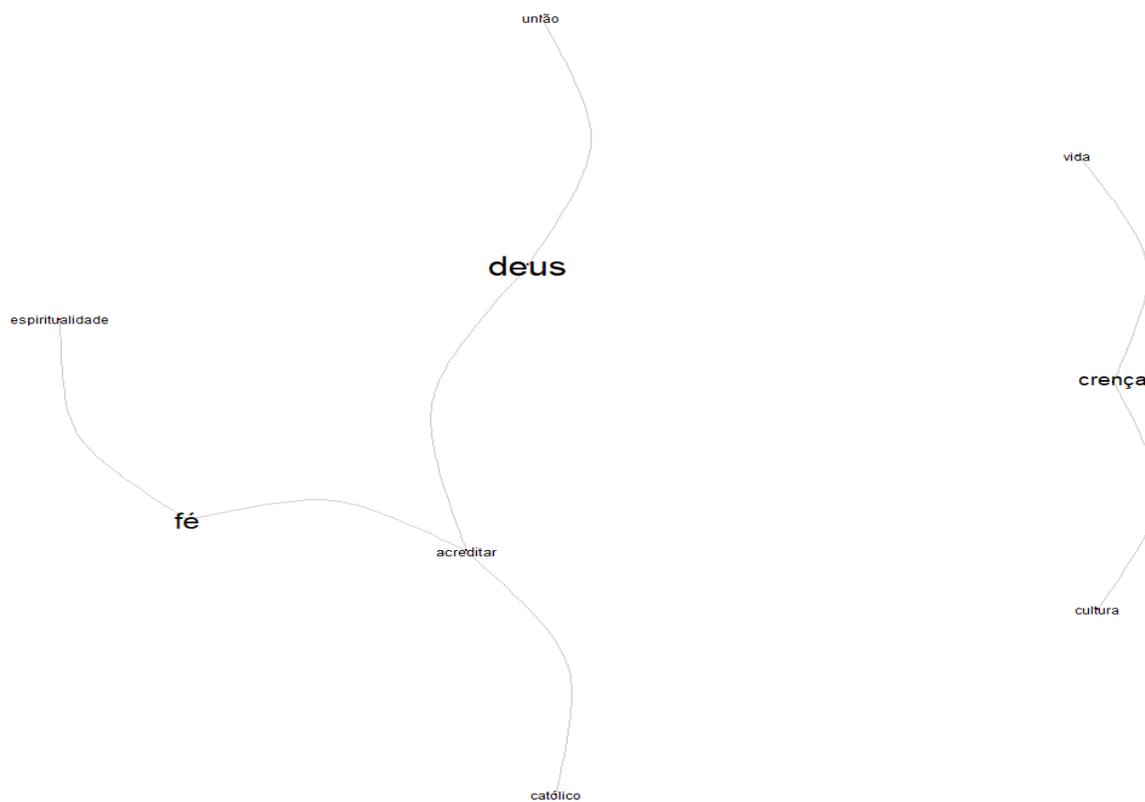
Também foi realizada uma análise de similitude baseado no escore de coocorrência. A partir dessa, foi possível identificar as ocorrências textuais e suas possíveis conexões. Foi possível observar que dois núcleos centrais foram produzidos. O primeiro com três palavras e o

segundo com apenas uma. Dessas, outras se ramificam, o que sugere significados específicos. É possível visualizar as conexões na Figura 4 a seguir.

No que se refere à primeira rede de associadas, destacam-se “deus” com conexão com “união”, “acreditar” com “católico” e “fé”, que apresenta conexão com “espiritualidade”. Por sua vez, o segundo núcleo de relações apresenta “crença” com conexões com “vida” e “cultura”. As outras palavras que compuseram essa análise não estabeleceram conexões significativas entre si, portanto não ficaram expressas na análise.

Figura 4

Análise de similitude



Ademais das análises lexicométricas ora descritas, também foram realizadas análises de associação semântica. A força associativa (F.A.) é a probabilidade com o qual um item da lista pode ser gerado a partir de uma palavra-tema (Stein & Gomes, 2009). Na literatura nacional, a F.A. foi calculada tanto a partir de categorias específicas (bebida alcóolica, arma, artigos de vestuários e animal selvagem, por exemplo), conforme produzido por Janczura (1996), quanto por outras classes de palavras tais como adjetivos, verbos e substantivos (Janczura et al., 2016; Stein & Gomes, 2009, (van Erven & Janczura, 2004). No presente caso, seria a probabilidade de um exemplo ser gerado a partir da palavra-tema Religião. Esse cálculo é realizado pela razão entre respostas produzidas pela quantidade de participantes ($\frac{\text{respostas geradas}}{\text{participantes}}$) (Janczura et al., 2016). Segundo Salles e colaboradores (2008), baseando-se em critérios estabelecidos por Janczura e Nelson (1999) e van Erven e Janczura (2004), palavras fortemente associadas às suas categorias são aquelas que são geradas por mais de 25% dos participantes, médias entre 10 e 24% e fracas abaixo de 10% (Salles et al., 2008). O escore varia de 0 a 1, sendo 1 a probabilidade máxima se todos os participantes tivessem gerado a mesma associada. No presente estudo, o ponto de corte para categorizar um exemplo fortemente associado foi de a palavra ter sido produzida por pelo menos 57 participantes. Para exemplos mediamente associados o ponto de corte foram 22 participantes.

Na Tabela 2 a seguir são apresentados os primeiros exemplos citados pelos participantes da categoria religião junto com suas frequências e forças associativas dividido por sua força de associação. É importante destacar que apenas são apresentados dados não idiossincráticos, ou seja, com frequência maior do que um, considerando que tais associações são muito fracamente vinculadas à pista e não são confiáveis (Nelson & Schreiber, 1992).

Tabela 2

Exemplos da categoria religião e suas forças associativas

Exemplos fortemente associados	Exemplos mediantemente associados	Exemplos fracamente associados
Católico Apostólico Romano (f =110, F.A.= 0,480)	Cristianismo (f =35, F.A.= 0,153)	Umbanda (f =14, F.A.= 0,061)
	Espiritismo Kardecista (f =32, F.A.= 0,140)	Protestantismo (f =6, F.A.= 0,026)
	Evangélico (f =22, F.A.= 0,096)	Candomblé (f =3, F.A.= 0,013)
		Budismo (f =2, F.A.= 0,008)
		Judaísmo (f =2, F.A.= 0,008)
		Paganismo (f =2, F.A.= 0,008)

Nota. f = frequência. F.A. = Força Associativa

O tamanho do conjunto (*set size*) foi calculado contando-se o número de respostas distintas geradas por pelo menos dois participantes. Janczura, Castilho e Oliveira (2016) mapearam o tamanho de conjunto de 905 palavras do português brasileiro foi observado uma distribuição semelhante à normalidade quanto ao tamanho dos conjuntos. A amplitude variou em 24, com mínimo 2 e máximo de 25 instâncias geradas (Janczura, Castilho & Oliveira, 2016). Quanto à palavra-tema “Religião”, verificou-se um tamanho de conjunto de 10. Esse tamanho a classifica enquanto uma palavra de tamanho de conjunto médio, variando entre 9 e 16 respostas

válidas. As categorias de tamanho pequeno são aquelas que possuem respostas válidas iguais ou menores do que 8 e as de tamanho grande, maior ou igual a 17.

Quanto aos atributos da categoria religião gerados pelos participantes, estes foram analisados com o auxílio do software Iramuteq para sistematizar a lematização das palavras, uma vez que esse recurso possibilita o agrupamento das palavras de mesma origem (verbo, substantivo, advérbio) dentro de uma mesma palavra, otimizando processos de análise. Foram gerados 249 diferentes atributos, sendo os mais frequentes “fé” ($f=96$), “deus” ($f=58$), “crença” ($f=52$), “amor” ($f=46$), “paz” ($f=32$), “esperança” ($f=25$), “caridade” ($f=22$), “vida” ($f=20$), “união” ($f=19$), “espiritualidade” ($f=19$), “dogma” ($f=19$), “igreja” ($f=18$) e “acreditar” ($f=18$).

Os resultados descritivos dos atributos e da associação livre estão no Apêndice C ao final dessa tese.

Discussão

A técnica nuvem de palavras permitiu identificar de maneira visual a proporção relativa entre as palavras associadas. Foi possível verificar por meio dessa análise que a palavra “deus” aparece no centro proporcionalmente maior do que as outras. A seguir, foi possível ver que as palavras “fé” e “crença” aparecem, respectivamente, maior do que as outras. Essas são as três palavras mais frequentes no conjunto também. Por meio dessa técnica é possível verificar que a representação semântica leiga de religião, pelo menos em termos de frequência absoluta, parece se assemelhar com a definição do antropólogo inglês Edward Tylor proposta no século XIX, que procurou o denominador comum, a definição mínima de religião seria a “crença em seres espirituais” (Schilbrack & Cruz, 2022). É igualmente interessante notar que mesmo propostas mais hodiernas ligadas à Psicologia Evolucionista e Cognitiva, subsidiadas pela Ciência

Cognitiva e Evolutiva da Religião, ainda propõem que a definição de religião seria algo como “crença em seres contra-intuitivos” (Franek, 2014).

A análise ora descrita, embora bastante útil, se restringe à frequência absoluta e não permite comparar especificidades entre os grupos. Nesse sentido, destaca-se a visão negativa que o grupo sem expertise religiosa possui, uma vez que houve maior destaque à palavra “controle”, contrastando à segunda mais evocada ao grupo com expertise religiosa (“amor”).

Kaden e colaboradores (2018) realizaram uma pesquisa qualitativa de maneira a melhor compreender melhor o papel da expertise na representação de religião e ciência. Os autores foram capazes de identificar cinco dimensões que diferenciam a expertise dos entre os grupos: a reinterpretação dos termos profissionais, a negligência de partes importantes dos sistemas de conhecimento, adição de conhecimento, uma menor atribuição de relevância e um enquadramento ético pessoal. Essas categorias emergiram a partir das respostas dos participantes em que estes reinterpretavam (dimensão da reinterpretação) a teoria da evolução enquanto um design inteligente, ignorando questões centrais da teoria da evolução darwiniana (dimensão da negligência) como registros fósseis, adicionando conhecimento (outro domínio) relacionado ao sistema de crença religioso para explicar os motivos das espécies serem do jeito que eram, de maneira a manter sua própria coerência em termos de sistema de crenças (Kaden et al., 2018).

Sobre as diferenças representacionais relativas à orientação sexual, nota-se que “controle” foi identificado para o grupo identificado como homossexual, ao passo que “amor” para o grupo heterossexual e “dogma” para o grupo não listado. Esse dado que traz uma representação negativa sobre religião para a comunidade não-heterossexual é condizente com a literatura internacional que aponta que minorias sexuais de comunidades cristãs australianas são vistos

como ameaças morais à comunidade e sujeitos a descaracterização pessoal, sofrendo distanciamento social, trauma psicológico e efeitos sociais adversos (Hollier et al., 2022).

Os resultados encontrados em termos das diferenças representacionais entre os gêneros, em que o grupo identificado como masculino teve as palavras mais associadas “dogma” e “controle” ao passo que o grupo feminino “deus” e “crença”, dados estes condizentes com a literatura que apontam diferenças relacionadas ao gênero (*gender gap*), em que mulheres são mais religiosas e menos dogmáticas (Schnabel, 2018).

Quanto à análise de similitude, ficou evidente que apenas elementos ligados à crença foram destacados. Não foram verificadas palavras ligados ao componente ritual da religião. O sociólogo francês Émile Durkheim sugeriu que religião seria um sistema solidário de crenças e práticas relativas às coisas sagradas (Durkheim, 1996). Nesse ponto, verifica-se a distinção representacional entre as categorias êmica, ou seja, aquela visão dos participantes de um determinado grupo, e ética, aquelas utilizadas pelos acadêmicos (Stern & Costa, 2017). Quanto esta diferença, Saler (1993) discute que muito antes de o pesquisador entrar em contato com o objeto de seu estudo, ele carrega uma série de vieses de pesquisa, o que consiste no caráter ético supracitado, e isso pode fazer com que sua análise seja limitada quanto ao significado êmico. Portanto, compete ao pesquisador, reconhecer as suas próprias limitações epistemológicas para diminuir os próprios vieses de pesquisa.

Os resultados encontrados na pesquisa demonstram que para a representação da categoria religião, sobressai o aspecto da crença e não o ritualístico. Nesse ponto é importante sublinhar o desenvolvimento cultural do conceito ao longo do tempo, pois, o termo religião originalmente designava práticas devocionais (Schilbrack & Cruz, 2022).

No que concerne a este achado, é importante caracterizar o Brasil tanto em termos demográficos quanto antropológicos. No último censo realizado, o país era composto majoritariamente por população cristã (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010). Esse dado demográfico prevalente desde o Império até os dias atuais (Oliveira, 2003) fez com que fosse sugerido um modelo ideal de identidade religiosa brasileira denominado “religiosidade mínima brasileira” (Droogers, 1987), no qual os brasileiros, embora não se identifiquem com determinada religião, seja pelo sincretismo cultural ou pelo esvanecimento das fronteiras das esferas pública-privada tenham certas características religiosas semelhantes.

Em termos das análises de associação semântica, verificou-se que “Religião” possui um tamanho de conjunto de 10, o que a enquadra como uma categoria de tamanho médio. O tamanho da categoria varia em função da produção de diferentes exemplos para a mesma. É possível que a “religiosidade mínima brasileira” seja uma das responsáveis para esse tamanho do conjunto.

O exemplo mais fortemente associado à categoria foi Católico Apostólico Romano. No último censo de 2010, os católicos 64,6% e evangélicos, 22,2%, os espíritas 2%, as testemunhas de Jeová 0,7%, os de matriz afro-brasileiro, como Candomblé e Umbanda 0,3%, os budistas eram 0,15% e os judeus, 0,07% (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010). Em 1872, época do primeiro recenseamento populacional, 99,7% da população era identificada como Católicos Apostólicos Romanos ao passo que em 2010 esse conjunto diminuiu para 64,4% (Mariano, 2013). É de se esperar, portanto, que quase metade dos participantes dessa pesquisa tenha produzido Católico Apostólico Romano como primeiro exemplo categorial. A produção dos exemplos da categoria na tarefa pareceu estar alinhada com a demografia religiosa brasileira, a exceção, talvez do Protestantismo.

É importante notar que, apesar de o perfil religioso dos participantes ser representado por 58 católicos, a frequência de produção da associada “Católico Apostólico Romano” foi consideravelmente superior aos outros exemplos da categoria, o que sugere a importância desse exemplo para a categoria na representação semântica em nosso país, apesar da identidade religiosa.

No que se refere aos atributos gerados, é possível verificar que novamente os componentes ligados a crença foram os mais citados, sendo que “fé”, “deus” e “crença” apareceram nas primeiras posições como características mais prevalentes. Esse achado ressalta o que foi discutido anteriormente sobre a representação da categoria religião ter uma vinculação menor do componente ritualístico quando comparado com o de crença.

Considerações finais

Este estudo exploratório teve como finalidade identificar as representações semânticas para a palavra Religião por meio de uma série de procedimentos psicológicos. Verificou-se que a representação religiosa da amostra estudada parece designar mais o aspecto das crenças do que dos rituais. Esse viés relativo à parte da crença também pode fazer com que estudiosos da religião enviem as pesquisas sobre seu objeto e estudem excessivamente este aspecto em detrimento de outros, tais como rituais, identidade ou comunidade.

Nesse estudo foram identificados os exemplos mais citados da categoria e foi possível verificar que, até certa medida, estes estão alinhados com a identidade religiosa brasileira em termos de distribuição demográfica.

Não apenas pesquisadores ligados à psicologia cognitiva experimental podem encontrar utilidade nesse estudo, mas também aqueles interessados no estudo das representações sociais, da

Ciência da Religião e Teologia, mas também educadores e leigos que se interessam sobre a constituição de uma palavra central na constituição da cultura brasileira (Droogers, 1987).

Os resultados encontrados nesse estudo também nos permitem concluir que uma concepção clássica, essencialista dos conceitos, que assume que existe um ou alguns atributos necessários e suficientes para definir um conceito, não pode ser aplicada para “Religião” considerado uma perspectivaêmica tendo em vista que não foram encontrados atributos que foram gerados por todos os participantes. Foram sim encontrados atributos mais frequentes, mais acessíveis na memória, e mais vinculados à categoria, mas nenhum foi elencado por todos os participantes, o que descaracteriza a visão clássica dos conceitos (Lomônaco, 1997; Murphy, 2002).

É importante destacar que os resultados encontrados possuem uma limitação quanto a sua generalização em função de sua amostra. A nossa maneira de pensar, incluindo a maneira como categorizamos, é fortemente influenciada pelo nosso sistema cultural, educacional e histórico. Em um seminal artigo, Henrich e colaboradores (2010) evidenciaram que 96% das pesquisas conduzidas na área da Psicologia Social tinham como amostras participantes Ocidentais (*WESTERN*), com alto grau de escolarização (*EDUCATED*), Industrializados (*INDUSTRIALIZED*), Ricos (*RICH*) e que vivem em regimes Democráticos (*DEMOCRATIC*), acrônimo para *WEIRD* (Henrich et al., 2010) – palavra inglesa que pode ser traduzida como esquisito, estranho e que comumente é usada de maneira jocosa ou pejorativa. Esse resultado sugere um enviesamento amostral que se traduz em limitações quanto as generalizações dos resultados. Nesse sentido, o presente estudo tentou contemplar participantes com distintas características identitárias (regiões do Brasil, idades, gêneros, condições socioeconômicas e identidades religiosa), de maneira a dirimir esse efeito de enviesamento amostral. No entanto, a

coleta ainda foi realizada com participantes com alto nível de escolarização, pois se tratavam de estudantes universitários. Sugere-se que novas normas sejam coletadas para melhor compreender as representações que fujam a esse perfil, conforme sugerido e realizado por May e Ficham (2018).

A partir dos resultados desse trabalho, sugerimos que pesquisadores controlem a expertise religiosa, pois ao que parece, a representação semântica da categoria parece variar a depender do nível e expertise. Além do mais, sugere-se que pesquisadores ligados à área do desenvolvimento humano pesquisem as representações infanto-juvenis relacionados à religião para verificar quando e sob quais condições essas percepções positivas ou negativas se consolidam. Também, é importante destacar que as limitações amostrais dessa pesquisa incluem uma amostra com poucos participantes de amostras não-WEIRD (Henrich et al., 2010), ou seja, que são pessoas com alto nível de escolarização, urbanas, ocidentais e vivem sob regimes democráticos. Aponta-se para a necessidade de variação de amostras visando dirimir esse viés amostral, contemplando outras identidades.

Estudo 2 – Uma investigação sobre os efeitos da disponibilidade esquemática, a expertise e a múltipla pertença religiosa em julgamentos de tipicidade e similaridade: A acessibilidade conceitual como hipótese explicativa para esses julgamentos

Resumo

Até a década de 1990, os julgamentos de tipicidade eram interpretados fundamentados na heurística da representatividade. No entanto, um conjunto de evidências sugere que esses deveriam ser reinterpretados pela hipótese da acessibilidade conceitual, uma extensão da heurística de disponibilidade para os problemas de representação categorial. Os julgamentos de similaridade também são interpretados até hoje pela heurística da representatividade. O presente estudo objetivou investigar, por meio da categoria religião, se a hipótese de acessibilidade conceitual poderia se aplicar aos julgamentos de similaridade e também analisar os efeitos a disponibilidade esquemática, a expertise e a pertença religiosa nas duas classes de julgamentos. Participaram desse estudo 126 brasileiros universitários que julgaram os atributos e exemplos normatizados da categoria religião. Verificou-se que a hipótese da acessibilidade conceitual pode explicar os julgamentos de tipicidade e de similaridade. Não foi encontrado nenhum efeito da expertise nem da disponibilidade esquemática religiosa. Foi encontrado que participantes com múltipla pertença religiosa possuem um padrão diferente do que aqueles com única nessas julgamentos. Esses resultados apontam o efeito da possível flexibilidade cognitiva sobre em função da identidade religiosa.

Palavras-chaves: Religião; Similaridade; Acessibilidade conceitual; Esquema

Julgamentos fazem parte dos processos cognitivos básicos e estão associados com diversas atividades diárias. Rachlin (1989) sugeriu que os julgamentos seriam uma espécie de métrica mental para se avaliar algo, como quando estimamos a altura de um edifício. Ao longo do tempo, cientistas do comportamento identificaram diversos tipos de julgamento, como os de similaridade (Galesic et al., 2018; Tversky, 1977) e de tipicidade (Janczura & Nelson, 1999, 2006a).

Julgamentos de similaridade são julgamentos que avaliam a proximidade entre dois objetos e se relacionam à uma série de tarefas cognitivas corriqueiras (Finlay & Starmans, 2022), quando formamos categorias (Sanders & Nosofsky, 2020), ou quando compreendemos as metáforas (Glucksberg & Keysar, 1990), mas também possuem aplicação direta em tradução por máquina (Sun et al., 2022) e linguística computacional, inclusive para o Português Brasileiro (Fialho et al., 2020).

Até por volta da década de 1970, a compreensão sobre tais julgamentos era que estes operavam de maneira simétrica, ou seja, de que as distâncias percebidas entre os dois elementos eram equivalentes. No entanto, em um artigo seminal, Tversky (1977) examinou uma série de categorias, tais como países, figuras geométricas e letras e sugeriu que nem todas as categorias são corretamente representadas por um modelo simétrico. A partir disso, ele formulou seu modelo de assimetria das relações em julgamentos de similaridade para poder explicar os resultados encontrados que dependiam de características qualitativas.

Essa classe de julgamentos pode ser representada em formato de sentença, tal como “a é como b”. No antigo modelo de representação de similaridade que assume relações simétricas, haveria um equacionamento “b é como a”. No modelo proposto por Tversky (1977), essa simetria não corresponde à maneira que usualmente fazemos nossos julgamentos, considerando certa

tendência de selecionar o elemento mais saliente como referente e o menos como sujeito da frase. Uma sentença ilustrativa ajuda a compreender a questão: “o filho é similar ao pai”. No modelo das representações simétricas essa sentença seria equivalente a “o pai é similar ao filho”. No entanto, tanto em nosso discurso corriqueiro quanto nos resultados de pesquisa de Tversky (1977) ficou evidente a preferência pelo uso do termo mais saliente – pai nesse caso – na seleção da sentença.

O termo mais saliente, nesse sentido, pode ser equacionado à representatividade (Gavanski & Roskos-Ewoldsen, 1991). Esta se refere à heurística da representatividade, que assume que quando as pessoas julgam a probabilidade de um evento, elas comparam as características essenciais do evento (ou membro) específico com aquelas da categoria no qual ele pertence (Tversky & Kahneman, 1974). Nesse sentido, para que um membro seja categorizado, ele “é avaliado segundo o grau em que é representativo de, ou similar ao estereótipo” (Kahneman, 2012, p. 525). Portanto, a teoria da assimetria de similaridade assume que a representatividade de um determinado exemplo de uma categoria possui um papel importante na atividade decisória (Tversky, 1977).

Ao realizar o julgamento de similaridade, as pessoas consideram um conjunto específico e relevante de características para a realização dessa operação mental. Ao interpretar a sentença “o filho é similar ao pai”, é possível que informações das mais variadas como idade, altura, sexo, personalidade sejam levados em consideração. Nesse sentido, é importante compreender quais informações estão sendo consideradas no momento de realização do julgamento.

Para além das informações intracategoriais, um conjunto de evidências demonstraram que tais julgamentos não tratam apenas da relação entre dois elementos, mas dessa em um contexto específico (Duran et al., 2015; Shipman & Boster, 2008; Sun et al., 2022; Yearsley et al., 2021).

Esse efeito do contexto sobre os julgamentos de similaridade foi chamado por Tversky (1977) de efeito de diagnosticidade (*diagnosticity*). Em um estudo seminal sobre o efeito do contexto sobre tais julgamentos, Sjöberg (1972) demonstrou que a similaridade de um falcão comparado com uma galinha aumentava quando o conjunto de itens – composto majoritariamente por pássaros – tinha um item categórico diferente, como marimbondo, ao invés de pardal. Isso demonstra que o participante não julga os itens separadamente, mas sim a partir do contexto do experimento que está envolvido, construindo uma coerência conceitual para os julgamentos (Medin et al., 1990; Murphy & Medin, 1985).

De acordo com a teoria da assimetria proposta por Tversky (1977), os julgamentos de similaridade são compostos por dois componentes, um relacionado ao efeito contextual (diagnosticidade) e outro relativo a quanto uma determinada característica é estável em diferentes contextos, o que ele definiu como efeito de intensidade.

De acordo com a teoria de assimetria de Tversky (1977), a heurística de representatividade seria a estratégia cognitiva utilizada nos julgamentos de similaridade. Até a década de 1990, esta mesma heurística também se estendia para os julgamentos de tipicidade. No entanto, Janczura e Nelson (1999) conduziram um estudo sobre rimas e apresentaram uma nova interpretação sobre julgamentos de tipicidade.

A hipótese formulada por Janczura e Nelson (1999), que ficou conhecida como hipótese da acessibilidade conceitual, assume que os efeitos de tipicidade refletem a acessibilidade dos exemplos na memória e que essa acessibilidade seria determinada pela aprendizagem prévia ou recente da categoria/membros. Aqueles membros que são mais frequentemente encontrados estariam mais vinculados às suas categorias e estariam mais acessíveis na memória, o que os tornariam mais típicos. Nesse sentido, a proposição deles é que a heurística utilizada não deveria

ser a representatividade, mas sim a da disponibilidade, que consiste em uma estratégia de julgamento em que as pessoas estimam a frequência de determinados exemplos pela facilidade com que estes podem ser trazidos à mente.

Em outro estudo posterior, Janczura e Nelson (2006) utilizaram normas de associação semântica para investigar os julgamentos de tipicidade. Os autores encontraram que tais julgamentos variaram sistematicamente em função da acessibilidade conceitual, ou seja, aqueles membros com maiores níveis de força de associação com suas respectivas categorias foram reconhecidos como mais típicos de suas categorias.

A acessibilidade conceitual assume que os membros mais acessíveis na memória são considerados os melhores representantes de suas categorias, uma vez que houve mais contato com os mesmos ao longo do tempo. Nesse sentido, parece ser lógico esperar uma diferença entre experts e novatos (Lanseng & Sivertsen, 2019)? Ou ainda uma diferença entre alguém cuja categoria é central na vida para outro que é periférico, como quando se compara a percepção do que é comida do que não é (Feroni & Rumiati, 2017).

Nesse sentido, a teoria dos esquemas pode ajudar a explicar ambas questões. Um esquema pode ser definido como uma estrutura mental ativa organizada do conhecimento armazenado na memória que provê contexto para o aprendizado e interpretação, passível de ser modificada (Ost et al., 2022).

A teoria dos esquemas propõe que a representação está organizada em dimensões (*slots*) e dentro dessas existem valores (*fillers*) (Rumelhart & Ortony, 2014). Os primeiros possuem restrições em relação ao que pode ser compreendido dentro daquela dimensão específica. Uma dimensão relativa à cor apenas possui valores relacionados às cores e não ao tamanho ou forma. As informações das dimensões são consideradas competidoras entre si, portanto, nem todas são

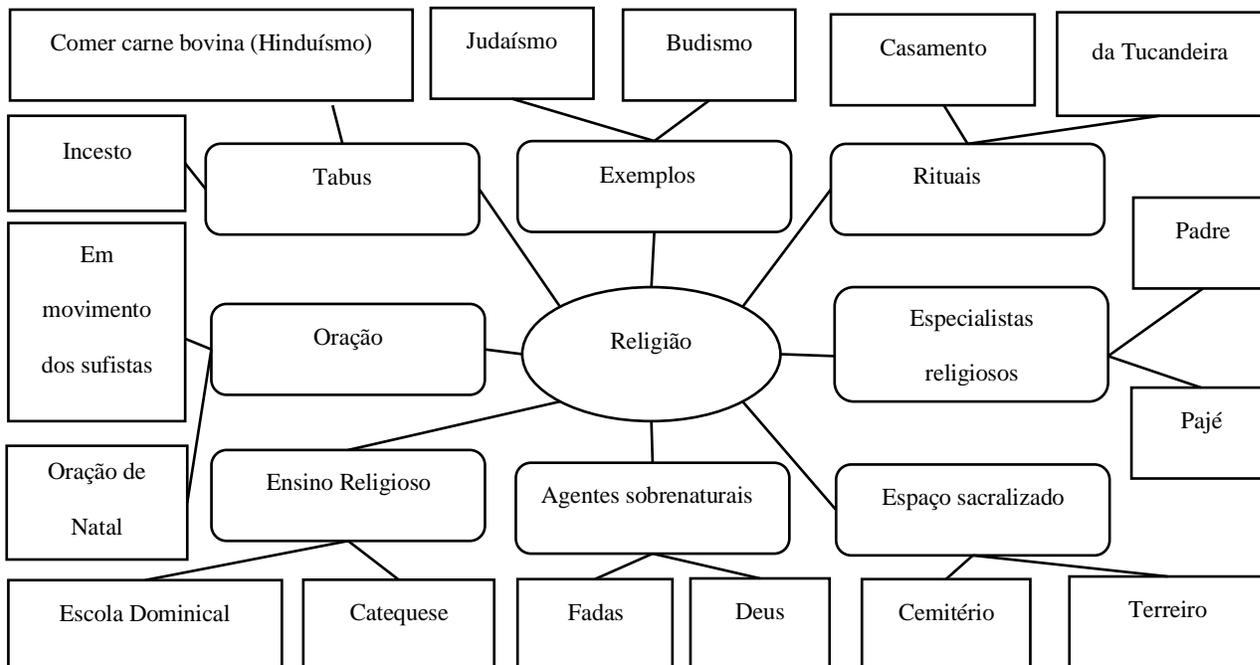
consideradas igualmente boas representantes (Markman, 2002). Desenvolvemos esquemas para as mais variadas funções e finalidades, tais como para sabermos como pedir um algo em restaurante e quais normas sociais devemos seguir (Bicchieri & McNally, 2018).

Dentre as inúmeras possibilidades de esquemas possíveis de serem investigados quanto aos objetivos de analisar os julgamentos discutidos previamente, o de “Religião” parece apropriado pelas seguintes razões. Ele permite separar indivíduos especialistas de não especialistas. Também é possível compreender as diferentes gradações em termos de quanto a religião é importante, central na vida de determinada pessoa. Igualmente foi possível mapear, em estudo anterior (vide Estudo 1 – Representação semântica da palavra religião em Português Brasileiro por meio de coleta de normas) duas dimensões (exemplos e atributos) bem como o quanto as informações são consideradas boas representantes dessas dimensões. Ademais, é vastamente documentada a influência da religiosidade/espiritualidade sobre o processamento de informações (Cresswell & Rivas, 2016; Dennin et al., 2022; Grafman et al., 2020; Richert & Corriveau, 2022). Nesse sentido, uma investigação sobre os julgamentos listados que tem como objeto “Religião” parece justificar-se.

De maneira a ilustrar essa questão, propõe-se um hipotético esquema de religião, cujas dimensões foram sugeridas pelo antropólogo estadunidense Benson Saler (2008), acrescidos de valores de distintos sistemas simbólicos.

Figura 5

Um possível esquema de religião cujas dimensões se baseiam nos estudos de Saler (2008)



Um dos primeiros trabalhos experimentais a investigar religião na linha da teoria dos esquemas foi realizado por Lau (1989). Segundo a autora, o efeito do esquema sobre o processamento de informações é altamente dependente de sua disponibilidade. Ela realizou sua pesquisa investigando as diferenças entre universitários estadunidenses e chineses crentes e não crentes com baixa e alta religiosidade e sugeriu que a heurística de disponibilidade poderia ser responsável pelos efeitos encontrados em sua pesquisa e cunhou o termo disponibilidade esquemática. De acordo com Lau (1989, p.142), “o esquema representa uma dimensão muito mais central e significativa no sistema cognitivo dos crentes”.

Desde a década de 1990, inúmeras pesquisas utilizaram a teoria dos esquemas para melhor compreender o conceito de religião (Edgell & Hull, 2017; Kindermann & Riegel, 2018;

Koenig, 1995; McIntosh, 1995; R. F. Paloutzian & Smith, 1995; Streib et al., 2010; Taves et al., 2018).

Conforme apresentado, tomar religião como um objeto de estudo permite verificar em que medida a heurística de disponibilidade – quando aplicada a representação conceitual – se estende aos julgamentos. Lau (1989) argumentou que o efeito do esquema sobre o processamento de informações é altamente dependente de sua disponibilidade, portanto, pessoas cuja religião é mais importante e central em suas vidas, teriam uma representação esquemática religiosa diferente, o que justifica os resultados em sua pesquisa. Mas por ser um conceito familiar, importante, experienciado com frequência, o julgamento não deveria ocorrer baseado na acessibilidade/disponibilidade da informação na memória ao invés da representatividade?

Diversas medidas foram propostas para medir o nível de religiosidade/espiritualidade ao longo do tempo (Hall et al., 2008). Em 2020, foi realizada uma revisão sistemática que mapeou os instrumentos disponíveis em nosso país que avaliavam a espiritualidade e religiosidade (Forti et al., 2020). Nota-se que o instrumento mais antigo do país foi validado em 2004 e a grande maioria a partir de 2010. Nenhum instrumento era específico para os esquemas religiosos, apesar de haver em nível internacional um instrumento denominado *Religious Schema Scale* (Streib et al., 2010), este ainda não foi traduzido, adaptado ou validado para utilização no país.

A Escala de Centralidade Religiosa (Huber & Huber, 2012), validada no Brasil (Esperandio et al., 2019), é um instrumento psicométrico capaz de mensurar a saliência dos significados religiosos na personalidade. Nesse sentido, está alinhada com a perspectiva da disponibilidade esquemática religiosa de Lau (1989), quando esta assume que o esquema representa uma dimensão muito mais central e significativa no sistema cognitivo dos crentes. Esta escala é capaz de categorizar os respondentes em três grupos, de acordo com seu escore: não

religioso, religioso e altamente religioso. De acordo com o estudo de Esperandio e colaboradores (2019) encontrou-se que a população brasileira é “altamente religiosa”. Esta classificação permite identificar participantes que, apesar de se identificarem como pertencentes a determinados grupos religiosos, não têm a religião como central em suas vidas. De acordo Huber e Klein (Huber & Klein, 2009), a estrutura básica da escala é definida a partir de cinco fatores: parte intelectual, a ideológica, a prática pública, prática privada, e a experiência religiosa. A dimensão intelectual se refere ao conhecimento teórico da religião, ao passo que a dimensão ideológica trata das crenças em agentes sobrenaturais. A prática pública se refere ao vínculo estabelecido com uma comunidade institucionalizada e à prática privada, se referem às atividades e rituais exercidos em âmbito doméstico individual. A dimensão da experiência religiosa se refere à experiência de conexão à uma realidade última.

A mensuração dessas dimensões é capaz de diferenciar a centralidade e o conteúdo da religiosidade. O conceito de religiosidade por eles utilizado revela a saliência, a importância desse aspecto na vida de uma pessoa (Huber & Klein, 2009). Em pelo menos dois outros estudos tal escala foi utilizada como instrumento tendo como base a teoria dos esquemas (Kindermann & Riegel, 2018; Lühr et al., 2018).

Presente estudo

Janczura e Nelson (1999, 2006) demonstraram que os julgamentos de tipicidade dos membros de categorias conhecidas são influenciados pela força associativa, de maneira que é esperado que membros mais fortemente associados à sua categoria sejam julgados como melhores exemplos do que os menos acessíveis. Adicionalmente, a hipótese da acessibilidade conceitual teorizada pelos referidos prevê que os julgamentos de tipicidade deveriam ser reinterpretados como indicadores de acessibilidade conceitual para categorias conhecidas, mas

não para desconhecidas, pois não houve oportunidade da acessibilidade se desenvolver. Nesse sentido, a hipótese dos autores assume que as únicas diferenças a serem observadas em julgamentos de tipicidade variam em função das categorias serem ou não conhecidas sem, no entanto, observar algumas outras variáveis típicas que são características das categorias, tais como diferenças representacionais em função da importância que as categorias têm para as pessoas ou pela sua natureza ontológica (categorias naturais, abstratas, ad hoc, por exemplo).

Nesse sentido, propõe-se um experimento metodologicamente semelhante ao de Janczura e Nelson (2006) em que os autores investigaram os julgamentos de atributos de uma série de categorias e de tipicidade com níveis diferentes de força associativa. No entanto, foram investigados outros fatores que influenciam o processamento de informação religiosa, quais sejam, a disponibilidade esquemática, a pertença religiosa e a expertise.

Adicionalmente, foi investigada em que medida a força associativa dos membros à categoria poderia explicar os julgamentos de similaridade em outro experimento. Em uma pesquisa acerca de julgamentos de similaridade, Tversky e Kahneman (1974) demonstrou que, ao avaliar pares de exemplos em sentenças, participantes tendem a julgar aqueles exemplos mais proeminentes, salientes, na segunda posição em função da assimetria dos julgamentos de similaridade. O mesmo autor também encontrou este padrão de julgamento quando solicitou aos participantes para quantificarem seus julgamentos de dessemelhança entre os pares. Estes efeitos foram replicados ao longo do tempo (Galesic et al., 2018; Yearsley et al., 2021). Não está claro, no entanto, se esses resultados podem ser justificados a partir das frequências dos exemplos armazenados na memória de longo prazo, o que poderia ser investigado por meio da força associativa, ou seja, seria possível que a hipótese da acessibilidade conceitual também poderia explicar o julgamento de similaridade?

Em função das questões acima arroladas, o objetivo dos dois experimentos desenvolvidos foi investigar se julgamentos de ocorrência de eventos, de tipicidade e de similaridade em uma amostra de brasileiros é dependente da disponibilidade esquemática, da pertença religiosa, da expertise e da força associativa dos membros da categoria religião.

Face a este objetivo, quatro predições foram feitas. Primeiramente, no que concerne à disponibilidade esquemática religiosa, alinhado com estudos anteriores que evidenciaram que maiores níveis dessa variável implicam em maior centralidade/relevância desse em suas vidas afetando o processamento de informação religiosa (Lau, 1989; McIntosh, 1995; Rotolo, 2020; Tran & Nguyen, 2022), espera-se que participantes para quem a religião tenha maior centralidade, os escores nos experimentos sejam maiores do que aqueles participantes cuja religião seja mais periférica.

Em relação à força associativa, Janczura e Nelson (1999; 2006) demonstraram que em julgamentos de tipicidade, é esperado que membros mais fortemente associados à sua categoria sejam julgados como melhores exemplos do que os menos acessíveis. Tversky e Kahneman (1974), por sua vez, demonstrou que em julgamentos de similaridade são afetados por assimetrias relativas à proeminência de membros categóricos. No entanto, não existem evidências se essa proeminência pode ser um efeito da acessibilidade conceitual. Hipotetiza-se que esses julgamentos de similaridade sejam, assim como os de tipicidade os são, baseados na acessibilidade conceitual, o que estenderá a teoria formulada por Janczura e Nelson (1999; 2006) para uma nova classe de julgamentos.

No que concerne à pertença religiosa, é esperado que participantes que pertençam a mais de uma religião apresentem maiores escores em julgamentos que envolvam similaridade e tipicidade, considerando pesquisas anteriores em que foi encontrado que participantes com

múltipla pertença tendem a ver mais as similaridades que as diferenças entre as religiões (Berghuijs, 2017; Berghuijs et al., 2018).

Sobre a expertise, espera-se que participantes autodeclarados experts possuam maiores escores nos julgamentos do que os não experts em função da mudança estrutural que ocorre com a experiência, o que está alinhado com a literatura sobre expertise religiosa (Hartikainen, 2019; Lanseng & Sivertsen, 2019; Villani et al., 2021).

Considerações éticas

A presente pesquisa seguiu as prerrogativas do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Brasília, que por sua vez está de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde, nº 510 de 2016, estipulada pelo Ministério da Saúde. O número do CAAE do projeto é 69005422.0.0000.5540.

A participação de todos os participantes envolvidos foi voluntária, livre de qualquer benefício econômico e anônima. Os participantes consentiram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), qual estava eletronicamente vinculado à pesquisa.

Experimento 1 – Julgamentos de ocorrência de eventos e de tipicidade

Método

Participantes

Foi calculado antecipadamente à coleta uma análise de poder por meio do Gpower versão 3.1 (Mayr et al., 2017) com os parâmetros ajustados $\alpha=0.05$, poder de 0.8 e tamanho de efeito 0,5. O tamanho amostral recomendado foi de 102 participantes. 197 participantes iniciaram a pesquisa. Foram excluídos casos em que os respondentes abandonaram a pesquisa.

A amostra final foi composta 126 por adultos selecionados por conveniência em uma população universitária em uma IES privada na região Sudeste na condição de voluntários. Foi recalculado o poder a partir da amostra final e ele resultou em 0.94.

A idade média dos participantes foi de 30,6 anos (DP=13,5) e 92 (73,6%) participantes da amostra se identificaram como mulheres. No que se refere a orientação sexual, 2 (1,6%) dos participantes se identificaram como assexuais, 19 (15,1%) como bissexuais, 92 (73%) como heterossexuais, 8 (6,3%) como homossexuais e 5 (4%) como panssexuais.

Em termos de raça, 84 participantes (66,7%) se identificam como brancos, 23 (18,3%) como pardos, 11 (8,7%) como pretos, 7 (5,6%) como amarelos). Sobre a condição financeira, 18 participantes (14,3 %) relataram que ganham até de 2 salários mínimos, 38 (30,2%) entre 2 e 4 salários, 39 (31%) entre 4 e 10 salários, 24 (19%) entre 10 e 20 salários e 7 (5,6%) relataram que ganham acima de 20 salários.

Em termos de expertise religiosa, definido aqui como qualquer resposta positiva relacionado a pregação religiosa, ao ensino religioso ou a formação religiosa formal, 91 (72,2%) da amostra declarou ter algum nível de expertise religiosa.

Em termos da pertença religiosa, 97 (77%) participantes da amostra declararam pertencer a somente uma religião. Nota-se que 23% dos participantes da amostra declararam pertencer a mais de uma religião e tal foi evidenciado em todos os níveis de centralidade religiosa, mas com maior proporção entre o grupo religioso do que o altamente religioso ou o não religioso. A partir disso, sugere-se que o fenômeno da múltipla pertença está presente em diferentes níveis de centralidade. As relações entre pertença e centralidade religiosa podem ser visualizados na Tabela 3. Os participantes ateus foram classificados como não religiosos ($n=9$) ou religiosos ($n=9$) no que concerne à centralidade. Excetuando um único caso em que um participante se identificou

como Ateu e Agnóstico, todos foram classificados como única pertença. Esse resultado aparentemente contraintuitivo sobre os ateus classificados como religiosos pode ser justificado pelo interesse na temática religiosa por esses participantes, o que é abordado pelo instrumento classificatório utilizado, a Escala de Centralidade Religiosa (Esperandio et al., 2019).

Tabela 3

Relação entre centralidade e pertença religiosa.

centralidade_religiosa	pertenca_religiosa	Contagens	% do Total
Altamente	múltipla	8	6.3 %
	única	39	31.0 %
não_religioso	múltipla	4	3.2 %
	única	18	14.3 %
Religioso	múltipla	17	13.5 %
	única	40	31.7 %

No que se refere à identidade religiosa, a Tabela 4 sumariza tal informação sobre os participantes, com dois especiais destaques, a proporção alta de participantes Espíritas Kardecistas (25.4%) e a baixa de matriz protestante (2.4%).

Tabela 4

Frequência de pertença religiosa

Identidade Religiosa	Contagens	% do Total
Nenhuma listada	2	1.6 %
Agnóstica	5	4.0 %

Identidade Religiosa	Contagens	% do Total
Ateu	17	13.5 %
Budista	7	5.6 %
Candomblé	16	12.7 %
Católica Apostólica Romana	16	12.7 %
Espirita Kardecista	32	25.4 %
Espiritualista	17	13.5 %
Indígena	2	1.6 %
Islã	1	0.8 %
Protestante	3	2.4 %
Umbanda	8	6.3 %

Delineamento

Na Tarefa 1 foi realizado um experimento com delineamento fatorial misto $3 \times 3 \times 2 \times 2$. Como variáveis independentes foram manipuladas a força associativa dos atributos (baixa, média e alta), a disponibilidade esquemática (não-religioso, religioso e altamente religioso), a pertença religiosa (única ou múltipla) e expertise (com ou sem). Como variável dependente, foi mensurada a probabilidade entre 0 e 100% de cada exemplo de religião possuir cada um dos atributos listados na Tabela 5 abaixo.

Na Tarefa 2 foi realizado um experimento com delineamento fatorial misto $3 \times 2 \times 2 \times 2$. Como variáveis independentes foram manipuladas a disponibilidade esquemática (não-religioso, religioso e altamente religioso), a pertença religiosa (única ou múltipla), expertise (com ou sem) e a força associativa dos exemplos de religião (alta e baixa). Como variável dependente, foi

mensurada a tipicidade dos membros da categoria religião a partir de uma escala tipo Likert de 7 pontos, em que 1 significa pouco representativo e 7 um exemplo muito representativo

Materiais e instrumentos

Foram selecionados como estímulos 12 atributos gerados em um estudo prévio que procurou normatizar a categoria religião – descrito nessa mesma tese. Os 259 atributos gerados no estudo mencionado foram classificados em quartis em função de sua frequência (força associativa). O primeiro e segundo quartil tiveram como frequência absoluta de resposta 2. Face a tal resultado, os dois quartis foram tratados como um grupo apenas. Isso permitiu criar uma divisão em três níveis, um com baixa frequência (frequência = 2), uma média (frequência 3, 4 ou 5) e alta (acima de 5).

Destarte, foram selecionados quatro atributos de cada quartil que seguem listados na Tabela 5 abaixo. Foram selecionados de maneira aleatória doze atributos no total, quatro para cada nível.

Tabela 5

Distribuição dos atributos em termos de frequência.

Frequência	Atributos
Baixa	Felicidade
	Autoridade
	Preenchimento
	Obrigação
Média	Sabedoria
	Ética

	Cuidado
	Rigidez
Alta	Amor
	Mentira
	Compromisso
	Paz

Também foram selecionados como estímulos do estudo de normas os exemplos da categoria religião. Optou-se pelos segundos associados ao invés do convencional primeiro de maneira a dirimir possíveis efeitos da identidade religiosa sobre a primeira associada. Foram escolhidos 6 exemplos para compor o experimento, sendo os três com maior força associativa (Evangélico, Espiritismo Kardecista e Católico Apostólico Romano) e três com menor (Umbanda, Budismo e Hinduísmo). As respectivas forças de associação são: Evangélico (0,22), Espiritismo Kardecista (0,21), Católico Apostólico Romano (0,21), Umbanda (0,06), Budismo (0,04) e Hinduísmo (0,03).

Ademais, também foi utilizado com instrumento a Escala de Centralidade Religiosa (Esperandio et al., 2019) em sua versão de dez itens, pelo melhor ajuste psicométrico. Esta escala mensura a centralidade religiosa, ou seja, a importância dos significados religiosos na vivência religiosa do indivíduo a partir de um escore de 5 pontos. Ela é dividida em cinco fatores: prática pública, prática privada, parte intelectual, ideológica e experiência religiosa. A dimensão intelectual se refere ao conhecimento teórico da religião, ao passo que a dimensão ideológica trata das crenças em agentes sobrenaturais. A prática pública se refere ao vínculo estabelecido com uma comunidade institucionalizada e à prática privada, se referem às atividades e rituais

exercidos em âmbito doméstico individual. A dimensão da experiência religiosa se refere à experiência de conexão à uma realidade última. A escala classifica os respondentes em três grupos, de acordo com seu escore: 1.0 a 2.0 como não religioso; 2.1 até 3.9 como religioso e 4.0 até 5.0 como altamente religioso.

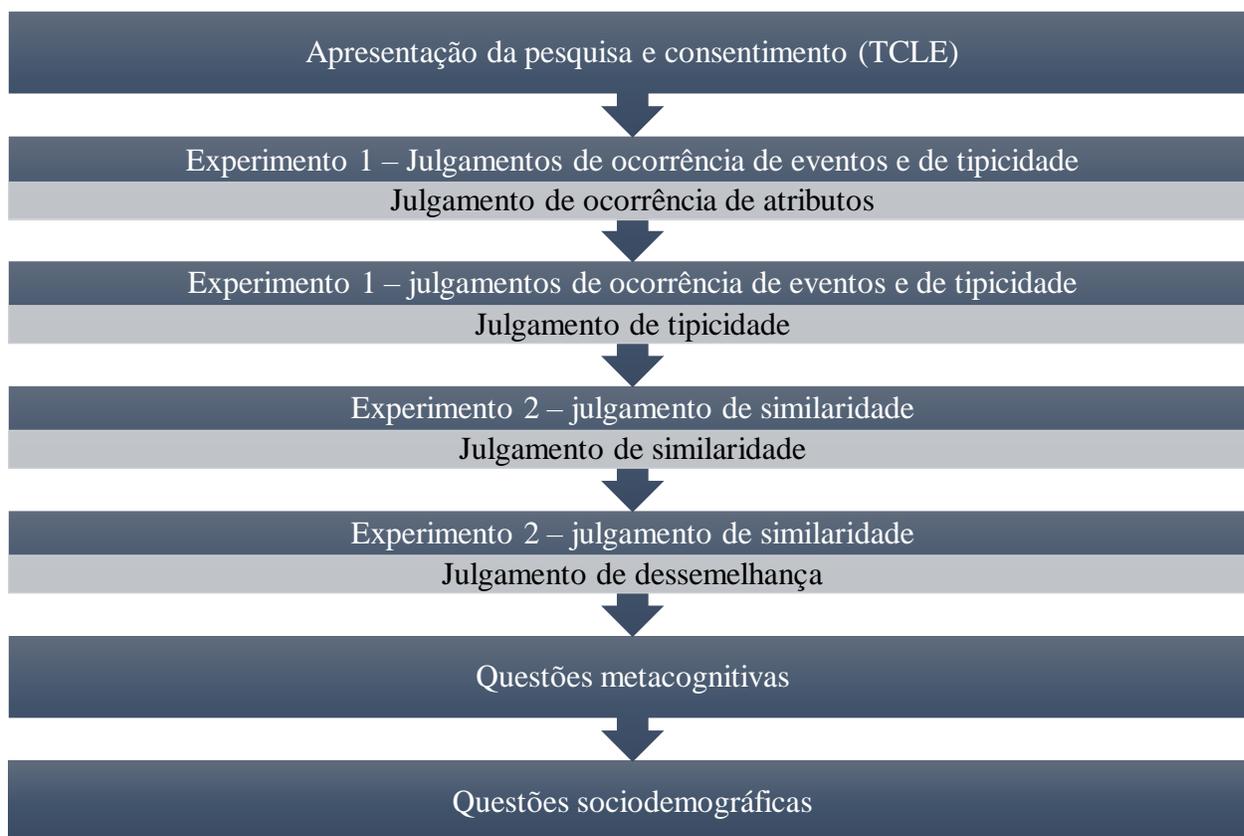
Procedimentos

O experimento foi sistematizado no *psytoolkit.org* (Stoet, 2010, 2017), um site para criação de experimentos e *surveys* gratuitos na área de Psicologia e Neurociências. Inicialmente era apresentado aos participantes a proposta da pesquisa por meio do TCLE (Apêndice A), qual eles deveriam obrigatoriamente concordar para prosseguir com pesquisa.

Após essa etapa, foi apresentada a tarefa de julgamento de probabilidade de ocorrência de atributos e então a de tipicidade. Em seguida, o das sentenças (similaridade) e então o das dessemelhanças entre as religiões. Por fim, os participantes respondiam questões metacognitivas relacionadas sobre o quão certos estavam sobre seus julgamentos (metacognitivas) e a familiaridade com as religiões, seguidos de dados demográficos e da Escala de Centralidade Religiosa e expertise religiosa. Os Experimentos 1 e 2 foram apresentados aos participantes conjuntamente. O fluxograma (Figura 6) a seguir detalha a ordem com que a pesquisa foi conduzida.

FIGURA 6

Fluxograma dos experimentos



Na tarefa de julgamento dos atributos, os participantes foram instruídos a julgar a probabilidade entre 0 e 100% de cada exemplo de religião possuir cada um dos atributos listados na Tabela 5. O tempo para a execução da tarefa foi livre e os estímulos apresentados randomicamente.

Quanto à tarefa de julgamento de tipicidade, os participantes foram instruídos a julgar o quanto cada um daqueles 6 exemplos de religião listados era representativo da categoria religião baseado em uma escala tipo Likert crescente de 7 pontos em que 1 é um exemplo pouco representativo e 7 é um exemplo ótimo ou muito característico da categoria. Os exemplos foram apresentados todos juntos, em uma única tela, mas em ordem randômica e sem controle de tempo.

Resultados

Tarefa 1 – Julgamento dos atributos

Foram verificados os pressupostos de normalidade por meio do teste de Shapiro-Wilk. Os resultados indicaram que não houve distribuição normal. Também foram verificados os pressupostos de homogeneidade das variâncias por meio do teste de Levene, que indicaram que um $p > 0,05$, que existem evidências para se acatar a hipótese de homogeneidade das variâncias. Conforme argumentam Blanca et al. (2017), os testes F são mais sensíveis as violações dos pressupostos de homogeneidade do que de normalidade e que tal família de testes são considerados válidos mesmo quando a distribuição não é normal. Não houve violação da esfericidade de Mauchly ($p < 0,05$).

Foi realizado um teste de Análise Fatorial Univariada de medidas repetidas dos atributos de frequência baixo, médio e alta (listados na Tabela 5). Como fator entre grupos investigou-se a disponibilidade esquemática religiosa em três níveis (baixa, média, alta), a múltipla pertença religiosa (única e múltipla) e a expertise (com ou sem). Adotou-se uma significância de 0.05.

O resultado da ANOVA revelou que não houve diferenças significativas entre as médias dos atributos ($F(2, 252) = 3.31, p = 0.38$), ou seja, não houve diferença quanto à probabilidade de os diferentes tipos de religião possuírem os atributos listados, mesmo que estes últimos tivessem graus variados de probabilidade de evocação na categoria religião, considerando também os diferentes níveis de força associativa dos exemplos de religião com sua categoria.

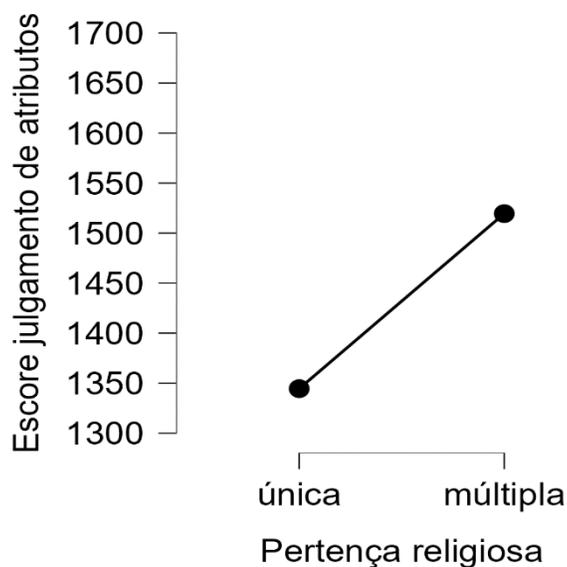
Ademais, também foram analisados os fatores entre-sujeitos por meio de testes post Hoc de Tukey. Não foram encontrados quaisquer efeitos significativos das variáveis entre grupos (disponibilidade esquemática) nos julgamentos ($F(2,123) = 0.957, p = 0,387$).

Quanto à expertise religiosa, os resultados dos testes post hoc tampouco identificaram diferenças significativas entre as médias dos grupos com ou sem expertise ($F(1, 124) = 1,85, p = 0,17$).

Foi verificado um efeito significativo quando comparadas as diferenças entre os grupos de pertença múltipla ou única ($F(1, 124) = 1,92, p = 0,058, \eta^2 = 0,027$). Segundo Field (2020), em situações em que são verificadas contradições nos resultados dos testes de ANOVA, em que não há um efeito significativo nos resultados principais, porém há nos testes pós-hoc, deve-se optar por interpretar o resultado a partir dos resultados por este último. O diagrama abaixo demonstra que participantes que se identificam com mais de uma religião tendem a ter maior escore médio do que aqueles que pertencem a uma única.

Figura 7

Diagrama descritivo do escore do julgamento dos atributos pela pertença religiosa.



Tarefa 2 – Julgamento de tipicidade

Os mesmos procedimentos de verificação dos pressupostos de normalidade e homogeneidade foram conduzidos e as análises produziram os mesmos resultados descritos para os julgamentos dos atributos, ou seja, não houve distribuição normal dos dados, porém foram encontradas evidências para a homogeneidade das variâncias, justificando o uso dos testes paramétricos (Blanca et al., 2017). O teste de esfericidade de Mauchly ($p < 0,05$) não foi violado.

Foi realizado um teste de Análise Fatorial Univariada de medidas repetidas sobre o efeito das forças associativas dos exemplos de religião (alto e baixo). Como fator entre grupos investigou-se a disponibilidade esquemática religiosa em três níveis (baixa, média, alta). Foi realizado um teste Mann-Whitney U com as variáveis binárias pertença religiosa (única e múltipla) e a expertise (com ou sem). Adotou-se uma significância de 0,05.

Os resultados dos testes demonstraram que os participantes percebem diferenças significativas entre os exemplos mais fortemente ($M=27.7$, $DP=13.75$) dos mais fracamente ($M=25.09$, $DP=12.45$) associados às suas categorias ($F(1, 126) = 3.72$, $p = 0.04$). Embora esse resultado seja significativo, seu efeito pode ser considerado pequeno ($d=0.03$) (Field, 2020).

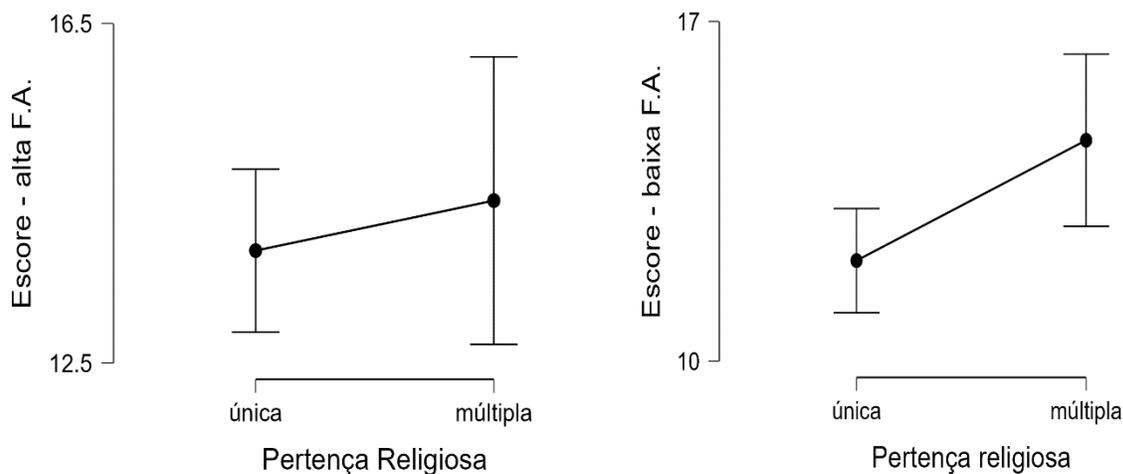
Para melhor compreender as diferenças entre os grupos, realizou-se análises post hoc por meio do teste de Tukey. No entanto, não foi verificado um efeito da disponibilidade do esquema religioso como um fator entre grupos como sendo significativo para esse tipo de julgamento ($F(2, 123) = 0.35$, $p = 0.70$).

Considerando a distribuição não normal dos dados, foi conduzido um teste Mann-Whitney U para comparar os escores no julgamento de tipicidade entre os grupos com ou sem expertise religiosa. O teste não revelou um efeito significativo entre os dois níveis de expertise para os exemplos de baixa F.A. ($U=1610$, $n_1=97$, $n_2=29$, $p = 0.25$, $r=0.13$) quanto para os de alta ($U=1610$, $n_1=97$, $n_2=29$, $p = 0.09$, $r=0,01$).

Foi conduzido um teste Mann-Whitney U para comparar os escores no julgamento de tipicidade entre os grupos com pertença religiosa única ou múltipla. Encontrou-se uma diferença significativa entre os dois níveis de pertencimento religioso tanto para os exemplos de baixa F.A. ($U=1038$, $n_1=97$, $n_2=29$, $p = 0.32$, $r=0,26$) quanto para os de alta ($U=1268$, $n_1=97$, $n_2=29$, $p = 0.09$, $r=0,09$). Esse resultado sugere que, em média, participantes com mais de uma religião apresentam maiores medianas ($Mdn=15$, $DP=4.66$) do que aqueles com apenas uma ($Mdn=12$, $DP=5.32$) tanto para julgamentos de tipicidade para exemplos de baixa F.A., bem como para exemplos de alta F.A., quando comparadas as medianas de participantes com múltipla ($Mdn=15$, $DP=4.76$) e única religião ($Mdn=14$, $DP=4.45$).

FIGURA 8

Escores dos exemplos de baixa e alta força associativa e sua relação com a pertença religiosa



Experimento 2 – Julgamento de Similaridade

Método

Participantes e Delineamento

Os participantes desse experimento foram os mesmos do anterior.

Foi realizado um experimento com delineamento fatorial misto 2x3x2x2. Como variáveis independentes foram manipuladas as forças associativas (fraca e forte), disponibilidade esquemática (não-religioso, religioso e altamente religioso), a pertença religiosa (única ou múltipla) e expertise (com ou sem). Na tarefa 1, como variável dependente, foi mensurado se os participantes preferiram uma ou outra sentença. Na tarefa 2, como variável dependente, foi mensurado o julgamento de dessemelhança dos membros da categoria religião a partir de uma escala Likert de 7 pontos, em que 1 significa nada diferentes e 7 altamente diferentes.

Materiais

Foram selecionados como estímulos do estudo de normas o mesmo conjunto de exemplos categoria religião. Foram escolhidos 6 exemplos para compor o experimento, sendo os três com maior força associativa (Evangélico, Espiritismo Kardecista e Católico Apostólico Romano) e três com menor (Umbanda, Budismo e Hinduísmo).

Foram construídas 30 sentenças de dois elementos (primeira e segunda posição) que associavam os exemplos entre si. Elas foram agrupadas em dois conjuntos de 15 sentenças cada. Formou-se três conjuntos de sentenças baseados em suas forças associativas: três de nível baixo de força-associativa, três de alto e nove com níveis combinados alto e baixo. São apresentadas na Tabela 6 abaixo os conjuntos:

Tabela 6

Organização dos estímulos para o experimento de julgamento de similaridade.

Conjunto 1		Conjunto 2	
Primeira posição	Segunda posição	Primeira posição	Segunda posição
Católico (alta F.A.)	Budismo (baixa F.A.)	Budismo (baixa F.A.)	Católico (alta F.A.)

Católico (alta F.A.)	Hinduísmo (baixa F.A.)	Hinduísmo (baixa F.A.)	Católico (alta F.A.)
Católico (alta F.A.)	Umbanda (baixa F.A.)	Umbanda (baixa F.A.)	Católico (alta F.A.)
Católico (alta F.A.)	Espírita Kardecista (alta F.A.)	Espírita Kardecista (alta F.A.)	Católico (alta F.A.)
Católico (alta F.A.)	Evangélico (alta F.A.)	Evangélico (alta F.A.)	Católico (alta F.A.)
Espírita Kardecista (alta F.A.)	Budismo (baixa F.A.)	Budismo (baixa F.A.)	Espírita Kardecista (alta F.A.)
Espírita Kardecista (alta F.A.)	Hinduísmo (baixa F.A.)	Hinduísmo (baixa F.A.)	Espírita Kardecista (alta F.A.)
Espírita Kardecista (alta F.A.)	Umbanda (baixa F.A.)	Umbanda (baixa F.A.)	Espírita Kardecista (alta F.A.)
Espírita Kardecista (alta F.A.)	Evangélico (alta F.A.)	Evangélico (alta F.A.)	Espírita Kardecista (alta F.A.)
Evangélico (alta F.A.)	Budismo (baixa F.A.)	Budismo (baixa F.A.)	Evangélico (alta F.A.)
Evangélico (alta F.A.)	Hinduísmo (baixa F.A.)	Hinduísmo (baixa F.A.)	Evangélico (alta F.A.)
Evangélico (alta F.A.)	Umbanda (baixa F.A.)	Umbanda (baixa F.A.)	Evangélico (alta F.A.)

Budismo (baixa F.A.)	Hinduísmo (baixa F.A.)	Hinduísmo (baixa F.A.)	Budismo (baixa F.A.)
Hinduísmo (baixa F.A.)	Umbanda (baixa F.A.)	Umbanda (baixa F.A.)	Hinduísmo (baixa F.A.)
Budismo (baixa F.A.)	Umbanda (baixa F.A.)	Umbanda (baixa F.A.)	Budismo (baixa F.A.)

Procedimentos

O procedimento desse experimento foi idêntico ao anterior. O tempo médio para a execução de todo o experimento foi de 22 minutos.

De maneira a dirimir possíveis efeitos de ordem, realizou-se um balanceamento em que cada participante foi aleatoriamente alocado para responder o conjunto 1 ou 2. Os participantes respondiam primeiramente a tarefa das sentenças e depois a de dessemelhança. Se os participantes fossem alocados no conjunto 1 para responder a tarefa das sentenças, eles eram diretamente alocados no conjunto 2 na tarefa de dessemelhança.

Apenas uma sentença era apresentada por vez para e os participantes apenas podiam seguir com o experimento após fazerem o julgamento daquela sentença. A instrução para esse experimento era: “A seguir você encontrará uma sequência de sentenças. Sua tarefa será analisá-las e selecionar aquelas sentenças que fazem mais sentido para você, ou seja, que você prefere utilizar. Não existe certo ou errado, apenas a sua percepção. Obrigado!”

Depois de assinalar para continuar o experimento, era apresentada a seguinte instrução: “A seguir você encontrará uma sequência de sentenças. Sua tarefa será analisá-las e julgar o quanto as religiões diferem entre si. Você poderá usar qualquer valor de 1 até 7. O valor 1

significa que elas não são nada diferentes entre si e o valor 7 altamente diferentes. Não existe certo ou errado, apenas a sua percepção. Obrigado”.

Ao final do experimento, os participantes responderam três questões. A primeira dizia respeito ao quão familiar eles eram com cada um dos seis exemplos de religião baseado em uma escala Likert de 5 pontos, em que 1 era pouco familiar e 5 completamente familiar. A segunda sobre o quão certo eles estavam sobre os quatro julgamentos que fizeram ao longo de todo o experimento, também numa escala Likert de 5 pontos com os mesmos parâmetros da escala anterior, substituindo apenas familiar por certo. Por fim, foi perguntado sobre os motivos que os levaram a selecionar as sentenças e o que levaram em consideração ao marcar as diferenças nas religiões.

Resultados

Tarefa 1 – Julgamento de similaridade

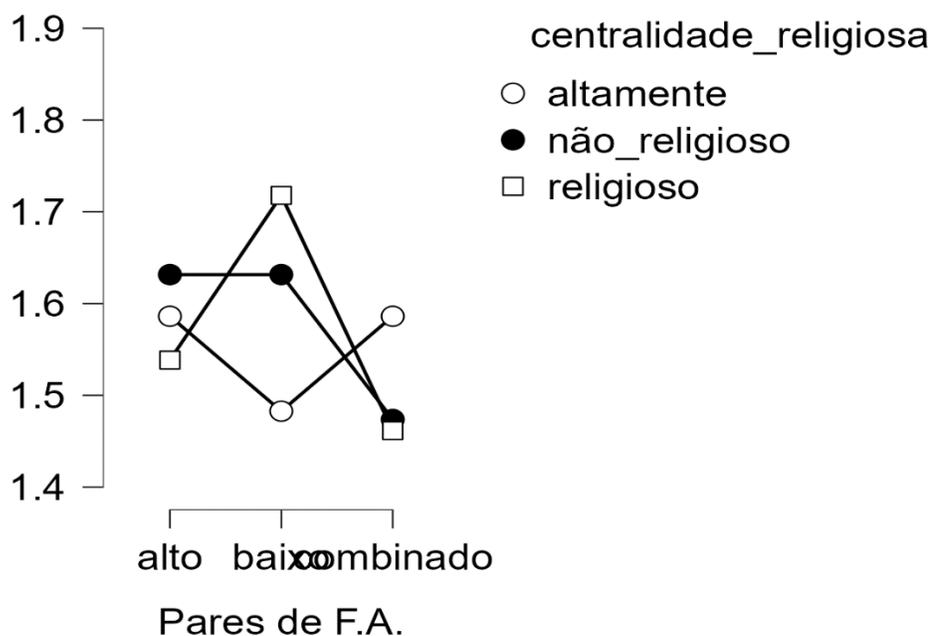
Foram verificados os pressupostos relacionados à normalidade da distribuição por meio do teste de Shapiro-Wilk, qual indicou que os dados não seguiam uma distribuição normal. Em seguida, foram verificados os pressupostos de homogeneidade das variâncias por meio do teste de Levene, que indicaram que um $p > 0,05$, o que significa que existem evidências para acatar a hipótese de homogeneidade das variâncias. A suposição de esfericidade de Mauchly foi violada ($p < 0,05$), logo optou-se por uma opção não-paramétrica de análise dos dados.

Foi aplicado um teste de Friedman para comparar os escores no julgamento de similaridade entre os três conjuntos de sentenças (três de nível baixo de força-associativa, três de alto e nove com níveis combinados alto e baixo). O resultado do teste demonstrou haver diferença significativa nas escolhas dos participantes em função das forças associativas ($\chi^2(2, N=172) = 2.303, p=0.03$). Um teste post hoc de Conover foi utilizado para melhor compreender

essas diferenças. Este teste revelou que o grupo classificado como altamente religioso tinha escores significativamente menores ($M=1.48$, $DP=0.5$) do que os religiosos ($M=1.71$, $DP=0.45$) quando julgavam os pares de baixo nível de associação, o que pode ser visualizado abaixo.

Figura 9

Escore na tarefa de similaridade e centralidade religiosa.

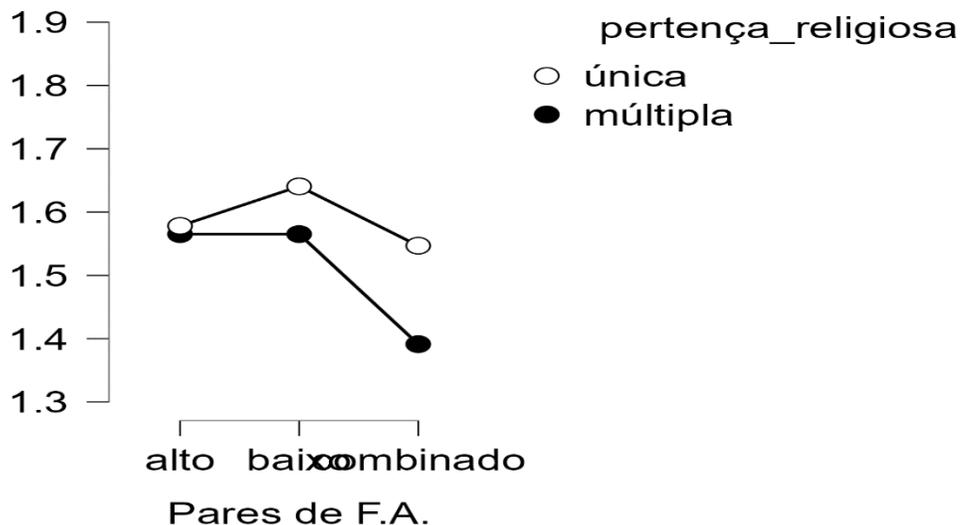


Também foram investigados como fator entre grupos a expertise religiosa. Os resultados demonstraram não haver efeitos significativos na comparação das médias entre os grupos com e sem expertise ($F(1, 85) = 0.05$, $p=0.8$).

Quanto à variável pertença religiosa, foi verificado que existe uma diferença entre as médias dos grupos com múltipla e única pertença religiosa relacionado ao julgamento das sentenças ($\chi^2(2, N=172) = 2.303$, $p=0.03$). Para melhor compreender esses achados, aplicou-se um teste post hoc de Tukey. Encontrou-se que as médias de pessoas com única pertença religiosa eram maiores do que seus pares de múltipla pertença, como pode ser visualizado na Figura 10 abaixo.

Figura 10

Escore na tarefa de similaridade e pertença religiosa



Tarefa 2 – Julgamento de dessemelhança

Foram verificados os pressupostos relacionados à normalidade da distribuição por meio do teste de Shapiro-Wilk, qual indicou que os dados não seguiam uma distribuição normal. Em seguida, foram verificados os pressupostos de homogeneidade das variâncias por meio do teste de Levene, que indicaram que um $p > 0,05$, o que significa que existem evidências para acatar a hipótese de homogeneidade das variâncias. A suposição de esfericidade de Mauchly não foi violada ($p < 0,05$), logo optou-se por uma opção paramétrica de análise dos dados.

Foi aplicado uma ANOVA para comparar os escores no julgamento de dessemelhança entre os três conjuntos (três de nível baixo de força-associativa, três de alto e nove com níveis combinados alto e baixo). Os resultados do teste demonstraram haver diferenças significativas nas escolhas dos participantes em função das forças associativas ($F(2, 134) = 10.9, p = 0.004, \eta^2 = 0,02$). Este resultado sugere que o grupo com nível de forças associativas combinado obteve

maiores médias ($M=4.86$, $DP=1.77$) do que o de apenas alta ($M=4.44$, $DP=1.87$) ou apenas baixa ($M=4.36$, $DP=1.59$). O tamanho de efeito pode ser considerado pequeno (Field, 2020).

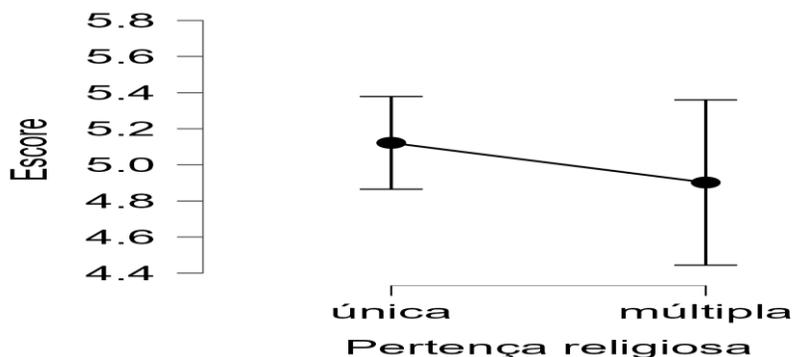
Foi aplicado um teste ANOVA para com o fator entre sujeitos disponibilidade esquemática. Os resultados do teste demonstraram não haver diferenças entre os três níveis dessa variável ($F(2, 66) = 0.34$, $p = 0.70$).

De maneira semelhante, foi aplicado um teste ANOVA para com o fator entre sujeitos expertise religiosa. Os resultados do teste demonstraram não haver diferenças entre os dois níveis dessa variável ($F(1, 67) = 1.40$, $p = 0.24$).

Foi aplicado um teste ANOVA com fatores entre grupos pertença religiosa. Foi aplicado um teste post hoc de Tukey, que resultou em diferenças significativas entre os grupos com uma ou mais pertenças religiosas ($F(2, 67) = 2.78$, $p = 0.006$). A Figura 11 abaixo demonstra que os escores médios do grupo com múltipla pertença religiosa é menor que seu correspondente com única pertença.

Figura 11

Escore na tarefa de dessemelhança e pertença religiosa



Aspectos metacognitivos

Foram avaliados também aspectos metacognitivos relacionados a realização das tarefas objetivando compreender o quanto os participantes estavam certos de seus próprios julgamentos. Por meio de uma escala do tipo Likert de 1 a 5 pontos, eles assinalaram o quanto estavam certos sobre os tipos de julgamentos que fizeram durante todo o experimento.

Quanto ao julgamento dos atributos das religiões, evidenciou-se um resultado com $M=2.81$ ($SD=1.09$), quanto a representatividade das religiões $M=2.98$ ($SD=1.17$), quanto a diferença dos exemplos $M=2.90$ ($SD=1.20$) e quanto ao julgamento das sentenças $M=2.95$ ($SD=1.20$). Tais resultados demonstram uma semelhança no padrão do julgamento ao longo das quatro tarefas bem como revela que foi demonstrado um nível “médio” sobre o quanto os participantes estavam certos de seus julgamentos.

Também foi investigado o quanto os participantes eram familiares com os exemplos de religião com que realizaram os julgamentos por meio de uma escala Likert de 5 pontos. As religiões com maiores níveis de força associativa obtiveram maiores médias gerais Católico Apostólico Romano, $M=4.14$ ($SD=1.08$), Evangélico $M=3.78$ ($SD=1.02$), Espiritismo Kardecista $M=3.65$ ($SD=1.21$) quando comparadas as religiões de menor nível (Budismo $M=2.62$, $SD=1.06$, Hinduísmo $M=2.28$, $SD=0.98$, Umbanda $M=3.13$, $SD=1.1$). Esses resultados sugerem uma relação positiva entre maior força associativa e familiaridade.

Para além o aspecto metacognitivo quantitativo, foi solicitado que os participantes fornecessem justificativas para seus julgamentos em formato textual. Na grande maioria dos casos, os participantes relataram “Pela familiaridade do que frequento”, “O pouco que sei sobre cada uma”, “Um pouco de lógica e tentativa de procurar similaridades entre ela”, “O que chega até mim a partir da mídia, parentes, amigos e etc.”, “Pelo que já frequentei, já li e estudei sobre cada, pelas vivências que já tive e também vivências de familiares e amigos de diversas religiões

que contam suas experiências, pois gosto muito de aprender sobre este assunto e gosto de ouvir de pessoas que vivenciam sobre como é cada religião; o que me desperta mais curiosidade e me leva a ler e estudar mais sobre elas.”, “Conhecimento popular sobre as religiões.”, “ O fato de ser ateia”, “Família, experiências pessoais e escola religiosa” e “Meu nível de familiaridade com cada religião”.

Discussão

A acessibilidade conceitual. Os resultados da tarefa de julgamento de ocorrência de atributos demonstraram que não houve uma diferença significativa entre as médias dos três diferentes níveis de probabilidade de produção dos atributos (alta, média e baixa) ocorrência. Esse resultado sugere que, embora haja uma diferença em termos de atributos serem produzidos em um contexto de normatização, quando estes mesmos são avaliados em termos de ocorrência para exemplos com diferentes forças associativas, estes não são percebidos como sendo significativamente diferentes.

Também foi verificado na tarefa do julgamento de tipicidade que os exemplos de religião são percebidos como sendo significativamente diferentes entre si e tal diferença se dá em função de suas forças associativas. Constatou-se que os exemplos mais associados às suas categorias são julgados como mais típicos das mesmas do que aqueles com menor força associativa. Esse resultado sugere que os membros mais acessíveis na memória são considerados exemplos mais típicos do que seus pares menos acessíveis.

Ambos os resultados estão em conformidade com a hipótese da acessibilidade conceitual (Janczura & Nelson, 1999, 2006b), que assume que a probabilidade de um atributo ser considerado como pertencente a um membro de uma categoria independente da força com que este está associado com sua categoria. Ademais, também se verificou que os membros da

categoria religião são julgados como tendo diferentes níveis de representatividade e que este julgamento variou pela força associativa produzida pelas normas coletadas no estudo exploratório.

Os resultados do experimento das sentenças lograram replicar os efeitos da assimetria da similaridade teorizados por Tversky (1977). Os pares de sentenças foram construídos com os exemplos baseado nas normas produzidas nesse mesmo trabalho. Sentenças produzidas com pares de diferentes forças associativas foram avaliadas de maneira diferente do que seus pares com equivalência de força avaliativa, ou seja, que quando os participantes tinham que julgar sentenças com membros de mesma força associativa, os resultados não foram significativos.

Os resultados do experimento em que os participantes deveriam avaliar o quanto as religiões divergiam entre si evidenciou uma diferença significativa entre os exemplos de religião com alta e baixa força associativa. Assim como o experimento anterior, foi possível replicar os resultados de (Tversky, 1977).

Os resultados encontrados na presente pesquisa são consistentes com a hipótese da acessibilidade conceitual e demonstram que suas premissas podem ser estendidas para a representação de religião também. Conforme argumentam Janczura e Nelson (2006), em se tratando de categorias conhecidas, indivíduos tendem a experimentar alguns pares de associação CATEGORIA/EXEMPLO mais frequentemente do que outros e este fato faz com que esse exemplo seja percebido como mais fortemente associados às suas categorias.

A hipótese desenvolvida assume que nos julgamentos de similaridade tendemos a selecionar os estímulos mais salientes para se fazer comparações e que essas comparações não são simétricas, ou seja, que há uma diferença quando avaliamos a ordem com que os elementos aparecem em uma sentença (Tversky, 1977). Foi encontrado que de fato essa ordem é percebida

como diferente e que essa diferença se dá a partir da força com que os exemplos estão vinculados às suas categorias.

Sugere-se, a partir dos resultados encontrados, que a hipótese da acessibilidade conceitual pode ser uma teoria capaz de explicar não somente os julgamentos de tipicidade, assim como sugeridos inicialmente por Janczura e Nelson (2006), mas a partir dos resultados do presente estudo experimental, que ela possa ser estendida para os julgamentos de similaridade em categorias semânticas conhecidas.

Disponibilidade esquemática religiosa. A disponibilidade esquemática religiosa, compreendida nesse trabalho como a importância/centralidade da religião no sistema cognitivo dos participantes, foi investigada em todos os julgamentos. No entanto, não foi encontrado nenhuma evidência de que a mesma mediasse os julgamentos de similaridade e de tipicidade.

Esse foi, pelo menos em que se foi possível localizar na etapa de revisão, o primeiro estudo que procurou relacionar tais tipos de julgamentos relacionados à disponibilidade esquemática religiosa. Embora os resultados não foram significativos para os diferentes níveis de disponibilidade, futuros pesquisadores poderão utilizar esse estudo como base para compreender e comparar outros tipos de julgamentos relacionados e também determinar os limites da cognição religiosa.

Sugere-se que ao se realizar tais julgamentos, seja mais relevante a vinculação daqueles exemplos à memória em termos de disponibilidade do que o quão importantes estes sejam para os participantes, pois os resultados encontrados podem ser justificados pelo quanto um determinado exemplo foi acessível na memória, o que é coerente com a teoria da acessibilidade conceitual, mas não com os níveis de centralidade religiosa.

A partir desses resultados, sugere-se que o processamento de informação religioso nem sempre é mediado pela importância com que o participante avalia as informações relacionadas a religião. Deve-se ressaltar o caráter de processamento controlado (Sistema 2) desses julgamentos e que outras formas de avaliação dessas informações podem revelar uma outra estrutura de julgamento. Nesse sentido, sublinha-se a limitação desse resultado para o sistema e a forma em que se avaliou. Pesquisas futuras poderão endereçar a interação entre processamento automático e controlado, conforme vastamente documentado na literatura sobre cognição religiosa (Barlev & Shtulman, 2021; Barrett & Keil, 1996; Hoogeveen et al., 2020; Hosseini et al., 2019; M. F. F. Ribeiro, 2018; Richert & Corriveau, 2022).

Expertise. A expertise religiosa, ora compreendida como algum nível de experiência em educação religiosa, formação ou pregação, foi investigada em todos os julgamentos. É importante destacar que a expertise foi assumida a partir da autoidentificação enquanto expert. É possível que o critério de autoidentificação, mas tão somente um grau variável, embora não significativo de conhecimento de religião. Em consequência, os resultados não evidenciaram nenhuma diferença significativa nas médias dos julgamentos entre os grupos que foram classificados como experts e novatos.

Contudo, há de se ter cautela na interpretação de tais resultados, tendo em vista que estudos anteriores apontam tal relação. Villani e colaboradores (2021) buscaram identificar se a expertise molda as representações de conceitos institucionais (justiça, normas sociais, democracia, justiça, parlamento, por exemplo) por meio da avaliação de 16 dimensões das palavras (concretude, valência, familiaridade, interação corpo-objeto, por exemplo). Foi encontrado que o nível de expertise afeta a representação conceitual não apenas na dimensão familiaridade, mas também que os conceitos constitucionais foram compreendidos como menos

abstratos, mais ligados às experiências sensório-motores e estados emocionais mais positivos também do que comparado aos seus pares de não especialistas (Villani et al., 2021).

Sugere-se que a maneira pela qual o conteúdo representacional é recuperado por meio de diferentes tarefas, seja por processamento automático ou controlado ou outros tipos de tarefas, afetam os resultados encontrados (Cooke, 2018). Nesse sentido, é possível que a própria natureza da tarefa proposta não tenha sido capaz de diferenciar os participantes em termos de proficiência.

Pertença religiosa. A questão da pertença religiosa foi investigada em todos os julgamentos. Em todos estes, foi possível verificar uma diferença significativa entre as médias dos grupos quando comparados participantes que pertenciam a uma (única) ou mais (múltipla pertença religiosa).

A relação entre identidade religiosa e cognição vem há muito sendo investigada, cobrindo diversos temas, tais como controle atencional (Colzato et al., 2008), atitude pró-social (Colzato, Hommel, Van den Wildenberg, et al., 2010), desconto temporal (Paglieri et al., 2013), flexibilidade cognitiva (Hommel & Colzato, 2017) e estilos de pensamento (Dennin et al., 2022).

O fenômeno da múltipla pertença religiosa, embora há muito conhecido e debatido nas Humanidades, ainda carece de pesquisa empírica para sua melhor compreensão (Liefbroer et al., 2018). Apesar de estimativas europeias assumirem que $\frac{1}{4}$ da população com alguma identidade religiosa se identifique como mais de uma religião (Berghuijs, 2017), ela pode chegar a ser de $\frac{2}{3}$ em uma amostra de minorias sexuais, no caso do Brasil (Ribeiro et al., 2023).

Portanto, considerando a alta prevalência da múltipla pertença religiosa tanto no país quanto na Europa, pesquisas empíricas nessa área podem ser de grande valor para melhor compreender questões como estratégias de enfrentamento religioso, crença em seres sobrenaturais, performance ritual, momento em que ocorre o trânsito, quais os fatores que geram

a múltipla pertença, se condições econômicas, políticas, ideológicas, de personalidade ou culturais (urbanas ou rurais, por exemplo), estão implicadas nesse sistema de pertença e, também, como isso interfere nos julgamentos.

Em uma amostra holandesa foi encontrado que participantes que pertenciam a mais de uma identidade religiosa tinham maior flexibilidade em assuntos religiosos uma vez que eles visavam mais as similaridades que as diferenças entre as religiões na medida em que valorizavam mais a experiência individual do que os laços institucionais (Berghuijs et al., 2018).

De acordo com os resultados encontrados pelo grupo de Berghuijs e colaboradores (2018), se participantes com múltipla pertença tendem a ver mais as similaridades que as diferenças entre as religiões, então é possível que esse padrão tenha sido replicado experimentalmente e justifique os achados da presente tese em que foi necessário empreender uma série de julgamentos comparativos de atributos e exemplos de religião.

Os resultados encontrados na presente pesquisa estão alinhados com outros estudos relacionados à influência da identidade religiosa na cognição, porém esse foi o primeiro, até onde foi possível localizar, que investigou julgamentos de similaridade e tipicidade e sua relação com a pertença única ou múltipla. Nesse sentido, esses dados trazem ainda mais robustez por meio de uma pesquisa empírica sobre essa relação.

A presente pesquisa, no entanto, endereça apenas a questão da autoidentificação e não aborda outros três componentes considerados relevantes em pesquisas transculturais na área de Psicologia, quais seja, os aspectos de crença, vinculação, comportamento, para além da identificação (Saroglou et al., 2020). Esses quatro componentes refletem distintos processos psicológicos (cognitivos, emocionais, morais e sociais) e que variam culturalmente, levando a

diferentes maneiras de se expressar religiosamente. Portanto, destaca-se a necessidade de explorar outros componentes em pesquisas futuras também.

Conclusão

A partir dos resultados experimentais encontrados na presente tese, foi possível sugerir que em termos de processamento de informação relacionado a religião, a identidade, especificamente a pertença única ou múltipla, parece ser um fator mais importante para julgamentos de similaridade e de tipicidade do que a expertise ou a disponibilidade esquemática religiosa. Esses resultados sugerem que, ao realizar tais julgamentos, os participantes utilizam-se de informações e sua memória, vinculadas à acessibilidade conceitual, e não quanto aquela representação é forte em termos de sua estrutura esquemática. Embora esse resultado possa ser limitado à estrutura da tarefa, e vinculado a um tipo de processamento controlado, ele traz novas informações sobre a cognição religiosa de que nem sempre a expertise ou a disponibilidade são estratégias cognitivas utilizadas para todos os julgamentos.

Na pesquisa experimental conduzida, parece haver uma relação positiva entre a expertise religiosa e a disponibilidade do esquema religioso. Essa relação pode ser relacionada às diferenças não significativas de ambos os resultados em diferentes tarefas experimentais. Essa possível relação pode se dar em função do desenvolvimento da expertise nas situações de pregação religiosa, de formação teológica ou de ensino religioso, o que poderia formar esquemas religiosos mais complexos. Por sua vez, esses esquemas ou a própria expertise podem não ser relevantes para as tarefas exploradas, mas apenas a acessibilidade com que os participantes resgatam as informações. Deve-se fazer uma ressalva quanto à estratégia metodológica utilizada que classificou os participantes como experts ou não baseado em uma medida de autorrelato. Uma vez que não dispúnhamos de um instrumento psicométrico específico que pudesse

classificar os participantes quanto a expertise, foi criada uma classificação baseada em qualquer resposta positiva para as questões de pregação, formação teológica ou ensino religioso.

Reconhecendo essa limitação, pesquisas futuras poderão endereçar essa ausência da literatura, além de utilizar como base e aperfeiçoar o sistema classificatório dessa presente pesquisa, e desenvolver um instrumento psicométrico classificatório e também utilizar esse banco de dados gerados na presente pesquisa para realizar investigações com profissionais especialistas tais como pastores, padres, capelães, professores de ciência da religião e comparar com os resultados da presente pesquisa.

Ainda, é possível que o raciocínio em relação aos esquemas não seja para a categoria “religião” como um todo, mas para aqueles exemplos com que a pessoa seja mais familiar, aqueles mais acessíveis em sua memória. Nesse sentido, ela pode ter um esquema altamente específico da sua própria religião, mas não da categoria como um todo. A presente pesquisa partiu da premissa que o esquema seria em função da categoria, porém futuros estudos podem endereçar essa questão de um raciocínio esquemático menos genérico e mais especializado.

Enquanto uma limitação característica desse trabalho, merece o destaque quanto ao perfil amostral. Na Tabela 4, que detalhou a identidade religiosa dos participantes dos experimentos dos julgamentos, nota-se que 25% da amostra possui como religião única ou múltipla o Espiritismo Kardecista. Esse alto número comparado com a demografia religiosa brasileira (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010) pode ser explicada pelo local de residência do pesquisador ser a cidade de Uberaba – Minas Gerais, esta conhecida nacional e internacionalmente como um centro de referência para essa religião devido aos inúmeros médiuns que aqui residiram, sendo de maior representatividade Chico Xavier. Nota-se também um número muito inferior às matrizes religiosas pentecostais e neopentecostais enquanto

respondentes dessa pesquisa. Fato esse que pode ter sido justificado por ter ocorrido com uma amostra universitária. Ambos os fatos revelam um nível enviesamento amostral tanto geográfico quanto identitário e apontam a necessidade, assim como May e Fincham (2018) destacaram em sua pesquisa sobre a representação prototípica da deidade, da utilização de amostras em comunidades e universitários. Nesse sentido, o perfil religioso universitário do estudo não pode ser generalizado para toda a população.

Merece destaque também a relação entre a disponibilidade esquemática e a múltipla pertença religiosa. Foi possível notar com esse trabalho que há uma tendência de que os participantes com maiores níveis de disponibilidade (alto ou religioso) tendem a se identificar com uma religião apenas.

Deve-se destacar também a ressalva quanto ao instrumento da Escala de Centralidade Religiosa utilizada como um instrumento psicométrico capaz de mensurar a disponibilidade esquemática religiosa. Embora em outras duas ocasiões esta escala tenha sido utilizada como instrumento tendo como base a teoria dos esquemas (Kindermann & Riegel, 2018; Lühr et al., 2018), pode ser que este instrumento tenha limitações quanto aquilo que se pretendia mensurar. Outra questão é que a validação possa ter questões culturais para a amostra pesquisada. Nesse sentido, pesquisas futuras podem utilizar outros referenciais psicométricos, inclusive criando, ou validar outras escalas já existentes sobre o esquema religioso para aumentar a confiabilidade da mensuração.

É possível também concluir que, assim como argumentaram Janczura e Nelson (2006) sobre os julgamentos de tipicidade indicarem acessibilidade conceitual, o mesmo deveria ser estendido para julgamentos de similaridade. Esse achado traz uma nova compreensão para a teoria da similaridade de Tversky (1977), em que a heurística pode detrás desse julgamento era a

de representatividade e que, a partir dos resultados encontrados, sugere-se que a heurística de disponibilidade poderia ser utilizada como uma justificativa mais adequada. Ademais, os resultados também fortalecem a teoria de Janczura e Nelson (2006), uma vez que outro tipo de julgamento além do originalmente estudado por eles também pode ser interpretado à lume de sua teoria.

Apesar de haver sido encontrada uma relação entre identidade e cognição a partir dos julgamentos estudados, outros fatores influenciam na capacidade de memorização de conceitos se estes são engraçados (Purzycki, 2010) ou contra-intuitivos (Gregory, 2014), por exemplo. Portanto, essas normas produzidas podem ser complementares a outros estudos para paradigmas experimentais para melhor compreender como processamos informações sobre religião.

Considerações finais

Nas normas coletas foram utilizadas tanto análises descritivas quanto lexicométricas para descrever a representação semântica de religião a partir de uma amostra de 229 participantes adultos brasileiros. Foi possível verificar que as associadas da palavra religião que mais apareceram foram “deus”, “fé” e “crença”. Essa verificação empírica está alinhada com a definição antropológica desde o final do século XIX que assumia que religião seria a crença em seres sobrenaturais (Schilbrack & Cruz, 2022). Nesse sentido, a partir dos resultados dessa tese, sugere-se a representação êmica, ou seja, aquela dos membros de determinado agrupamento social, está alinhada com a representação ética, ou seja, dos cientistas, quanto aos aspectos que são mais centrais sobre “Religião”.

Ainda sobre as normas, encontrou-se que o exemplo mais fortemente associado à categoria foi Católico Apostólico Romano. No censo de 2010, os cristãos eram cerca de 87% da população, os católicos 64,4%, 22,2% os evangélicos (pentecostais e neo-pentecostais), Espíritas

Kardecistas 2%, as testemunhas de Jeová 0,7%, os de matriz afro-brasileiro, como Candomblé e Umbanda 0,3%, os budistas eram 0,15% e os judeus, 0,07% (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010). Já no de 2022, os católicos eram 49% da população, os evangélicos 26% e os sem religião, 14% (IBGE, 2022).

É importante notar que, apesar de o perfil religioso dos participantes da coleta de normas ser representado por 58 católicos, a frequência de produção do exemplo foi consideravelmente superior aos outros exemplos da categoria, o que sugere a importância desse exemplo para a categoria na representação semântica em nosso país. Mesmo com o decréscimo demográfico da população autodeclarada católica, este ainda é o exemplo mais associado à categoria. Uma possível justificativa para isso seria a ainda presente religiosidade mínima brasileira (Droogers, 1987) que, apesar de o catolicismo ter se arrefecido em termos demográficos, ainda é marcante em termos representacionais. Outro aspecto que merece destaque é a virada demográfica evangélica/protestante, contrariando teses sociológicas do começo do século XXI, de que o futuro demográfico não seria protestante (Mariano, 2007). Ainda merecem destaque as religiões de matriz afro-brasileira (Umbandismo e candomblé) que, apesar de ainda representarem um percentual demográfico pequeno, constaram nas normas elaboradas, assim como o Espiritismo Kardecista.

No que se refere aos atributos gerados, foi possível verificar que novamente os componentes ligados a crença foram os mais citados, sendo que “fé”, “deus” e “crença” apareceram nas primeiras posições como características mais prevalentes. Esse achado ressoa com o que foi discutido anteriormente sobre a representação da categoria religião ter uma vinculação menor do componente ritualístico quando comparado com o de crença.

As normas aqui produzidas foram coletadas por um número elevado de participantes – ao menos 100 por palavra, cumprindo com requisitos para maior controle experimental dos estímulos (Janczura, Castilho, Keller, et al., & Oliveira, 2016). Por meio das normas coletadas, foi possível compor um banco de estímulos e imprimir maior controle experimental para que pesquisadores possam utilizar este material em estudos subsequentes. Esse foi o primeiro estudo que mapeou a rede de palavras associadas à religião no país, de tal forma a capturar as relações semânticas armazenadas na memória relevantes para o conceito em análise. A partir desses dados, é possível realizar pesquisas experimentais transculturais para melhor compreender similaridades e diferenças entre as identidades religiosas por meio de investigações sobre memória, raciocínio, linguagem, percepção, moralidade, velocidade de processamento e estilos de pensamento.

Por meio dos resultados obtidos no estudo das normas, foi possível também reformular duas dimensões do esquema de religião sugerido por Saler (2008) e propor valores das dimensões exemplos e atributos do esquema religião estabelecidos por meio de nosso estudo de normas (vide Tabela 7). Segundo a teoria dos esquemas, as informações dos domínios são consideradas competidoras entre si, o que pode gerar o índice de tipicidade em relação às mesmas (Markman, 2002). Esse índice de tipicidade foi retirado do banco de normatização da palavra “religião” e reflete o quão provável é a ocorrência de um atributo ou um exemplo de religião.

Deve-se ressaltar, entretanto, que esse esquema é altamente específico da população brasileira, considerando seu perfil demográfico e sócio-histórico, e deve ser utilizado com essa ressalva. Uma aplicação prática desse esquema é para a realização de pesquisas de caráter transculturais que visem comparar as dimensões e valores nas mais variadas culturas.

Tabela 7

Valores das dimensões exemplos e atributos do esquema religião estabelecidos por meio da coleta de normas.

Católico Apostólico Romano (f=110)	Cristianismo (f =35)	Espiritismo Kardecista (f =32)	Evangélico (f =22)	Umbanda (f =14)	Protestantismo (f =6)	Candomblé (f =3)
Budismo (f =2)	Judaísmo (f =2)	Paganismo (f =2)				
Exemplos						
Religião						
Atributos						
Fé (f=96)	Crença (f=52)	Paz (f=32)	Esperança (f=25)	Vida (f=20)	deus (f=58)	Amor (f=46)
Caridade (f=22)	União (f=19)	Espiritualidade (f=19)	Dogma (f=19)	Igreja (f=18)	Acreditar (f=18)	

Nota. f=frequência.

A partir dos resultados experimentais encontrados na presente tese, foi possível sugerir que em termos de processamento de informação relacionado a religião, a identidade, especificamente a pertença única ou múltipla, parece ser um fator mais importante para julgamentos de similaridade e de tipicidade do que a expertise ou a disponibilidade esquemática religiosa. Esses resultados sugerem que, ao realizar tais julgamentos, os participantes utilizam-se de informações e sua memória, vinculadas à acessibilidade conceitual, e não quanto aquela representação é forte em termos de sua estrutura esquemática. Embora esse resultado possa ser limitado à estrutura da tarefa, e vinculado a um tipo de processamento controlado, ele traz novas

informações sobre a cognição religiosa de que nem sempre a expertise ou a disponibilidade são estratégias cognitivas utilizadas para todos os julgamentos.

Na pesquisa experimental conduzida, parece haver uma relação positiva entre a expertise religiosa e a disponibilidade do esquema religioso. Essa relação pode ser relacionada às diferenças não significativas de ambos os resultados em diferentes tarefas experimentais. Essa possível relação pode se dar em função do desenvolvimento da expertise nas situações de pregação religiosa, de formação teológica ou de ensino religioso, o que poderia formar esquemas religiosos mais complexos. Por sua vez, esses esquemas ou a própria expertise podem não ser relevantes para as tarefas exploradas, mas apenas a acessibilidade com que os participantes resgatam as informações. Deve-se fazer uma ressalva quanto à estratégia metodológica utilizada que classificou os participantes como experts ou não baseado em uma medida de autorrelato. Uma vez que não dispúnhamos de um instrumento psicométrico específico que pudesse classificar os participantes quanto a expertise, foi criada uma classificação baseada em qualquer resposta positiva para as questões de pregação, formação teológica ou ensino religioso. Reconhecendo essa limitação, pesquisas futuras poderão endereçar essa ausência da literatura, além de utilizar como base e aperfeiçoar o sistema classificatório dessa presente pesquisa, e desenvolver um instrumento psicométrico classificatório e também utilizar esse banco de dados gerados na presente pesquisa para realizar investigações com profissionais especialistas tais como pastores, padres, capelães, professores de ciência da religião e comparar com os resultados da presente pesquisa.

Ainda, é possível que o raciocínio em relação aos esquemas não seja para a categoria “religião” como um todo, mas para aqueles exemplos com que a pessoa seja mais familiar, aqueles mais acessíveis em sua memória. Nesse sentido, ela pode ter um esquema altamente

específico da sua própria religião, mas não da categoria como um todo. A presente pesquisa partiu da premissa que o esquema seria em função da categoria, porém futuros estudos podem endereçar essa questão de um raciocínio esquemático menos genérico e mais especializado.

Enquanto uma limitação característica desse trabalho, merece o destaque quanto ao perfil amostral. Na Tabela 4, que detalhou a identidade religiosa dos participantes dos experimentos dos julgamentos, nota-se que 25% da amostra possui como religião única ou múltipla o Espiritismo Kardecista. Esse alto número comparado com a demografia religiosa brasileira (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010) pode ser explicada pelo local de residência do pesquisador ser a cidade de Uberaba – Minas Gerais, esta conhecida nacional e internacionalmente como um centro de referência para essa religião devido aos inúmeros médiuns que aqui residiram, sendo de maior representatividade Chico Xavier. Nota-se também um número muito inferior às matrizes religiosas pentecostais e neopentecostais enquanto respondentes dessa pesquisa. Fato esse que pode ter sido justificado por ter ocorrido com uma amostra universitária. Ambos os fatos revelam um nível enviesamento amostral tanto geográfico quanto identitário e apontam a necessidade, assim como May e Fincham (2018) destacaram em sua pesquisa sobre a representação prototípica da deidade, da utilização de amostras em comunidades e universitários. Nesse sentido, o perfil religioso universitário do estudo não pode ser generalizado para toda a população.

Merece destaque também a relação entre a disponibilidade esquemática e a múltipla pertença religiosa. Foi possível notar com esse trabalho que há uma tendência de que os participantes com maiores níveis de disponibilidade (alto ou religioso) tendem a se identificar com uma religião apenas.

Deve-se destacar também a ressalva quanto ao instrumento da Escala de Centralidade Religiosa utilizada como um instrumento psicométrico capaz de mensurar a disponibilidade esquemática religiosa. Embora em outras duas ocasiões esta escala tenha sido utilizada como instrumento tendo como base a teoria dos esquemas (Kindermann & Riegel, 2018; Lühr et al., 2018), pode ser que este instrumento tenha limitações quanto aquilo que se pretendia mensurar. Outra questão é que a validação possa ter questões culturais para a amostra pesquisada. Nesse sentido, pesquisas futuras podem utilizar outros referenciais psicométricos, inclusive criando, ou validar outras escalas já existentes sobre o esquema religioso para aumentar a confiabilidade da mensuração.

É possível também concluir que, assim como argumentaram Janczura e Nelson (2006) sobre os julgamentos de tipicidade indicarem acessibilidade conceitual, o mesmo deveria ser estendido para julgamentos de similaridade. Esse achado traz uma nova compreensão para a teoria da similaridade de Tversky (1977), em que a heurística pode detrás desse julgamento era a de representatividade e que, a partir dos resultados encontrados, sugere-se que a heurística de disponibilidade poderia ser utilizada como uma justificativa mais adequada. Ademais, os resultados também fortalecem a teoria de Janczura e Nelson (2006), uma vez que outro tipo de julgamento além do originalmente estudado por eles também pode ser interpretado à lume de sua teoria.

Apesar de haver sido encontrada uma relação entre identidade e cognição a partir dos julgamentos estudados, outros fatores influenciam na capacidade de memorização de conceitos se estes são engraçados (Purzycki, 2010) ou contra-intuitivos (Gregory, 2014), por exemplo. Portanto, essas normas produzidas podem ser complementares a outros estudos para paradigmas experimentais para melhor compreender como processamos informações sobre religião.

Muitos autores no campo da Ciência Cognitiva da Religião exploram de maneira experimental a relação entre cognição e religião por meio do paradigma dos modelos de processamento dual (Grafman et al., 2020; Oviedo, 2015; Ribeiro, 2018; Slingerland & Chudek, 2011). No entanto, não foi encontrado até então na literatura como tais modelos se relacionam com a questão da múltipla pertença religiosa. Nesse sentido, pesquisas futuras podem endereçar essa questão ainda pouco explorada.

REFERÊNCIAS

- Alkhars, M., Evangelopoulos, N., Pavur, R., & Kulkarni, S. (2019). Cognitive biases resulting from the representativeness heuristic in operations management: An experimental investigation. *Psychology Research and Behavior Management, 12*, 263–276.
<https://doi.org/10.2147/PRBM.S193092>
- Araújo, A. B. S. M. (2022). *SocialPICS: A novel validated database of socioeconomic-content images*. Universidade de Brasília.
- Aristóteles. (1985). *Organon*. Guimarães Editores.
- Barlev, M., & Shtulman, A. (2021). Minds, bodies, spirits, and gods: Does widespread belief in disembodied beings imply that we are inherent dualists? *Psychological Review, 128*(6), 1007–1021. <https://doi.org/10.1037/REV0000298>
- Barrett, J. L. (1999). Theological correctness: Cognitive constraint and the study of religion. *Method & Theory in the Study of Religion, 11*, 325–339.
<https://doi.org/10.1163/157006899X00078>
- Barrett, J. L., & Hornbeck, R. G. (2017). Introduction: Homo Religiosus and the Dragon. In J. L. Barrett, R. G. Hornbeck, & K. Madeleine (Eds.), *Religious Cognition in China: Homo Religiosus and the Dragon* (pp. 1–14). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-319-62954-4_1
- Barrett, J. L., & Keil, F. C. (1996). Conceptualizing a nonnatural entity: Anthropomorphism in God concepts. *Cognitive Psychology, 31*(3), 219–247.
<https://doi.org/10.1006/cogp.1996.0017>
- Barsalou, L. (2021). Categories at interface of cognition and action. In *Building Categories in Interaction: Linguistic resources at work* (1st ed.). John Bejnamin Publishing Company.

<https://books.google.com.br/books?hl=pt->

[BR&lr=&id=tZpOEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA35&dq=ad+hoc+natural+artifact+categorias&ots=4MJN_hcYx1&sig=YXai45Vl7eQOrPGDIgNefse3awg#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=tZpOEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA35&dq=ad+hoc+natural+artifact+categorias&ots=4MJN_hcYx1&sig=YXai45Vl7eQOrPGDIgNefse3awg#v=onepage&q&f=false)

Bartlett, F. C. (1933). Remembering: A study in Experimental and Social Psychology. In *British Journal of Educational Psychology* (Issue 2). Cambridge University Press.

<https://doi.org/10.1111/j.2044-8279.1933.tb02913.x>

Battig, W. F., & Montague, W. E. (1969). Category norms of verbal items in 56 categories A replication and extension of the Connecticut category norms. *Journal of Experimental Psychology*, 80(3 PART 2), 1–46. <https://doi.org/10.1037/h0027577>

Bem, S. L. (1981). Gender schema theory: A cognitive account of sex typing. *Psychological Review*, 88(4), 354–364. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.88.4.354>

Berghuijs, J. (2017). Multiple religious belonging in the Netherlands: An empirical approach to hybrid religiosity. *Open Theology*, 3(1), 19–37. <https://doi.org/10.1515/opth-2017-0003>

Berghuijs, J., Schilderman, H., Van Der Braak, A., & Kalsky, M. (2018). Exploring Single and Multiple Religious Belonging. *Journal of Empirical Theology*, 31(1), 18–48.

<https://doi.org/10.1163/15709256-12341365>

Bicchieri, C., & McNally, P. (2018). Shrieking sirens: schemata, scripts and social norms. How change occurs. *Social Philosophy and Policy*, 35(1), 23–53.

<https://doi.org/10.1017/S0265052518000079>

Bílek, J., Nedoma, J., & Jirásek, M. (2018). Representativeness heuristics: A literature review of its impacts on the quality of decision-making. *Scientific Papers of the University of Pardubice, Series D: Faculty of Economics and Administration*, 26(43), 29–38.

- Blanca, M. J., Alarcón, R., Arnau, J., Bono, R., & Bendayan, R. (2017). Non-normal data: Is ANOVA still a valid option? *Psicothema*, *29*(4), 552–557.
- Blouw, P., Solodkin, E., Thagard, P., & Eliasmith, C. (2016). Concepts as Semantic Pointers: A Framework and Computational Model. *Cognitive Science*, *40*(5), 1128–1162.
<https://doi.org/10.1111/COGS.12265>
- Bordignon, S., Zibetti, M. R., Trentini, C. M., Resende, A. C., Minervino, C. A. S. M., Silva-Filho, J. H. da, Pawlowski, J., Teodoro, M. L. M., & Abreu, N. (2015). Normas de associação semântica para 20 categorias em adultos e idosos. *Psico-USF*, *20*(1), 97–108.
<https://doi.org/10.1590/1413-82712015200109>
- Borges, M. da S., Santos, M. B. C., & Pinheiro, T. G. (2015). Representações sociais sobre religião e espiritualidade. *Revista Brasileira de Enfermagem*, *68*(4), 609–616.
<https://doi.org/10.1590/0034-7167.2015680406i>
- Boyer, P. (1994). Cognitive constraints on cultural representations: Natural ontologies and religious ideas. In L. A. Hirschfeld & S. A. Gelman (Eds.), *Mapping the Mind: Domain Specificity in Cognition and Culture* (pp. 391–411). Cambridge University Press.
- Boyer, P., & Barrett, H. C. (2015). Domain Specificity and Intuitive Ontology. In D. Buss (Ed.), *The Handbook of Evolutionary Psychology*. Wiley and Sons.
<https://doi.org/10.1002/9780470939376.ch3>
- Boyer, P., & Walker, S. (2010). Intuitive Ontology and Cultural Input in the Acquisition of Religious Concepts. In *Imagining the Impossible*.
<https://doi.org/10.1017/cbo9780511571381.006>
- Branquinho, J., & Murcho, D. (2006). *Enciclopédia de termos lógico-filosóficos* (J. Branquinho & D. Murcho, Eds.). WWF Martins Fontes.

- Brown, D. E. (1991). Human universals. In *New York: McGraw Hill*. McGraw-Hill Humanities.
- Brysbaert, M., Mandera, P., & Keuleers, E. (2018). Word prevalence norms for 62,000 English lemmas. *Behavior Research Methods*, 51(July 2018), 467–479.
- Busselle, R. (2017). Schema Theory and Mental Models. In *The International Encyclopedia of Media Effects*. <https://doi.org/10.1002/9781118783764.wbieme0079>
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. *Universidade Federal de Santa Catarina - Laboratório de Psicologia Social Da Comunicação e Cognição - Laccos*.
- Campos, F. V. (2018). Explicar e compreender: A querela em torno do procedimento epistemológico próprio da Ciência da Religião. *INTERAÇÕES*, 13(23), 38–72. <https://doi.org/10.5752/p.1983-2478.2018v13n23p38-72>
- Camurça, M. (2020). Espaços de hibridização, dessubstancialização da identidade religiosa e idéias fora do lugar. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, 5(5), 37–65. <https://doi.org/10.22456/1982-2650.2254>
- Carey, S. (2009). *The Origin of Concepts*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195367638.001.0001>
- Carvalho, L. L. de, Pereira, D. J., & Coelho, S. A. (2016). Origins and evolution of enactive cognitive science: Toward an enactive cognitive architecture. *Biologically Inspired Cognitive Architectures*. <https://doi.org/10.1016/j.bica.2015.09.010>
- Castañon, G. (2018). Epistemologia da Ciência Cognitiva. In L. K. de Souza & G. Gauer (Eds.), *Psicologia Cognitiva: Teoria, modelos e aplicações* (pp. 4–18). Sinopsys.
- Cohen, H. L., Thomas, C. L., & Williamson, C. (2008). *Religion and Spirituality as Defined by Older Adults*. <https://doi.org/10.1080/01634370802039585>

-
- Cohen, H., & Lefebvre, C. (2017). Handbook of Categorization in Cognitive Science. In *2nd Edition*. Elsevier. <https://www.elsevier.com/books/handbook-of-categorization-in-cognitive-science/cohen/978-0-08-101107-2>
- Colzato, L. S., Beest, I. van, van den Wildenberg, W. P. M., Scorolli, C., Dorchin, S., Meiran, N., Borghi, A. M., & Hommel, B. (2010). God: Do I have your attention? *Cognition*, *117*(1), 87–94. <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2010.07.003>
- Colzato, L. S., Hommel, B., & Shapiro, K. L. (2010). Religion and the attentional blink: Depth of faith predicts depth of the blink. *Frontiers in Psychology*, *1*(174). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2010.00147>
- Colzato, L. S., Hommel, B., Van den Wildenberg, W. P. M. V., & Hsieh, S. (2010). Buddha as an eye opener: A link between prosocial attitude and attentional control. *Frontiers in Psychology*, *SEP*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2010.00156>
- Colzato, L. S., van den Wildenberg, W. P. M., & Hommel, B. (2008). Losing the big picture: How religion may control visual attention. *PLoS ONE*. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0003679>
- Cooke, F. L. (2018). Concepts, contexts, and mindsets: Putting human resource management research in perspectives. *Human Resource Management Journal*, *28*(1). <https://doi.org/10.1111/1748-8583.12163>
- Cosentino, E. (2019). Artifacts and affordances. *Synthese* *2019* *198*:17, *198*(17), 4007–4026. <https://doi.org/10.1007/S11229-019-02297-4>
- Cresswell, J., & Rivas, R. F. (2016). Cognition, Culture and Religion: The Ontogenetic Role of Culture and its Consequences in the Study of Religious Experiences. *Open Theology*, *2*, 113–132. <https://doi.org/10.1515/opth-2016-0009>

- Dang, S., Sharma, P., & Shekhawat, L. S. (2019). Cognitive schemas among mental health professionals and other health professionals. *Indian Journal of Psychological Medicine*, 41(3). https://doi.org/10.4103/IJPSYM.IJPSYM_194_18
- Daniels, H., Cole, M., & Wertsch, J. v. (2007). The Cambridge companion to Vygotsky. In *The Cambridge Companion to Vygotsky*. <https://doi.org/10.1017/CCOL0521831040>
- Davis, P. M. (2014). *Cognition and Learning: a Review of the literature with reference to ethnolinguistic Minorities* (Mary Ruth Wise, Ed.). SIL International.
- Dennin, A., Furman, K., Pretz, J. E., & Roy, M. M. (2022). The relationship of types of intuition to thinking styles, beliefs, and cognitions. *Journal of Behavioral Decision Making*, 35(5), e2283. <https://doi.org/10.1002/bdm.2283>
- Droogers, A. (1987). A Religiosidade Mínima Brasileira. *Religião e Sociedade*, 14(2), 62–86.
- Duran, A. B., Pothos, E. M., Yearsley, J. M., Hampton, J. A., Busemeyer, J. R., & Trueblood, J. S. (2015). Similarity judgments: From classical to complex vector psychological spaces. In E. Dzhafarov, S. Jordan, Z. Ru, & V. Cervantes (Eds.), *Contextuality from Quantum Physics to Psychology* (pp. 415–448). World Scientific Publishing Co. Pte. Ltd. https://doi.org/10.1142/9789814730617_0019
- Durkheim, É. (1996). *As formas elementares da vida religiosa*. Martins Fontes.
- Edgell, P., & Hull, K. E. (2017). Cultural Schemas of Religion, Science, and Law in Talk About Social Controversies. *Sociological Forum*, 32(2). <https://doi.org/10.1111/socf.12331>
- Elshout, M., Nelissen, R. M. A., & van Beest, I. (2015). A prototype analysis of vengeance. *Personal Relationships*, 22(3), 502–523. <https://doi.org/10.1111/per.12092>
- Engelthaler, T., & Hills, T. T. (2018). Humor norms for 4,997 English words. *Behavior Research Methods*, 50(3). <https://doi.org/10.3758/s13428-017-0930-6>

-
- Epley, N., Waytz, A., & Cacioppo, J. T. (2007). On seeing human: A three-factor theory of anthropomorphism. *Psychological Review*, *114*(4), 864–886. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.114.4.864>
- Esperandio, M. R. G., August, H., Viacava, J. J. C., Huber, S., & Fernandes, M. L. (2019). Brazilian validation of centrality of religiosity scale (CRS-10BR AND CRS-5BR). *Religions*, *10*(9), 508–532. <https://doi.org/10.3390/re110090508>
- Evangelista, R. V. C. (2021). Dilthey, uma ponte para as ciências humanas. *Sapere Aude*, *12*(24). <https://doi.org/10.5752/p.2177-6342.2021v12n24p585-594>
- Faiad, C., Rodrigues, C., & Lima, T. (2021). Análise de Dados Textuais com a Interface Iramuteq. In *Tutoriais para análise de dados aplicados à Psicometria* (Vol. 1, pp. 420–435). Editora Vozes.
- Fehr, B. (1988). Prototype analysis of the concepts of love and commitment. *Journal of Personality and Social Psychology*, *55*(4), 557–579. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.55.4.557>
- Fehr, B. (1994). Prototype-based assessment of laypeople's views of love. *Personal Relationships*, *1*(4), 309–331. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1994.tb00068.x>
- Fehr, B., & Russell, J. A. (1984). Concept of emotion viewed from a prototype perspective. *Journal of Experimental Psychology: General*, *113*(3), 464–486. <https://doi.org/10.1037/0096-3445.113.3.464>
- Fialho, P., Coheur, L., & Quaresma, P. (2020). Benchmarking natural language inference and semantic textual similarity for Portuguese. *Information (Switzerland)*, *11*(10), 474–484. <https://doi.org/10.3390/info11100484>
- Field, A. (2020). *Descobrendo a estatística usando o SPSS* (Vol. 1). Artmed.

-
- Fincham, F. D., May, R. W., & Kamble, S. v. (2019). Are hindu representations of the divine prototypically structured? *Psychology of Religion and Spirituality, 11*(2), 101–110. <https://doi.org/10.1037/rel0000166>
- Finlay, M., & Starmans, C. (2022). Not the same same: Distinguishing between similarity and identity in judgments of change. *Cognition, 218*. <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2021.104953>
- Fodor, J. A. (1998). Concepts: Where Cognitive Science Went Wrong. In *The Philosophical Review*. Clarendon. <https://doi.org/10.2307/2693638>
- Froni, F., & Rumiati, R. I. (2017). Food Perception and Categorization: From Food/No-Food to Different Types of Food. *Handbook of Categorization in Cognitive Science: Second Edition*, 271–287. <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-101107-2.00012-9>
- Forti, S., Serbena, C. A., & Scaduto, A. A. (2020). Spirituality/religiousity measurement and health in brazil: A systematic review. *Ciencia e Saude Coletiva, 25*(4). <https://doi.org/10.1590/1413-81232020254.21672018>
- Foster-Hanson, E., Roberts, S. O., Gelman, S. A., & Rhodes, M. (2021). Categories convey prescriptive information across domains and development. *Journal of Experimental Child Psychology, 212*, 105–131. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2021.105231>
- França, L. C. M., Tosoli Gomes, A. M., Pecly Wolter, R. M., Collares-da-Rocha, J. C. C., Santos Couto, P. L., Santana Peixoto, Á. R., Pereira, G. L., Figueiredo Nogueira, V. P., & Santos, C. S. (2020). Representações sociais de Deus para participantes de festividades católicas na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Caminhos - Revista de Ciências Da Religião, 18*(3), 1067–1083. <https://doi.org/10.18224/cam.v18i3.8129>

-
- Franek, J. (2014). Has the cognitive science of religion (re)defined “religion”? *Religio*, 22(1), 3–27.
- Galesic, M., Walkyria Goode, A., Wallsten, T. S., & Norman, K. L. (2018). Using Tversky’s contrast model to investigate how features of similarity affect judgments of likelihood. *Judgment and Decision Making*, 13(2), 163–169.
- Galton, F. (1879). Psychometric experiments. *Brain*, 2(2), 149–162.
<https://doi.org/10.1093/brain/2.2.149>
- Gavanski, I., & Roskos-Ewoldsen, D. R. (1991). Representativeness and Conjoint Probability. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 181–194.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.181>
- Glucksberg, S., & Keysar, B. (1990). Understanding metaphorical comparisons: Beyond similarity. *Psychological Review*, 97(1). <https://doi.org/10.1037/0033-295X.97.1.3>
- Grafman, J., Cristofori, I., Zhong, W., & Bulbulia, J. (2020). The Neural Basis of Religious Cognition. *Current Directions in Psychological Science*, 29(2), 126–133.
<https://doi.org/10.1177/0963721419898183>
- Greco, A., & Moretti, S. (2017). Use of evidence in a categorization task: analytic and holistic processing modes. *Cognitive Processing*, 18, 431–446. <https://doi.org/10.1007/s10339-017-0829-2>
- Greenway, T. S., Foley, G. S., Brianna, N., & Barrett, J. L. (2017). Dogs, Santa Claus, and Sun Wukong: Children’s Understanding of Nonhuman Minds. In R. Hornbeck, J. L. Barrett, & M. Kang (Eds.), *Religious Cognition in China: Homo Religiosus and the dragon* (pp. 68–95). Springer US.

-
- Gregory, J. (2014). *Exploring counterintuitiveness: template and schema level effects*. University of Oxford.
- Hall, D. E., Meador, K. G., & Koenig, H. G. (2008). Measuring religiousness in health research: Review and critique. *Journal of Religion and Health, 47*(2), 134–163.
<https://doi.org/10.1007/s10943-008-9165-2>
- Hampton, J. A. (2006). Concepts as Prototypes. In *Psychology of Learning and Motivation - Advances in Research and Theory* (Vol. 46, pp. 79–113). [https://doi.org/10.1016/S0079-7421\(06\)46003-5](https://doi.org/10.1016/S0079-7421(06)46003-5)
- Hartikainen, E. I. (2019). Candomblé and the Academic's Tools: Religious Expertise and the Binds of Recognition in Brazil. *American Anthropologist, 121*(4), 815–829.
<https://doi.org/10.1111/aman.13272>
- Hauser, M. D., Chomsky, N., & Fitch, W. T. (2002). The Faculty of Language: What Is It, Who Has It, and How Did It Evolve? *Science, 298*(2002), 1569–1579.
<https://doi.org/10.1126/science.298.5598.1569>
- Henrich, J., Heine, S. J., & Norenzayan, A. (2010). Most people are not WEIRD. In *Nature*.
<https://doi.org/10.1038/466029a>
- Holleman, G. A., Hooge, I. T. C., Kemner, C., & Hessels, R. S. (2020). The ‘Real-World Approach’ and Its Problems: A Critique of the Term Ecological Validity. *Frontiers in Psychology, 0*, 721. <https://doi.org/10.3389/FPSYG.2020.00721>
- Hollier, J., Clifton, S., & Smith-Merry, J. (2022). Mechanisms of religious trauma amongst queer people in Australia's evangelical churches. *Clinical Social Work Journal, 50*(3), 275–285.
<https://doi.org/10.1007/s10615-022-00839-x>

-
- Hommel, B., & Colzato, L. S. (2010). Religion as a control guide: On the impact of religion on cognition. *Zygon*. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9744.2010.01116.x>
- Hommel, B., & Colzato, L. S. (2017). The social transmission of metacontrol policies: Mechanisms underlying the interpersonal transfer of persistence and flexibility. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, *81*, 43–85. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2017.01.009>
- Hong, P., Parente, M. A. de M. P., Claessens, P. M. E., & Galduróz, R. F. (2020). Construção e Avaliação para 15 Listas de Palavras Baseadas no Paradigma Deese-Roediger-McDermott. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *36*, 22–36. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3622>
- Hoogeveen, S., Snoek, L., & van Elk, M. (2020). Religious belief and cognitive conflict sensitivity: A preregistered fMRI study. *Cortex*, *129*, 247–265. <https://doi.org/10.1016/J.CORTEX.2020.04.011>
- Hosseini, S., Chaurasia, A., & Oremus, M. (2019). The Effect of Religion and Spirituality on Cognitive Function: A Systematic Review. *The Gerontologist*, *59*(2), E76–E85. <https://doi.org/10.1093/GERONT/GNX024>
- Huber, S., & Huber, O. W. (2012). The Centrality of Religiosity Scale (CRS). *Religions*, *3*, 710–724. <https://doi.org/10.3390/rel3030710>
- Huber, S., & Klein, C. (2009). Faith or morality? ‘Theological sediments’ depending on the centrality, content, and social context of personal religious construct systems. In *Empirical Theology in Texts and Tables* (pp. 247–267). BRILL. <https://doi.org/10.1163/ej.9789004168886.i-408.93>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2010). IBGE Censo 2010. In *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. <http://censo2010.ibge.gov.br/>

- Ittész, G., Sipos-Bielochradzky, B., Béres, O., & Pilinszki, A. (2017). Salvation and religiosity: The predictive strength and limitations of a rokeach value survey item. *European Journal of Mental Health, 12*(1). <https://doi.org/10.5708/EJMH.12.2017.1.1>
- Janczura, G. A. (1995). Por que não modelos prototípicos? *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 11*(2), 95–110.
- Janczura, G. A. (1996). Normas associativas para 69 categorias semânticas. *Psicologia - Teoria e Pesquisa.*
- Janczura, G. A. (2005). Contexto e normas de associação para palavras: A redução do campo semântico. *Paidéia (Ribeirão Preto)*. <https://doi.org/10.1590/s0103-863x2005000300011>
- Janczura, G. A., Castilho, G. M., Keller, V. N., & Oliveira, N. R. (2016). Normas de associação livre para 1004 palavras do Português Brasileiro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 32*(5), spe. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32ne23>
- Janczura, G. A., Castilho, G. M., & Oliveira, N. R. (2016). Normas do tamanho da categoria para 906 palavras da língua Portuguesa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 32*(4). <https://doi.org/10.1590/0102.3772e32423>
- Janczura, G. A., Castilho, G. M., Rocha, N. O., van Erven, T. de J. C., & Huang, T. P. (2007). Normas de concretude para 909 palavras da língua portuguesa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 23*(2), 195–204. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722007000200010>
- Janczura, G. A., & Nelson, D. L. (1999). Concept accessibility as the determinant of typicality judgments. *American Journal of Psychology, 112*(1), 1–19. <https://doi.org/10.2307/1423622>
- Janczura, G. A., & Nelson, D. L. (2006a). A hipótese da acessibilidade conceitual para a tipicidade e a produção linguística. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 19*(3), 491–497.

- Janczura, G. A., & Nelson, D. L. (2006b). The hypothesis of conceptual accessibility for typicality and linguistic production. *Psicologia: Reflexao e Critica*, 19(3).
<https://doi.org/10.1590/s0102-79722006000300018>
- Jay, T., Caldwell-Harris, C., & King, K. (2008). Recalling taboo and nontaboo words. *American Journal of Psychology*, 121(01), 83–103. <https://doi.org/10.2307/20445445>
- Johnson, M. K., Rowatt, W. C., & LaBouff, J. (2010). Priming Christian Religious Concepts Increases Racial Prejudice. *Social Psychological and Personality Science*, 1(2), 119–126.
<https://doi.org/10.1177/1948550609357246>
- Kaden, T., Jones, S., Catto, R., & Elsdon-Baker, F. (2018). Knowledge as Explanandum: Disentangling Lay and Professional Perspectives on Science and Religion. *Studies in Religion/Sciences Religieuses*, 47(4), 500–521. <https://doi.org/10.1177/0008429817741448>
- Kahneman, D. (2012). Rápido e Devagar: Duas formas de pensar. In *Objetiva*.
<https://doi.org/10.1007/s13398-014-0173-7.2>
- Kahneman, D., & Tversky, A. (1972). Subjective probability: A judgment of representativeness. *Cognitive Psychology*, 3(3). [https://doi.org/10.1016/0010-0285\(72\)90016-3](https://doi.org/10.1016/0010-0285(72)90016-3)
- Kalyuga, S., Renkl, A., & Paas, F. (2010). Facilitating flexible problem solving: A cognitive load perspective. In *Educational Psychology Review* (Vol. 22, Issue 2).
<https://doi.org/10.1007/s10648-010-9132-9>
- Kapucu, A., Kılıç, A., Özkılıç, Y., & Sarıbaz, B. (2021). Turkish Emotional Word Norms for Arousal, Valence, and Discrete Emotion Categories. *Psychological Reports*, 124(1).
<https://doi.org/10.1177/0033294118814722>
- Keil, F. C. (1989). *Concepts, kinds, and cognitive development* (L. Gleitman, S. Carey, E. L. Newport, & E. S. Spelke, Eds.). MIT Press. <https://doi.org/10.2307/415569>

- Kindermann, K., & Riegel, U. (2018). Experiencing churches as spiritual and religious places: a study on children's emotions in church buildings during scholastic field trips. *British Journal of Religious Education*, 40(2), 136–147.
<https://doi.org/10.1080/01416200.2016.1209458>
- Kirby, M. (2008). *The Impact of Religious Schema on Critical Thinking Skills* [Utah University].
<https://digitalcommons.usu.edu/etd/10>
- Koenig, H. G. (1995). Religion as Cognitive Schema. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 5(1). https://doi.org/10.1207/s15327582ijpr0501_4
- Krawczyk, M. W., & Rachubik, J. (2019). The representativeness heuristic and the choice of lottery tickets: A field experiment. *Judgment and Decision Making*, 14(1), 51–57.
- Kristensen, C. H., Gomes, C. F. de A., Justo, A. R., & Vieira, K. (2011). Normas brasileiras para o Affective Norms for English Words. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 33(3), 95–96. <https://doi.org/10.1590/S2237-60892011000300003>
- Kteily, N. S., & Landry, A. P. (2022). Dehumanization: trends, insights, and challenges. In *Trends in Cognitive Sciences* (Vol. 26, Issue 3, pp. 222–240).
<https://doi.org/10.1016/j.tics.2021.12.003>
- Kurdi, B., Lozano, S., & Banaji, M. R. (2016). Introducing the Open Affective Standardized Image Set (OASIS). *Behavior Research Methods* 2016 49:2, 49(2), 457–470.
<https://doi.org/10.3758/S13428-016-0715-3>
- L. Stern, F., & Oliva da Costa, M. (2017). Metodologias desenvolvidas pela genealogia intelectual da ciência da religião. *Sacrilegens*, 14(1), 70–89. <https://doi.org/10.34019/2237-6151.2017.v14.26967>

-
- Labov, W. (1973). The boundaries of the words and their meanings. In C. Bailey & R. Shuy (Eds.), *New Ways of Analysing Variation in English*. Georgetown University Press.
- Ladd, K., Zangari, W., Esperandio, M. R., & Freitas, M. (2019). *Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: Estado atual e oportunidades futuras*. Editora CRV.
- Lambert, N. M., Fincham, F. D., & Graham, S. M. (2011). Understanding the layperson's perception of prayer: A prototype analysis of prayer. *Psychology of Religion and Spirituality*, 3(1), 55–65. <https://doi.org/10.1037/a0021596>
- Lambert, N. M., Graham, S. M., & Fincham, F. D. (2009). A prototype analysis of gratitude: Varieties of gratitude experiences. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 35(9), 1193–1207. <https://doi.org/10.1177/0146167209338071>
- Lanseng, E. J., & Sivertsen, H. K. (2019). The roles of schema incongruity and expertise in consumers' wine judgment. *Food Quality and Preference*, 71, 261–269. <https://doi.org/10.1016/j.foodqual.2018.07.004>
- Lau, S. (1989). Religious schema and value. *International Journal of Psychology*, 24(1–5), 137–156. <https://doi.org/10.1080/00207594.1989.10600039>
- Lawrence, S., & Margolis, E. (1999). *Concepts: Core Readings*. Massachusetts Institute of Technology.
- Lee, K. Y., Reis, H. T., & Rogge, R. D. (2020). Seeing the World in Pink and Blue: Developing and Exploring a New Measure of Essentialistic Thinking about Gender. *Sex Roles*, 83(11–12), 685–705. <https://doi.org/10.1007/s11199-020-01141-1>
- Legare, C. H., & Gelman, S. (2008). Bewitchment, biology, or both: the co-existence of natural and supernatural explanatory frameworks across development. *Cognitive Science*, 32(4), 607–642. <https://doi.org/10.1080/03640210802066766>

-
- Liefbroer, A. I., van der Braak, A. F. M., & Kalsky, M. (2018). Multiple Religious Belonging among visitors of Dominican spiritual centers in the Netherlands. *Journal of Contemporary Religion, 33*(3). <https://doi.org/10.1080/13537903.2018.1535362>
- Lieto, A. (2014). A computational framework for concept representation in cognitive systems and architectures: concepts as heterogeneous proxytypes. *Procedia Computer Science, 41*, 6–14. <https://doi.org/10.1016/J.PROCS.2014.11.078>
- Lima, M. F. R. de, & Buratto, L. G. (2021). Norms for familiarity, concreteness, valence, arousal, wordlikeness, and recall accuracy for Swahili–Portuguese word pairs. *SAGE Open, 11*(1). <https://doi.org/10.1177/2158244020988524>
- Lomônaco, J., Capovilla, A., Costa, C., Albernaz, J., & Aguiar, R. (2000). Desenvolvimento De Conceitos: O paradigma das descobertas. *PSicologia Escolar e Educacional, 4*(2).
- Lomônaco, J. F. (1997). *A natureza dos conceitos: Visões psicológicas* [Tese de livre docência]. Universidade de São Paulo.
- Lühr, M., Streib, H., & Klein, C. (2018). Inter-Religious prejudice in context: Prejudice against black persons, homosexuals and women, and the role of the violence legitimizing norms of masculinity. In H. Streib & C. Klein (Eds.), *Xenosophia and Religion. Biographical and Statistical Paths for a Culture of Welcome* (pp. 203–229). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-74564-0_7
- Machery, E. (2007). 100 years of psychology of concepts: the theoretical notion of concept and its operationalization. *Studies in History and Philosophy of Science Part C :Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*. <https://doi.org/10.1016/j.shpsc.2006.12.005>

-
- Margolis, E., & Laurence, S. (2007). The ontology of concepts - Abstract objects or mental representations? *Nous*, *41*(4), 561–593. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0068.2007.00663.x>
- Mariano, R. (2007). O Futuro não será Protestante. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*. <https://doi.org/10.22456/1982-2650.2153>
- Mariano, R. (2013). Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. *Debates Do NER*, *24*, 119–137.
- Markman, A. B. (2002). Knowledge Representation. In *Stevens' Handbook of Experimental Psychology*. John Wiley & Sons, Inc. <https://doi.org/10.1002/0471214426.pas0205>
- Marková, I. (2017). A fabricação da teoria de representações sociais. *Cadernos de Pesquisa*, *47*(163), 358–375. <https://doi.org/10.1590/198053143760>
- Marques, J. F., Alves, M., Borges, M., Casqueiro, I., Dziuba, A., Ferreira, J., Galriça, I., Pardal, R., & Sequeira, M. (2013). Normas de associação livre para 200 palavras de diferentes níveis de concreteza. *Laboratório de Psicologia*, *11*(1). <https://doi.org/10.14417/lp.712>
- May, R. W., & Fincham, F. D. (2018). Deity representation: A prototype approach. *Archive for the Psychology of Religion/Archiv Für Religionpsychologie*, *40*, 258–286. <https://doi.org/10.1163/15736121-12341361>
- Mayr, S., Erdfelder, E., & Buchner, A. (2017). G Power 3.1 manual. *Tutorials in Quantitative Methods for Psychology*, *76*(2), 51–59.
- McCutcheon, R., & Geertz, A. (2000). Perspectives on Method and Theory in the Study of Religion: Adjunct Proceedings of the. In A. W. Geertz & R. T. McCutcheon (Eds.), *Xviiith Congress of the International Association for the History of Religions* (p. 350). Brill.

-
- McIntosh, D. N. (1995). Religion-as-Schema with implications for the relation between religion and coping. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 5(1), 1–16.
https://doi.org/10.1207/S15327582IJPR0501_1
- Medin, D. L., Goldstone, R. L., & Gentner, D. (1990). Similarity involving attributes and relations: Judgments of similarity and difference are not inverses. *Psychological Science*, 1(1), 64–69. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.1990.tb00069.x>
- Minda, J. P. (2021). The Psychology of Thinking. In *The Psychology of Thinking* (2nd ed.). Sage.
<https://doi.org/10.4135/9781473920262.n4>
- Murdock, G. P., & White, D. R. (1969). Standard Cross-Cultural Sample. *Ethnology*, 8(4), 329–369. <https://doi.org/10.2307/3772907>
- Murphy, G. (2002). *The big book of concepts*. MIT Press.
<https://doi.org/10.1017/S030500090300597X>
- Murphy, G. (2010). What are categories and concepts? In D. Mareschal, P. C. Quinn, & S. E. G. Lea (Eds.), *The Making of Human Concepts* (Vol. 1, pp. 11–28). Oxford University Press.
<https://doi.org/10.1093/ACPROF:OSO/9780199549221.003.02>
- Murphy, G. (2016). Is there an exemplar theory of concepts? *Psychonomic Bulletin and Review*, 23, 1035–1042. <https://doi.org/10.3758/s13423-015-0834-3>
- Murphy, G. L., & Medin, D. L. (1985). The role of theories in conceptual coherence. *Psychological Review*, 92(3), 289–316. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.92.3.289>
- Napoleao, W., Gomes, A., & Katsurayama, M. (2015). A visão dos universitários sobre o papel do psicólogo: uma representação social. *Psicologia Em Revista*, 20(2), 234–242.
<https://doi.org/10.5752/p.1678-9523.2014v20n2p232>

- Neisser, U. (1977). Cognition and Reality. In *The American Journal of Psychology* (Vol. 9, Issue 3). W. F. Freeman. <https://doi.org/10.2307/1421888>
- Nelson, D. L., McEvoy, C. L., & Bajo, M. T. (1988). Lexical and semantic search in cued recall, fragment completion, perceptual identification, and recognition. *American Journal of Psychology*, *101*, 465–480.
- Nelson, D. L., & Schreiber, T. A. (1992). Word concreteness and word structure as independent determinants of recall. *Journal of Memory and Language*, *31*(2), 237–260.
[https://doi.org/10.1016/0749-596X\(92\)90013-N](https://doi.org/10.1016/0749-596X(92)90013-N)
- Nongbri, B. (2013). *Before religion: A history of a modern concept*. Yale University Press.
- Oliveira, J. S. de. (2003). "Brasil mostra a tua cara": *Imagens da população brasileira nos censos demográficos de 1872 a 2000*. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=22434>
- Oliveira, M. B. (1991). Conceitos e estrutura mental. *Trans/Form/Ação*, *14*, 73–91.
<https://doi.org/10.1590/S0101-31731991000100004>
- Oliveira, N. R., Janczura, G. A., & Castilho, G. M. (2013). Normas de alerta e valência para 908 palavras da língua portuguesa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *29*(2), 182–200.
<https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200008>
- Oman, D. (2015). Defining religion and spirituality. In R. Paloutzian & C. Park (Eds.), *Handbook of Religion and Spirituality* (pp. 23–48). The Guilford Press.
- O'Neill, K., Liu, A., Yin, S., Brady, T., & De Brigard, F. (2022). Effects of category learning strategies on recognition memory. *Memory and Cognition*, *50*(3), 512–526.
<https://doi.org/10.3758/s13421-021-01207-9>

-
- Ost, J., Udell, J., Dear, S., Zinken, J., Blank, H., & Costall, A. (2022). The serial reproduction of an urban myth: revisiting Bartlett's schema theory. *Memory*, *30*(6), 775–783. <https://doi.org/10.1080/09658211.2022.2059514>
- Over, H. (2021). Seven challenges for the dehumanization hypothesis. *Perspectives on Psychological Science*, *16*(1), 3–13. <https://doi.org/10.1177/1745691620902133>
- Oviedo, L. (2015). Religious cognition as a dual-process: Developing the model. *Method and Theory in the Study of Religion*, *27*(1), 31–58. <https://doi.org/10.1163/15700682-12341288>
- Pachur, T., Hertwig, R., & Steinmann, F. (2012). How do people judge risks: Availability heuristic, affect heuristic, or both? *Journal of Experimental Psychology: Applied*, *18*(3), 2003–2015. <https://doi.org/10.1037/a0028279>
- Paglieri, F., Borghi, A. M., Colzato, L. S., Hommel, B., & Scorolli, C. (2013). Heaven can wait. How religion modulates temporal discounting. *Psychological Research*, *77*(6), 738–747. <https://doi.org/10.1007/s00426-012-0473-5>
- Paiva, G. J. de. (1999). Representação social da religião em docentes-pesquisadores universitários. *Psicologia USP*, *10*(2), 227–239. <https://doi.org/10.1590/S0103-65641999000200015>
- Paloutzian, R. F., & Smith, B. S. (1995). The Utility of the Religion-as-Schema Model. *The International Journal for the Psychology of Religion*, *5*(1), 17–22. https://doi.org/10.1207/S15327582IJPR0501_2
- Paluck, E. L., Green, S. A., & Green, D. P. (2019). The contact hypothesis re-evaluated. *Behavioural Public Policy*, *3*(2), 129–158. <https://doi.org/10.1017/bpp.2018.25>

-
- Porubanova, M., Shaw, D. J., McKay, R., & Xygalatas, D. (2014). Memory for Expectation-Violating Concepts: The Effects of Agents and Cultural Familiarity. *PLOS ONE*, 9(4), e90684. <https://doi.org/10.1371/JOURNAL.PONE.0090684>
- Postman, L., & Keppel, G. (1970). *Norms of word association* (L. Postman & G. Keppel, Eds.). Academic Press.
- Pozo, J. I. (2002). *Teorias Cognitivas da Aprendizagem*. Artmed Editora.
- Prandi, C., & Filoramo, G. (2012). *As Ciências das Religiões*. Paulus.
- Purzycki, B. G. (2010). Cognitive architecture, humor and counterintuitiveness: Retention and recall of MCIs. *Journal of Cognition and Culture*, 10(1–2), 189–204. <https://doi.org/10.1163/156853710X497239>
- Purzycki, B. G., & Willard, A. K. (2015). MCI theory: a critical discussion. *Religion, Brain & Behavior, Advance Pr*(October), 1–42. <https://doi.org/10.1080/2153599X.2015.1024915>
- Pyysiäinen, I. (2021). How Religion Works. In *How Religion Works*. <https://doi.org/10.1163/9789004496217>
- Quine, W. V. O. (1977). Natural kinds. In S. P. Schwartz (Ed.), *Naming, necessity, and natural kinds* (pp. 155–175). Cornell University Press.
- Rabêlo, F. C., Dias, R. R., & Martins, K. P. H. (2022). A articulação teórica da associação livre. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 73(2), 83–99. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2021v73i2p.83-99>
- Rachlin, H. (1989). *Judgment, Decision, and Choice: A Cognitive/Behavioral Synthesis* (Times Books, Ed.).
- Reboul, A. (2017). *Cognition and communication in the evolution of language*. Oxford University Press.

-
- Ribeiro, M. F. F. (2018). *O conceito Deus em crianças cristãs: O antropomorfismo e o uso das imagens religiosas*. Universidade de São Paulo.
- Ribeiro, M., Franco, R., Santos, V., Dolenga, F., & Tafuri, B. (2023, September). Coping strategies and religious transit in sexual minorities in Brazil. *IAPR Conference - International Association for the Psychology of Religion*.
- Richert, R. A., & Corriveau, K. H. (2022). Development of religious cognition. *Annual Review of Developmental Psychology*, 4(1). <https://doi.org/10.1146/annurev-devpsych-120920-041303>
- Roazzi, M. M., Johnson, C. N., Nyhof, M., Koller, S. H., & Roazzi, A. (2015). Vital energy and afterlife: Implications for cognitive science of religion. *Paideia*, 25(61), 145–152. <https://doi.org/10.1590/1982-43272561201502>
- Rosch, E. (1975a). Cognitive reference points. *Cognitive Psychology*, 7(4). [https://doi.org/10.1016/0010-0285\(75\)90021-3](https://doi.org/10.1016/0010-0285(75)90021-3)
- Rosch, E. (1975b). Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology: General*, 104(3), 192–233. <https://doi.org/10.1037/0096-3445.104.3.192>
- Rosch, E. (1978). Principals of Categorization. In E. Margolis & S. Laurence (Eds.), *Concepts: Core Readings*. MIT Press.
- Rosch, E., & Carolyn, M. (1975). Family Resemblance: Studies in the internal structure of categories. *Cognitive Psychology*, 605(7), 573–605.
- Rosch, E., & Lloyd, B. B. (1978). Cognition and Categorization. *The American Journal of Psychology*, 92(3), 27–48. <https://doi.org/10.2307/1421578>
- Rothman, A., & Coyle, A. (2018). Toward a framework for islamic Psychology and Psychotherapy: an islamic model of the soul. *Journal of Religion and Health*, 57(5), 1731–1744. <https://doi.org/10.1007/s10943-018-0651-x>

-
- Rotolo, M. (2020). Religion Imagined: The conceptual substructures of american religious understandings. *Sociological Forum*, 35(1), 167–188. <https://doi.org/10.1111/SOCF.12572>
- Rubínová, E., Blank, H., Koppel, J., & Ost, J. (2021). Schema and deviation effects in remembering repeated unfamiliar stories. *British Journal of Psychology*, 112(1). <https://doi.org/10.1111/bjop.12449>
- Rumelhart, D. E., & Ortony, A. (2014). La representación del conocimiento en la memoria. *Http://Dx.Doi.Org/10.1080/02103702.1982.10821949*, 5(19–20), 115–158. <https://doi.org/10.1080/02103702.1982.10821949>
- Saler, B. (1993). *Conceptualizing Religion: Immanent anthropologists, transcendent natives, and unbounded categories*. Berghahn Books.
- Saler, B. (2008). Conceptualizing religion: Some recent reflections. *Religion*, 38(3), 219–225. <https://doi.org/10.1016/j.religion.2008.03.008>
- Saler, B. (2010). Theory and criticism: The cognitive science of religion. *Method & Theory in the Study of Religion*, 22(4), 330–339. <https://doi.org/10.1163/157006810X531111>
- Salles, J. F. de, Holderbaum, C. S., Becker, N., Rodrigues, J. de C., Liedtke, F. V., Zibetti, M. R., & Piccoli, L. F. (2008). Normas de associação semântica para 88 palavras do português brasileiro. *Psico*, 39(3).
- Sanders, C. A., & Nosofsky, R. M. (2020). Training deep networks to construct a psychological feature space for a natural-object category domain. *Computational Brain and Behavior*, 3(3), 229–251. <https://doi.org/10.1007/s42113-020-00073-z>
- Santos, C., & Michaels, J. L. (2020). What are the core features and dimensions of “spirituality”? applying a partial prototype analysis to understand how laypeople mentally represent

spirituality as a concept. *Psychology of Religion and Spirituality*, 14(1), 10–20.

<https://doi.org/10.1037/REL0000380>

Sardinha, T. B. (2003). *The bank of Portuguese*. <http://lael.pucsp.br/direct>

Saroglou, V., Clobert, M., Cohen, A. B., Johnson, K. A., Ladd, K. L., Van Pachterbeke, M., Adamovova, L., Blogowska, J., Brandt, P. Y., Çukur, C. S., Hwang, K. K., Miglietta, A., Motti-Stefanidi, F., Muñoz-García, A., Murken, S., Roussiau, N., & Tapia Valladares, J. (2020). Believing, Bonding, Behaving, and Belonging: The cognitive, emotional, moral, and social dimensions of religiousness across cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 51(7–8). <https://doi.org/10.1177/0022022120946488>

Schilbrack, K., & Cruz, E. R. (2022). O conceito de religião. *REVER: Revista de Estudos Da Religião*, 22(2), 207–236. <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2021vol22i2a15>

Schnabel, L. (2018). More religious, less dogmatic: Toward a general framework for gender differences in religion. *Social Science Research*, 75, 58–72.

<https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2018.06.010>

Scott, W. A. (1959). Empirical assessment of values and ideologies. *American Sociological Review*, 24(3), 299–310. <https://doi.org/10.2307/2089378>

Shipman, A. C. S., & Boster, J. S. (2008). Recall, similarity judgment, and identification of trees: A comparison of experts and novices. *Ethos*, 36(2), 171–193. <https://doi.org/10.1111/j.1548-1352.2008.00010.x>

Silva, T. M. M., Ribeiro, M. F. F., & Fonseca, R. S. da. (2019). Acerca do modelo padrão de Ciência Cognitiva da Religião. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, 10(1), 156–182.

Slingerland, E., & Chudek, M. (2011). The prevalence of mind-body dualism in early china. *Cognitive Science*, 35(5), 997–1007. <https://doi.org/10.1111/j.1551-6709.2011.01186.x>

- Slone, D. J. (2005). *Theological incorrectness: Why do religious people believe what they shouldn't*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/0195169263.001.0001>
- Smith, J. (1998). Religion, Religions, Religious. *Critical Terms for Religious Studies*, 73(4), 269–284. <https://doi.org/10.1093/nq/s4-XII.289.27-g>
- Smith, P., Milfont, T., & Filho, N. (2023). Psicologia Social Transcultural em relação ao Brasil. In *Psicologia Social: Principais temas e vertentes* (2nd ed., Vol. 1, pp. 28–46). Artmed.
- Strull, T. K., & Wyer, R. S. (1979). The role of category accessibility in the interpretation of information about persons: Some determinants and implications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37(10), 1660–1672. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.37.10.1660>
- Stausberg, M., & Gardiner, M. Q. (2016). Definition. In M. Stausberg & S. Engler (Eds.), *The Oxford Handbook of the Study of Religion* (pp. 1–24). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198729570.013.1>
- Stein, L. M., & Gomes, C. F. de A. (2009). Normas brasileiras para listas de palavras associadas: Associação semântica, concretude, frequência e emocionalidade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(4), 537–546. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722009000400009>
- Sternberg, J. R., & Sternberg, K. (2017). *Psicologia Cognitiva* (2 edição). Cengage Learning.
- Stoet, G. (2010). PsyToolkit: A software package for programming psychological experiments using Linux. *Behavior Research Methods*, 42(4), 1096–1104. <https://doi.org/10.3758/BRM.42.4.1096>
- Stoet, G. (2017). PsyToolkit: a novel web-based method for running online questionnaires and reaction-time experiments. *Teaching of Psychology*, 44(1), 24–31. <https://doi.org/10.1177/0098628316677643>

-
- Stolwijk, S., & Vis, B. (2021). Politicians, the Representativeness Heuristic and Decision-Making Biases. *Political Behavior*, 43(4). <https://doi.org/10.1007/s11109-020-09594-6>
- Streib, H., Hood, R. W., & Klein, C. (2010). The Religious Schema Scale: Construction and initial validation of a quantitative measure for religious styles. *International Journal for the Psychology of Religion*, 20(3), 151–172. <https://doi.org/10.1080/10508619.2010.481223>
- Stubbersfield, J., & Tehrani, J. (2013). Expect the Unexpected? Testing for Minimally Counterintuitive (MCI) Bias in the Transmission of Contemporary Legends: A Computational Phylogenetic Approach. *Social Science Computer Review*, 31(1), 90–102. <https://doi.org/10.1177/0894439312453567>
- Sun, X., Meng, Y., Ao, X., Wu, F., Zhang, T., Li, J., & Fan, C. (2022). Sentence similarity based on contexts. *Transactions of the Association for Computational Linguistics*, 10, 573–588. https://doi.org/10.1162/tacl_a_00477
- Taves, A., Asprem, E., & Ihm, E. (2018). Psychology, meaning making, and the study of worldviews: Beyond religion and non-religion. *Psychology of Religion and Spirituality*, 10(3), 207–217. <https://doi.org/10.1037/rel0000201>
- Tran, L. T. P., & Nguyen, D. T. T. (2022). Cultural Schemas: A study on the practice of funeral and marriage rites of the vietnamese catholic community. *European Journal for Philosophy of Religion*, 15(2), 176–219. <https://doi.org/10.24204/ejpr.2021.3879>
- Tsang, J. A., Al-Kire, R. L., & Ratchford, J. L. (2021). Prosociality and religion. *Current Opinion in Psychology*, 40, 67–72. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2020.08.025>
- Tulving, E., & Pearlstone, Z. (1966). Availability versus accessibility of information in memory for words. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 5(4), 381–391. [https://doi.org/10.1016/S0022-5371\(66\)80048-8](https://doi.org/10.1016/S0022-5371(66)80048-8)

-
- Tversky, A. (1977). Features of similarity. *Psychological Review*, 84(4), 327–352.
<https://doi.org/10.1037/0033-295X.84.4.327>
- Tversky, A., & Kahneman, D. (1973). Availability: A heuristic for judging frequency and probability. *Cognitive Psychology*, 5(2). [https://doi.org/10.1016/0010-0285\(73\)90033-9](https://doi.org/10.1016/0010-0285(73)90033-9)
- Tversky, A., & Kahneman, D. (1974). Judgment under uncertainty: Heuristics and biases. *Science*, 185(4157), 1124–1131. <https://doi.org/10.1126/science.185.4157.1124>
- Upal, M. A. (2010). An alternative account of the minimal counterintuitiveness effect. *Cognitive Systems Research*, 11(2), 194–203. <https://doi.org/10.1016/j.cogsys.2009.08.003>
- Usarski, F. (2013). Etimologia do termo religião e suas funções didáticas. *Diálogo - Revista de Ensino Religioso*, 14–19.
- Usarski, F. (2014). História da ciência da religião. *Revista de Ciberteologia*, 10(47), 139–150.
- van Elk, M., Rutjens, B. T., van der Pligt, J., & van Harreveld, F. (2016). Priming of supernatural agent concepts and agency detection. *Religion, Brain and Behavior*, 6(1), 4–33.
<https://doi.org/10.1080/2153599X.2014.933444>
- van Erven, T. de J. C. G., & Janczura, G. A. (2004). A memória dos idosos em tarefas complexas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(1), 59–68. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000100008>
- Van Overschelde, J. P., Rawson, K. A., & Dunlosky, J. (2004). Category norms: An updated and expanded version of the Battig and Montague (1969) norms. *Journal of Memory and Language*, 50(3), 289–335. <https://doi.org/10.1016/j.jml.2003.10.003>
- Viana, B. P. (2018). *Representações sociais de religião e religiosidade dos professores de sociologia do ensino médio*. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO.

-
- Villani, C., D'Ascenzo, S., Borghi, A. M., Roversi, C., Benassi, M., & Lugli, L. (2021). Is justice grounded? How expertise shapes conceptual representation of institutional concepts. *Psychological Research, 1*, 1–17. <https://doi.org/10.1007/S00426-021-01492-8/FIGURES/2>
- Wildman, W. J., Schjoedt, U., Sosis, R., & Bulbulia, J. (2018). “God Is Watching You” ... and might be influencing your brain, too. *Religion, Brain and Behavior, 8*(3).
<https://doi.org/10.1080/2153599X.2018.1486619>
- Wilhelm, I. (2020). Typical: A Theory of Typicality and Typicality Explanation.
<https://doi.org/10.1093/Bjps/Axz016>, 000–000. <https://doi.org/10.1093/Bjps/Axz016>
- Willard, A. K., & Norenzayan, A. (2013). Cognitive biases explain religious belief, paranormal belief, and belief in life's purpose. *Cognition, 129*(2), 379–391.
<https://doi.org/10.1016/j.cognition.2013.07.016>
- Wittgenstein, L. (1991). *Investigações Filosóficas*. Nova Cultural.
- Yearsley, J. M., Pothos, E. M., Barque-Duran, A., Trueblood, J. S., & Hampton, J. A. (2021). Context effects in similarity judgments. *Journal of Experimental Psychology: General, 151*(3), 711–717. <https://doi.org/10.1037/xge0001097>
- Zentall, T. R., Wasserman, E. A., Lazareva, O. F., Thompson, R. K. R., & Rattermann, M. J. (2008). Concept Learning in Animals. *Comparative Cognition & Behavior Reviews, 3*.
<https://doi.org/10.3819/ccbr.2008.30002>
- Zhao, C. (2018). Representativeness and Similarity. *SSRN Electronic Journal*.
<https://doi.org/10.2139/ssrn.3979419>

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TCLE)**

Prezado (a),

Gostaríamos de lhe convidar para participar de nossa pesquisa desenvolvida no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Estamos interessados em saber o que as pessoas pensam sobre Religião. A duração aproximada é de 15 minutos. A pesquisa é realizada individualmente.

Apenas o pesquisador responsável possuirá acesso ao material, resguardando, assim, o sigilo absoluto sobre quem respondeu a pesquisa e sobre o conteúdo gerado por elas. Assim como em qualquer pesquisa científica com seres humanos, nesta também existem riscos. Dentre eles, assinalamos um possível cansaço, estresse, desconforto emocional ou físico e a própria exposição do pensamento ao responder a pesquisa. Caso você sinta algum desconforto desse nível, você pode encerrar a pesquisa, sem qualquer prejuízo. Caso haja algum dano emocional de alguma ordem, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável pela pesquisa.

A sua participação na pesquisa é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Os resultados da pesquisa poderão ser utilizados em trabalhos científicos, publicados ou apresentados oralmente em congressos e palestras, sem revelar a identidade dos participantes.

Em caso de qualquer dúvida, você poderá entrar em contato, a qualquer momento, com os pesquisadores responsáveis através do e-mail matheusfelix.psi@gmail.com. Caso tenha dúvidas sobre questões éticas, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do

Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, ao qual esta pesquisa foi submetida. A pesquisa está sendo orientada pela Profa. Dra. Wânia Cristina de Souza da Universidade de Brasília, quem poderá ser contatada através do e-mail wcdeep@gmail.com.

Declaro que compreendi os objetivos da pesquisa e dos meus direitos enquanto participante, desejo continuar a pesquisa.

APÊNDICE B – ESCALA DE CENTRALIDADE RELIGIOSA

(CRS10-item03)

1. Com que frequência você costuma participar de serviços religiosos (cultos, missas, sessões, estudos bíblicos, reuniões, grupos de oração, etc.)?

Nunca. Uma vez por ano. Algumas vezes por ano. Uma vez por mês.

A cada 14 dias. Uma vez por semana. Várias vezes por semana.

2. Por favor, indique nas questões abaixo, qual o nível de interesse que você tem, ou, de importância que você dá aos seguintes conteúdos:

(CRS10-item 06) 2.1 Quanto você se interessa em aprender mais sobre assuntos religiosos?

O1 Nem um pouco. O2 Um pouco. O3 Mais ou menos. O4 Bastante. O5 MUITÍSSIMO

(CRS10-item 09) 2.2 Qual é a importância da oração pessoal para você

O1 Nem um pouco. O2 Um pouco. O3 Mais ou menos. O4 Bastante. O5 MUITÍSSIMO

(CRS10-item 02) 2.3 Até que ponto você acredita na existência de Deus ou de algo divino?

O1 Nem um pouco. O2 Um pouco. O3 Mais ou menos. O4 Bastante. O5 MUITÍSSIMO

(CRS10-item 08) 2.4 Que importância tem para você a participação em atividades religiosas

(cultos, missas, rituais religiosos, sessões; reuniões)

O1 Nem um pouco. O2 Um pouco. O3 Mais ou menos. O4 Bastante. O5 MUITÍSSIMO

(CRS10-item 07) 2.5 Até que ponto você acredita em vida após a morte – por exemplo, imortalidade da alma, ressurreição ou reencarnação?

O1 Nem um pouco. O2 Um pouco. O3 Mais ou menos. O4 Bastante. O5 MUITÍSSIMO

3. Por favor, indique a frequência com que as situações ou eventos abaixo ocorrem com você.

Com que frequência ...

(CRS10-item01) 3.1 ... você pensa sobre questões religiosas?

O1 Nunca. O2 Raramente. O3 Ocasionalmente. O4 Muitas vezes. O5 Frequentemente

(CRS10-item 10) 3.2 ... você passa por situações nas quais tem o sentimento de que Deus ou alguma coisa divina quer se comunicar ou revelar alguma coisa para você?

O1 Nunca. O2 Raramente. O3 Ocasionalmente. O4 Muitas vezes. O5 Frequentemente

(CRS10-item 05) 3.3 ... você passa por situações nas quais tem o sentimento de que Deus ou ser superior intervém em sua vida?

O1 Nunca. O2 Raramente. O3 Ocasionalmente. O4 Muitas vezes. O5 Frequentemente

(CRS10-item04)4. Com que frequência você normalmente ora/reza?

Nunca. Uma vez ao ano. Algumas vezes ao ano. Cerca de uma vez por mês. A cada 14 dias. Cerca de uma vez por semana. Várias vezes por semana. Cerca de uma vez por dia. Várias vezes ao dia.

APÊNDICE C – RESULTADOS DO CAMPO SEMÂNTICO RELIGIOSO

Associação livre do Estímulo Religião:

Deus (f =40, F.A.= 0,175), Fé (f=29, F.A.=0,127), Crença (f=17, F.A.=0,074), Controle (f=7, F.A.=0,031), Amor (f=6, F.A.=0,026), Igreja (f=6, F.A.=0,026), Dogma (f=6, F.A.=0,026), Acreditar (f=5, F.A.=0,022), Prisão (f=4, F.A.=0,017), Cultura (f=4, F.A.=0,017), Conexão (f=4, F.A.=0,017), Católico (f=4, F.A.=0,017), Vida (f=3, F.A.=0,013), União (f=3, F.A.=0,013), Regra (f=3, F.A.=0,013), Manipulação (f=3, F.A.=0,013), Jesus (f=3, F.A.=0,013), Espiritualidade (f=3, F.A.=0,013), Conforto (f=3, F.A.=0,013), Base (f=3, F.A.=0,013), Sagrado (f=2, F.A.=0,009), Religião (f=2, F.A.=0,009), Religioso (f=2, F.A.=0,009), Religar (f=2, F.A.=0,009), Preconceito (f=2, F.A.=0,009), Necessário (f=2, F.A.=0,009), Meio (f=2, F.A.=0,009), Ligação (f=2, F.A.=0,009), Intolerância (f=2, F.A.=0,009), Homem (f=2, F.A.=0,009), Espiritismo (f=2, F.A.=0,009), Esperança (f=2, F.A.=0,009), Doutrina (f=2, F.A.=0,009), Diferente (f=2, F.A.=0,009), Cristão (f=2, F.A.=0,009), Cristianismo (f=2, F.A.=0,009), Catolicismo (f=2, F.A.=0,009), Alienação (f=2, F.A.=0,009).

Atributos:

fé f=96, deus f=58, crença f=52, amor f=46, paz f=32, esperança f=25, caridade f=22, vida f=20, união f=19, espiritualidade f=19, dogma f=19, igreja f=18, acreditar f=18, regra f=15, doutrina f=15, grupo f=14, compaixão f=14, acolhimento f=14, social f=13, controle f=13, conforto f=13, comunidade f=13, culto f=12, templo f=11, respeito f=11, jesus f=10, sentido f=9, oração f=9, maior f=9, empatia f=9, cultura f=9, apoio f=9, tradição f=8, sagrado f=8, ritual f=8, preconceito f=8, força f=8, conexão f=8, bíblia f=8, valor f=7, solidariedade f=7, rezar f=7,

próximo f=7, moral f=7, mentira f=7, lugar f=7, liberdade f=7, espiritual f=7, devoção f=7, compromisso f=7, busca f=7, bondade f=7, alienação f=7, adoração f=7, rito f=6, prático f=6, medo f=6, fraternidade f=6, dogmático f=6, disciplina f=6, costume f=6, comunhão f=6, compreensão f=6, segurança f=5, salvação f=5, resposta f=5, mesmo f=5, instituição f=5, influenciar f=5, energia f=5, emocional f=5, doutrinação f=5, dar f=5, alegria f=5, ética f=4, princípio f=4, padre f=4, intolerância f=4, inferno f=4, história f=4, hipocrisia f=4, gratidão f=4, evolução f=4, estar f=4, entendimento f=4, ensinamento f=4, diversidade f=4, dinheiro f=4, céu f=4, cristo f=4, crer f=4, conjunto f=4, conhecimento f=4, comum f=4, coisa f=4, amizade f=4, alicerce f=4, viver f=3, vestimenta f=3, suporte f=3, servir f=3, sentir f=3, saúde f=3, santo f=3, sabedoria f=3, rígido f=3, respeitar f=3, religioso f=3, razão f=3, positividade f=3, política f=3, pensar f=3, pensamento f=3, opressão f=3, obediência f=3, natureza f=3, música f=3, mundo f=3, missa f=3, meditação f=3, manipulação f=3, machismo f=3, luz f=3, livro f=3, limitante f=3, julgamento f=3, ilusão f=3, hábito f=3, humano f=3, homem f=3, fuga f=3, fechado f=3, família f=3, estudo f=3, espírito f=3, específico f=3, divindade f=3, cultural f=3, cuidado f=3, criar f=3, consolo f=3, confiança f=3, conceito f=3, certeza f=3, bem estar f=3, base f=3, ação f=3, autoconhecimento f=3, aprendizado f=3, aceitação f=3, visão f=2, vez f=2, utilizar f=2, unidade f=2, temor f=2, superior f=2, senso f=2, seguir f=2, reunião f=2, resiliência f=2, reger f=2, refletir f=2, promessa f=2, presente f=2, preenchimento f=2, preceito f=2, pluralidade f=2, piedade f=2, pertencer f=2, perseverança f=2, passado f=2, orientação f=2, orientar f=2, organização f=2, ordem f=2, orar f=2, oferecer f=2, obrigação f=2, novo f=2, norma f=2, necessidade f=2, motivação f=2, momento f=2, mental f=2, massa f=2, líder f=2, louvor f=2, justificativo f=2, justificar f=2, interesse f=2, individual f=2, importante f=2, iludir f=2, igualdade f=2, identificação f=2, identidade f=2, humanidade f=2, homofobia f=2, harmonia f=2, futuro f=2,

forma f=2, filosofia f=2, felicidade f=2, fanatismo f=2, falha f=2, exploração f=2, estilo f=2, essencial f=2, espaço f=2, escolha f=2, equilíbrio f=2, entender f=2, encontro f=2, emoção f=2, dízimo f=2, doação f=2, diálogo f=2, divisão f=2, diverso f=2, discernimento f=2, diretor f=2, difícil f=2, despertar f=2, desespero f=2, dedicação f=2, coragem f=2, cooperação f=2, convencimento f=2, controlar f=2, conservador f=2, consciência f=2, compreender f=2, centro f=2, catequese f=2, casa f=2, branco f=2, bolha f=2, benevolência f=2, auxílio f=2, autoritarismo f=2, atitude f=2, aprender f=2, amparo f=2, alheio f=2, ajudar f=2, auto ajuda f=2, agir f=2, aconchego f=2.